

REGINA CÉLIA VAGO BRUNETTI

**AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO PRESIDENTE LULA
NUMA ABORDAGEM MODULAR: histórias contadas a
caminho da cova dos leões**

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006**

REGINA CÉLIA VAGO BRUNETTI

**AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO PRESIDENTE LULA
NUMA ABORDAGEM MODULAR: histórias contadas a
caminho da cova dos leões**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Lingüística, elaborada sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Oliveira Pires.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006**

*Para Victorino, meu pai amado, eterno sonhador,
e para Elza, minha mãe não menos amada, lutadora incansável,
por terem me ensinado a sonhar e a acreditar nos meus sonhos,
ainda lá na casinha branca,
próxima ao bambuzal...*

*Para Braz, meu esposo, pai dos meus príncipes,
por ter sido pai e mãe na minha ausência.*

*E para eles, os príncipes,
maior de todos os meus tesouros: Xande, Léo e Guga,
por serem a razão do meu viver.*

*Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
principia a vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...*

*A liberdade das almas
ai! com letras se elabora...
E dos ventos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro
e mais que o aço poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...*

*Ai, palavras, ai palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...*

*Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?*

Cecília Meireles.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, por toda a criatura.

Meu agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Oliveira Pires, exemplo de competência, sabedoria e generosidade, por ter-me conduzido pelos caminhos que possibilitaram a execução deste trabalho, de maneira sempre democrática, sábia, firme e delicada.

À minha família: meus pais, meu esposo, meus irmãos, meus filhos e sobrinho, pelo apoio incondicional e, acima de tudo, por terem compreendido a minha ausência durante esses “longos” anos.

À Marilene, minha cunhada e minha grande amiga, por ter ajudado meu esposo a educar meus filhos na minha ausência e, principalmente, por ter dado a eles carinho e proteção quando a distância me impedia de fazê-lo.

Ao Prof. Dr. Hugo Mari, que me acolheu com carinho, quando vim à Universidade Federal de Minas Gerais pela primeira vez, e me apontou os primeiros caminhos para a realização deste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Janice Helena Chaves Marinho, por ser sempre tão solícita e generosa em todas as vezes que dela precisei.

À Prof^a. Dr^a. Ida Lúcia Machado, pela acolhida e pela compreensão nos momentos de dificuldade.

À minha amiga Micheline, por alternar comigo as posições de interação “mestre” e “discípulo”, desde que nos conhecemos, no eterno e fantástico jogo da intersubjetividade.

À Jana, a mais encantadora, a mais divertida e a mais fiel das amigas mineiras, por ter me acolhido em terra das Gerais, e comigo feito parceria em eternas e intermináveis elucubrações.

Às minhas amigas Terezinha e Vanete, pela proteção, pelo carinho e pela generosidade com que me fizeram companhia nas longas viagens entre Colatina e BH.

Ao meu amigo Aurélio Takao, por me acolher em sua casa e por sua prontidão em me auxiliar, sempre, no reino da informática.

À “companheira” Rita Rolin Lievori, que, mesmo em tempos de desencanto, me forneceu dados e informações que muito contribuíram para a realização da pesquisa em torno do Fórum Social Mundial.

À Rita Polese, amiga de sempre, pela leitura atenta dos jornais, à cata de informações sobre o contexto sócio-político-econômico brasileiro.

Às minhas amigas das Faculdades Integradas Castelo Branco: Giovana, Karla, Arlete e Janaína, por terem me incentivado, cada uma a sua maneira, quando eu me sentia desesperadamente cansada.

Aos colegas das Faculdades Integradas Castelo Branco pelo apoio e carinho com que me recebiam a cada retorno.

Ao Mário Braga e ao Marinelson, pelo apoio na construção das “árvores” hierárquicas.

Ao amigo Olney, pela leitura atenta de toda a dissertação.

À Fundação Educacional Presidente Castelo, mantenedora das Faculdades Integradas Castelo Branco, pela ajuda financeira e pelo apoio todas as vezes em que precisei me ausentar.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	7
LISTA DE QUADROS	8
RESUMO	9
RÉSUMÉ	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I — Os fóruns: o palco da “mise-en-scène” de Lula	17
CAPÍTULO II — O modelo e o instrumento modular de análise da organização do discurso: uma visão global da complexidade discursiva	24
2.1 O percurso modular da análise do discurso do presidente Lula	34
CAPÍTULO III — O discurso de Lula e suas condições de produção: caminhos para o deslindamento da polifonia	37
3.1 A construção das estratégias discursivas do presidente Lula: da representação praxeológica à estrutura praxeológica.	39
3.2 O discurso de Porto Alegre e a complexidade de suas interações	50
3.3 O pronunciamento do presidente e a metáfora do pêndulo	57
CAPÍTULO IV — O discurso do presidente Lula numa perspectiva hierárquico-relacional	60
4.1 O discurso do presidente e a hierarquia de seus constituintes.	62
4.2 As relações interativas no pronunciamento de Lula: caminhos para a construção da argumentação	68
4.3 A estrutura hierárquico-relacional e o início do polêmico assunto “Davos”	72
4.4 A estrutura hierárquico-relacional e o foco da voz de outrem	76
4.5 A estrutura hierárquico-relacional e as razões da viagem, segundo Lula	82
4.6 A estrutura hierárquico-relacional e o encerramento do pronunciamento do presidente Lula	86
CAPÍTULO V — O discurso do presidente Lula e suas mil e uma vozes	91
5.1 O princípio dialógico e polifônico da teoria de Bakhtin	92
5.2 A Polifonia na Análise do Discurso Francesa	94
5.2.1 Ainda na Análise do Discurso Francesa: a polifonia de Ducrot	97
5.3 A polifonia no Modelo de Análise Modular	99
5.4 O discurso do presidente Lula: representado, polifônico e autofônico.	102
5.4.1 As vozes que anunciam a introdução ao assunto “Davos”.	104
5.4.2 As vozes que preparam e anunciam as justificativas da viagem à “cova dos leões”	107
5.4.3 As vozes que concluem os argumentos, apresentados pelo presidente, para ir a Davos	113
CAPÍTULO VI — Conclusões	117
BIBLIOGRAFIA	123
ANEXO	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 2 – Representação do silogismo _____	47
Figura 3 – Estrutura Praxeológica do discurso no III FSM _____	49
figura 4 – Representação do processo de negociação _____	63
figura 5 – Representação do processo de negociação no discurso do presidente _____	63
figura 6 – Macro-estrutura hierárquica do discurso no III FSM _____	64
figura 7 – O início do polêmico assunto “Davos” _____	74
figura 8 – O foco da voz de outrem (As 191 — Ap 203) _____	77
figura 9 – O foco da voz de outrem (As 204 — Ap 219) _____	80
figura 10 – As razões da viagem _____	83
figura 11 – O encerramento do pronunciamento _____	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação gráfica do modelo de análise modular _____	34
Quadro 2 – Representação gráfica do percurso de análise _____	36
Quadro 3 – Enquadres interacionais do discurso de Lula no anfiteatro Pôr-do-sol ____	52
Quadro 4 – Enquadres interacionais do discurso de Lula na Internet _____	55
Quadro 5 – Representação de um nível interacional destacando as posições de interação entre o presidente e seus alocutários _____	57
Quadro 6 – Relações interativas possíveis em um discurso _____	70
Quadro 7 – Relações interativas no discurso do presidente _____	72

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma descrição e uma análise do pronunciamento do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial. Essa análise tem a intenção de explicitar como e por que o presidente procura legitimar sua viagem a Davos. A hipótese inicial é a de que o presidente legitima sua viagem utilizando-se de um discurso “contaminado” pela presença de muitas vozes alheias (polifonia) ou por suas próprias vozes no passado ou no futuro (autofonia). O suporte teórico-metodológico adotado é o do Modelo de Análise Modular, eficaz instrumental para uma abordagem interacionista da complexidade discursiva. Orientados por esse objetivo, por essa hipótese e por esse instrumental, iniciamos nosso trabalho pela descrição e análise dos módulos referencial e interacional, visto que tais módulos nos fornecem dados e informações imprescindíveis às análises enunciativo-polifônicas. Em seguida, apresentamos a descrição e as análises hierárquico-relacionais, por elas permitirem explicitar a força argumentativa da polifonia e autofonia no discurso do presidente. E, finalmente, descrevemos as formas de organização enunciativa e polifônica, explicitando possíveis interpretações para as funções discursivas da polifonia e da autofonia.

RÉSUMÉ

Ce present travail a comme objectif présenter une description et une analyse du discours prononcé par le président Luís Inácio Lula da Silva dans le III Forum Social Mondial. Cette analyse a l'intention d'expliciter comme et pourquoi le président veut légitimer leur voyage à Davos. L'hypothèse préliminaire c'est que le président légitime leur voyage en utilisant d'un discours « contaminé » par la présence de plusieurs voix autrui (polyphonie) ou par leurs propres voix dans le passé ou dans le futur (autophonie).

Le support théorique et methodologique adopté c'est le Modèle d'Analyse Modulaire, efficace instrument pour une approche interactionniste de la complexité du discours. Nous commençons par la description et l'analyse des modules référentiel et interactionnel orientés par l'objectif, l'hypothèse et l'instrument d'analyse. Nous avons choisi cette méthodologie, une fois qu'elle nous apporte des données et des informations indispensables à l'analyse énonciative-polyphonique. Ensuite, nous présentons la description et l'analyse hiérarchique-relationnelle, puis qu'elles nous permettent expliciter la force argumentative de la polyphonie et de l'autophonie dans le discours du président. Finalement, les descriptions des formes d'organisation énonciative et polyphonique en explicitant les possibles interprétations pour les fonctions discursives de la polyphonie et de l'autophonie.

INTRODUÇÃO

Em vinte e quatro de Janeiro de 2003, o III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, foi palco para as cenas que fariam do recém-eleito presidente do Brasil o principal assunto das principais manchetes dos maiores jornais do mundo. A princípio, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou um discurso aparentemente enfadonho. Segundo a mídia, “coisa de político, frases curtas, enormes vazios”. Porém, após vinte minutos, Lula realmente iniciou aquilo que seria o cerne de seu pronunciamento. Uma estratégia discursiva que levou o jornal *Le Monde* a chamá-lo de estadista, dias depois, durante o Fórum Econômico Mundial em Davos.

Podemos afirmar que o discurso de Luís Inácio Lula da Silva no III Fórum Social apresenta evidências de que fora utilizado para legitimar sua viagem ao Fórum Econômico em Davos. Não é necessário fazer uma análise minuciosa de sua intervenção para se perceber que esta fora utilizada para justificar aos companheiros do *Social* por que Lula iria (segundo a revista *Cult*) “*meter-se na cova dos leões*”.

Segundo a mídia, muitos dos “companheiros do social” não queriam Lula “*na cova dos leões*”. Havia, inclusive, uma expectativa em relação a um possível rompimento entre a base política de Lula e a base governista. A própria mídia, por meio de matérias nem um pouco inocentes, parecia querer contribuir para uma ruptura.

Foi nesse contexto que Lula proferiu o seu discurso. Se muitos representantes do “social” não concordavam com a ida do presidente ao Fórum Econômico, e tal discórdia era perigosa para as relações políticas do governo, era preciso convencê-los de que a viagem a Davos era necessária.

Sendo assim, a referência à necessidade de ir a Davos constituiu o alvo da fala de Lula. Num primeiro olhar, percebe-se que o presidente utilizou-se de narrativas his-

tóricas do seu passado para convencer seus interlocutores da importância da viagem. Dias depois, a mesma imprensa, que antes parecia contribuir para uma ruptura entre governo e base política, anunciava que, no Fórum em Porto Alegre, Lula não só convenceu seus interlocutores de que era necessário ir a Davos como mandou um recado aos poderosos de Davos: o de que Lula não iria fraco ao Fórum Econômico. Iria forte, com o endosso dos participantes do Fórum Social Mundial. Iria com o aval da massa mundial que luta pelas causas sociais em todo o planeta e isso, ao menos aos olhos da mídia, fez dele um estadista na *cova dos leões*. A revista *Cult* assim se referiu à atitude de Lula diante do assunto Davos:

E tratou dele contando histórias. Esta é uma forma eficaz de comunicar-se: compartilhar a experiência com os ouvintes, colocar-se como ser humano narrando episódios a outros, mostrando como aprendeu com a vida.¹

Na linguagem da Análise do Discurso, isso significa buscar na enunciação, por meio da interação com o outro e das muitas vozes que se enunciam nas “*histórias contadas*”, o que estamos chamando de legitimidade. Essas narrativas, inseridas num discurso político, num primeiro olhar, apresentam-se “contaminadas” por vozes de outrem ou por vozes do próprio presidente num tempo passado ou futuro, o que faz dele um discurso predominantemente representado.²

Portanto, na tentativa de mostrar como a busca dessa legitimidade se deu do ponto de vista de uma teoria do discurso e identificar que outras leituras e implicações estavam subjacentes à necessidade dessa legitimidade, propomo-nos a responder:

¹ Revista *Cult*, nº 71/ 2003.

² O modelo de análise modular, que será adotado como instrumental teórico neste trabalho, usa o termo discurso representado para designar aquilo que Bakhtin (1999) chamou de discurso narrado ou discurso relatado. Para Roulet (2001), um dos mentores do modelo, nem sempre o discurso de outrem foi necessariamente proferido. Pode tratar-se, apenas, de uma antecipação do discurso em questão.

- Quais as categorias e regras que permitem engendrar a hierarquia das informações do discurso de Lula?
- Qual a relação entre os diferentes níveis de interação e os diferentes planos de enunciação desse discurso?
- Quais as representações conceituais e praxeológicas das atividades, seres e objetos que constituem o universo no qual o discurso do presidente Lula se inscreve e do qual fala?
- Quais os tipos de relações existentes entre os constituintes da estrutura hierárquica e as informações de origem textual ou situacional, bem como o papel dos conectores que estabelecem essas relações no discurso do presidente Lula?
- Qual a origem das vozes que se enunciam nas narrativas presentes no discurso de Lula e como são marcadas?
- Qual a função que essas vozes desempenham no discurso?

Dada a complexidade discursiva do pronunciamento de Lula e a multiplicidade de abordagens que tal complexidade requer, propomo-nos adotar um instrumento de análise que possa oferecer um quadro teórico e metodológico que permite a compreensão não só da complexidade das atividades discursivas como também a compreensão da heterogeneidade de tais atividades.

O Modelo de Análise Modular, desenvolvido por Roulet e sua equipe da Universidade de Genebra (1999 – 2001), representa esse instrumental por permitir a composição de um quadro descritivo e explicativo acerca dos diferentes aspectos discursivos. O modelo toma como objeto de estudo o discurso situado em suas dimensões lingüística, textual e situacional, o que permite que se investiguem todos os aspectos relacionados a uma interação verbal. Segundo Pires (1997, p. 27), trata-se de um “modelo capaz de

conciliar as dimensões lingüística, discursiva e situacional de uma forma dinâmica, sem, entretanto, modificar a lógica da organização de cada uma delas”.

Concebido dessa maneira, o tratamento modular da organização do discurso implica uma dupla exigência: i) a decomposição da organização complexa do discurso em um número de sistemas (ou módulos) de informações simples e independentes; ii) a descrição mais precisa possível da maneira como essas informações simples podem se combinar, ou seja, procura-se mostrar como as informações resultantes dos módulos se combinam e se inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso.

Essa dupla exigência possibilita distinguir as dimensões do discurso correspondentes aos diferentes módulos do sistema discursivo (sintático, lexical, hierárquico, interacional e referencial) e às diferentes formas de organização do discurso (polifônica, enunciativa, relacional, seqüencial, composicional, etc.) cuja descrição depende da acoplagem entre as informações modulares ou outras informações derivadas das mesmas.

O objetivo geral deste estudo, portanto, é mostrar, por meio de uma análise modular, como e por que Luís Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, faz uso de narrativas “contaminadas” por muitas vozes alheias (ou sua própria voz, num tempo passado ou futuro) para legitimar sua viagem ao Fórum Econômico Mundial de Davos.

Para alcançar o objetivo geral postulado neste trabalho, propomos norteá-lo por estes objetivos formulados a seguir:

- definir as categorias e as regras que permitem engendrar a estrutura hierárquica das informações no discurso de Lula no III Fórum Social em Porto Alegre;
- propor e discutir a relação entre os diferentes níveis interacionais e os diferentes planos de enunciação (discursos representados formulados diretamente ou indiretamente e discursos designados);

- determinar as representações conceituais e praxeológicas das atividades, seres e objetos que constituem o universo no qual o discurso do presidente Lula se inscreve e do qual fala;
- explicitar os tipos de relações existentes entre os constituintes da estrutura hierárquica e as informações de origem textual ou situacional, bem como o papel dos conectores no discurso do presidente Lula;
- indicar a origem das vozes que se enunciam nas narrativas inseridas no discurso e como são marcadas;
- identificar a função que essas vozes desempenham no discurso;
- propor a acoplagem entre os módulos e as formas de organização citadas anteriormente, para atingir um grau elaborado de compreensão acerca das estratégias de legitimação do discurso presidencial em exame nesta dissertação.

Este trabalho é constituído de cinco capítulos e a conclusão. O capítulo I apresenta uma abordagem histórica sobre o Fórum Social Mundial e o Fórum Econômico de Davos bem como algumas considerações sobre o discurso político de Luís Inácio Lula da Silva. O capítulo II traz uma fundamentação teórica e metodológica, na qual apresentamos alguns conceitos e teorias relativas ao Modelo de Análise Modular bem como sua capacidade e abrangência descritivo-analítica, o que abrangerá as considerações em torno do percurso teórico desta pesquisa. Os capítulos III, IV e V destinam-se à análise do *corpus*. O capítulo III tratará das condições de produção que envolvem o discurso do presidente, ou seja, as questões de ordem situacional relativas aos componentes referencial e interacional; o capítulo IV tratará especificamente da estrutura hierárquica das informações no discurso do presidente Lula bem como das relações que se estabelecem entre essas informações, e o capítulo V apresentará uma análise do componente enunci-

ativo/polifônico do discurso do presidente Lula buscando explicitar a origem e a função das autofonias e polifonias presentes no discurso do presidente, para que possamos assim propor-lhes uma interpretação.

A título de conclusão, apresentaremos as considerações relativas aos objetivos visados pela pesquisa, apontando os resultados do trabalho.

CAPÍTULO I

Os fóruns: o palco da “mise-en-scène” de Lula

O político não é como poeta que finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que realmente pensa, lembrando versos de Fernando Pessoa, mas ator que finge um poder tão completamente que chega a persuadir a si mesmo e aos outros que o possui de fato”.

José Arthur Gianotti

(Folha de S. Paulo, agosto de 2005)

Para a melhor compreensão do fenômeno discursivo que envolve o pronunciamento do então recém-eleito presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, no III Fórum Social Mundial em 2003, fazem-se necessárias algumas considerações históricas que nos oferecem informações imprescindíveis à recuperação do momento enunciativo de tal pronunciamento.

É importante lembrar que o III Fórum Social Mundial já nasceu como o “anti-Davos”. Nasceu com o objetivo de subverter a lógica da produção de um pensamento único, segundo seus organizadores, o pensamento único neoliberal ou “as forças hegemônicas da globalização”.

Em 1998, os países mais ricos do mundo pretendiam assinar um acordo conhecido aqui no Brasil como AMI - Acordo Multilateral de Investimentos, ou MAI em inglês. Segundo entidades que se insurgiram contra a celebração desse acordo, tratava-se de um assunto que vinha sendo discutido em segredo no quadro da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), com a pretensão de passar a ser uma espécie de Constituição mundial do capital, que lhe daria direitos – principalmente no Terceiro Mundo – daquilo que eles (os ricos) chamavam de “investimentos”. Para tais entidades essa era uma forma de impor aos demais países do mundo as forças hegemô-

nicas da globalização, sustentadas pelo pensamento neoliberal. O jornal *Le Monde Diplomatique* fez repercutir amplamente denúncias contra esse Acordo. Para boa parte de intelectuais da época, ele continha cláusulas absurdas em relação aos direitos desses países ricos e quase nenhum dever para com o resto do mundo. Isso fez surgir um movimento social de protesto que, no final de 1998, levou a França a se retirar das negociações, o que impediu que o Acordo fosse celebrado.

Uma das entidades responsáveis por essa mobilização foi a ATTAC – Associação pela Taxação das Transações Financeiras de Ajuda aos Cidadãos – cujo objetivo era lutar pela concretização de uma proposta de taxação dos movimentos de capital especulativo feita pelo Prêmio Nobel de Economia James Tobin, como forma de controlar a liberdade absoluta de circulação desse tipo de capital em escala mundial. Esse movimento provocou o nascimento de outras ATTACs por todo o mundo.

Esses fatos fizeram surgir por toda a parte, entre os que não aceitavam a possibilidade de um mundo controlado pelos interesses do capital, manifestações contrárias a esse tipo de globalização, que tiveram grandes repercussões na mídia.

Sabia-se que desde 1971 os países mais ricos do mundo encontravam-se num Fórum ao qual deram o nome de Fórum Econômico Mundial, que se realizava em Davos, luxuosa estação de esqui da Suíça. Esse Fórum reúne, uma vez por ano, pessoas que pagam cerca de vinte mil dólares para ouvir e conversar com as cabeças que pensam o capital mundial. Para Francisco Whitaker, membro da Secretaria Internacional do Fórum Social Mundial, “é em Davos que se constrói a teoria e vai se avançando na prática da denominação do mundo pelo capital, dentro dos parâmetros do neoliberalismo”.³

³ WHITAKER, Francisco. *Correio da Cidadania*. 2 a 9 de dezembro de 2000, edição nº 222.

Diante desse contexto, alguns brasileiros decidiram buscar uma nova forma de resistência a esse pensamento hegemônico no mundo. Era preciso ir além das manifestações de massa e protestos. Seria necessário passar a uma etapa propositiva, de busca de respostas aos desafios da construção de um mundo em que a economia estivesse a serviço do ser humano e não o inverso.

Na Europa, economistas e universitários, contrários ao pensamento neoliberal, já vinham realizando encontros chamados de anti-Davos. Porém o que se pretendia era algo muito maior. Era preciso realizar um encontro, de dimensão mundial, com a participação de todas as organizações que vinham se articulando nos protestos de massa, voltados para o social. Esse encontro, para atingir uma repercussão mundial, deveria ocorrer nos mesmos dias do encontro em Davos e assim se repetir todos os anos, ou seja, sempre que os grandes do mundo estivessem reunidos na famosa estação de esqui.

Foi assim que surgiu o Fórum Social Mundial. Ele deveria acontecer, por uma questão de efeito simbólico, no Terceiro Mundo, e o Brasil estava entre os países com melhores condições de acolher um Fórum de tamanha proporção. Quanto à cidade brasileira que o sediaria, Porto Alegre, por ser a capital de um Estado que vinha se destacando por suas experiências democráticas e de luta contra o neoliberalismo, foi a capital escolhida.

O Fórum Social Mundial se reuniu pela primeira vez entre os dias 25 e 30 de janeiro de 2001 e passou a ser um espaço de reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização e buscam alternativas para favorecer o desenvolvimento humano, com o objetivo de superar a dominação dos mercados nos países e entre os países. Esse Fórum, portanto, surgiu com o intuito de se constituir como um espaço democrático para encontros que favoreçam a construção de um movimento internacional capaz de aglutinar alternativas ao pensamento neoliberal. Ele não possui caráter delibera-

tivo, logo não é um espaço para tomadas de decisões sobre declarações ou propostas de ação. Trata-se de “...um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e desta terra com a terra.”⁴

Sendo assim, em 2001, iniciou-se uma reflexão em torno de quatro eixos temáticos: a produção de riquezas e a reprodução social; o acesso às riquezas e à sustentabilidade; a afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos; o poder político e a ética na nova sociedade. Nesse ano, o fórum contou com a participação, aproximadamente, de vinte mil pessoas e cento e dezessete países. Entre as presenças ilustres, o escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor de “As veias abertas da América Latina”.

Desse Fórum nasceu a conhecida “Carta de Princípios”, um documento com o objetivo de orientar a continuidade dessa iniciativa. Os Princípios contidos na Carta, a ser respeitada por todos que querem participar desse processo e organizar novas edições do Fórum Social Mundial, consolidam as decisões que presidiram a realização do Fórum de Porto Alegre e asseguraram seu êxito, ampliando seu alcance e definindo orientações que decorrem da lógica dessas decisões.

Em sua segunda edição, entre os dias 31 de janeiro e 05 de fevereiro de 2002, o Fórum já contava com a participação de mais de cinquenta mil pessoas do mundo inteiro e um total de cento e vinte e três países. As diversas conferências, seminários e ofici-

⁴ Carta de Princípios.

nas se desenvolveram em torno dos mesmos eixos temáticos colocados em discussão no primeiro Fórum.

Foi em 2003, porém, que o Fórum superou todas as expectativas. O teatro Pôr-do-Sol, em Porto Alegre, recebeu cerca de cem mil pessoas, vindas de cento e vinte e três países. As atividades organizadas reuniram trezentos e noventa e dois conferencistas de diversos países, número três vezes superior ao de 2001. Entre eles, o escritor Eduardo Galeano, o lingüista Noam Chomsky e o filósofo Leonardo Boff. Em relação às atividades auto-gestionadas, houve um salto de cerca de quatrocentos, em 2001, para cerca de mil e trezentos em 2003. Essas atividades se realizaram em torno dos seguintes eixos temáticos: desenvolvimento democrático e sustentável; princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade; mídia, cultura e alternativas à mercantilização e homogeneização; poder político, sociedade civil e democracia; ordem mundial democrática, luta contra a militarização e promoção da paz.

Foi nesse Fórum, o anti-Davos, que Luís Inácio Lula da Silva, ex-sindicalista, recém-eleito presidente do Brasil, teve a missão de, mais do que explicar, convencer uma legião de ativistas das questões sociais que ir meter-se na “cova dos leões” era preciso e necessário.

Eduardo Galeano, num magnífico discurso poético, fez uma referência emocionada à eleição de Lula, o que tornava sua missão em Davos ainda mais repleta de responsabilidade:

En el mundo de hoy, que castiga la honestidad y recompensa la falta de escrúpulos, el trabajo es objeto de desprecio. El poder se disfraz de destino, dice ser eterno, y mucha gente se baja de la esperanza como si fuera un caballo cansado. Por eso la elección de Lula a la presidencia del Brasil va mucho más allá de las fronteras de este país: la victoria de un obrero sindicalista, que encarna la dignidad del traba-

jo, ayuda a difundir las vitaminas que todos necesitamos contra la peste de la desesperanza.⁵

As expectativas em torno do fato de Lula ter sido eleito presidente do Brasil eram muito grandes. Não só os intelectuais que ali estavam esperavam muito desse governo, mas, sobretudo a legião de pobres e miseráveis de todos os países subdesenvolvidos do planeta Terra.

A eleição de Lula, um torneiro mecânico, sindicalista, para o cargo maior do serviço público significava a redenção do próprio povo e do próprio trabalhador. A “massa trabalhadora” reencontrava a esperança e os pobres e miseráveis vislumbravam a possibilidade de viver com dignidade.

Portanto, o pronunciamento do presidente, ex-“torneiro mecânico”, era muito esperado no III Fórum Social Mundial por diferentes alocutários e por diferentes razões. É preciso ainda lembrar que o irrefreável pendor para o improvisado em seus discursos, já naquela época, era objeto de interesse e discussão da mídia: seus discursos, por si mesmos, já causavam muita polêmica.

Político carismático, Lula sempre envolveu seus interlocutores por meio de “histórias contadas”. Usa as narrativas pessoais, com espontaneidade, para envolver e convencer tais interlocutores. Foi assim que ele procedeu no Fórum de Porto Alegre: buscou vozes de amigos e inimigos do passado, buscou suas próprias vozes do passado e distribuiu-as ao longo do seu pronunciamento, como se fosse um romancista, narrando uma bela história de aventura.

⁵ Galeano, Eduardo “No mundo de hoje, que castiga a honestidade e recompensa a falta de escrúpulos, o trabalho é objeto de desprezo. O poder se disfarça de destino, diz ser eterno, e muita gente perde a esperança como se fosse um cavalo cansado. Por isso a eleição de Lula para a presidência do Brasil vai muito além das fronteiras deste país: a vitória de um trabalhador sindicalista, que representa a dignidade do trabalho, ajuda a difundir as vitaminas que todos necessitamos contra a peste da desesperança.

Essas narrativas de Lula são como a prosa romanesca, sempre carregadas do discurso de outrem. Há, nelas, sempre uma pluralidade de vozes alheias, caracterizando o que Bakhtin chamou de polifonia.

Entre tantos outros objetos de estudo da Análise do Discurso, cabe a investigação de como esse fenômeno se dá do ponto de vista discursivo, mostrando, inclusive, as diversas abordagens e a complexidade que um fenômeno discursivo como esse pode suscitar.

Para tratar dessas diversas abordagens e da complexidade que o discurso do presidente Lula, no III Fórum Social suscita, encontramos, na Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular, um instrumental capaz de nos possibilitar uma abordagem global e interacionista da complexidade discursiva.

CAPÍTULO II

O modelo e o instrumento modular de análise da organização do discurso: uma visão global da complexidade discursiva

O conhecimento do todo precisa do conhecimento das partes, que precisam do conhecimento do todo.

Pascal

Em 1998, foi formado na França, por solicitação do então ministro da educação, um conselho científico destinado a fazer sugestões para o ensino médio. Na primeira reunião desse conselho, o seu presidente, Edgar Morin, expôs uma dupla questão que à nossa geração parece ser um problema de importância capital. A primeira remete *ao desafio da globalidade*, isto é, a inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave, de um lado, entre um saber fragmentado em elementos desconjuntados e compartimentados nas disciplinas, e de outro, entre as realidades multidimensionais, globais, transnacionais, planetárias e os problemas cada vez mais transversais, polidisciplinares e até mesmo transdisciplinares. A segunda questão é uma consequência dessa primeira e remete à *não-pertinência do nosso modo de conhecimento e de ensino*, o que nos leva a separar (objetos de seu meio e disciplinas umas das outras) quando deveríamos reunir aquilo que faz parte de um mesmo tecido. Segundo Edgar Morin,⁶ a inteligência que só sabe separar espedaça o complexo do mundo em fragmentos desconjuntados, fraciona os problemas. Para ele, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior é

⁶ MORIN, Edgar (org.) *A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

a incapacidade para pensar sua multidimensionalidade, quanto mais eles se tornam planetários, menos são pensados enquanto tais. A inteligência torna-se cega e irresponsável à medida que é incapaz de encarar o contexto e o complexo.

Por iniciativa desse conselho, surgiu a jornada “A religação dos saberes” que teve por principal objetivo refletir sobre a arte de organizar o próprio pensamento, **religar** e, ao mesmo tempo, **diferenciar**. Ainda segundo Morin, “*trata-se de favorecer a aptidão natural do espírito humano a contextualizar e a globalizar, isto é, a relacionar cada informação e cada conhecimento a seu contexto e conjunto*”, ou seja, trata-se da busca do conhecimento complexo.

Entretanto, para esses franceses não basta enunciar as necessidades de contextualizar e de religar os saberes, é preciso ainda encarar os métodos, os instrumentos, operadores e conceitos aptos a produzir essa reunião.

Ao leitura da obra “A Religação dos Saberes”, resultado dessa jornada, nos indica que o Modelo de Análise Modular proposto pelos lingüistas da Universidade de Genebra representa, dentro dos estudos do discurso, esse instrumento dotado de métodos e conceitos aptos a produzir o **religar** e o **diferenciar** dos saberes relacionados à complexidade discursiva. Algo que os pesquisadores franceses almejam para todos os campos dos saberes, sejam eles científicos ou filosóficos.

Para compreendermos melhor a noção de complexidade discursiva, é interessante fazermos uma reflexão em torno da palavra complexo. Do latim *plecto*, *plexi*, *complector*, *plexus*, a palavra complexo remete a tecido, trançado, enroscado, mas também a cingido, enlaçado, apreendido pelo pensamento. De acordo com Jacques Ardoino,⁷ o

⁷ ARDOÍNO, Jacques. In MORIN, Edgar (org.) A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

adjetivo complexo nem sempre é de caráter valorizante. De antemão, sugere a idéia de menor perfeição. Geralmente, considera-se complexo algo contrário ao “simples e claro”, o que sugere que algo complexo seja algo *complicado*, *confuso* ou até mesmo *emaranhado*, *embrulhado*. Embora essa acepção clássica ainda exista, atualmente a concepção de complexo foi enriquecida por passar a realçar a noção de elo e de propriedades específicas de conjunto. Um conjunto que, para poder ser reconhecido como complexo, deverá supor a “*inteligência de uma pluralidade de constituintes heterogêneos, inscritos numa história, ela mesma aberta em relação às eventualidades de um devir*”.⁸ Segundo Ardoíno, não se pode mais confundir *complexo* e *complicado*:

se por um lado o complicado permanece sendo o contrário do simples, o que não basta para comprometer sua homogeneidade, por outro lado, a complexidade não pode ser propriamente pensada sem que sejam admitidas sua heterogeneidade constitutiva e sua natureza plural.

Dessa maneira, novos empregos do termo “complexo” são encontrados em todos os campos da ciência, principalmente na matemática, na química, nos modelos da cibernética, na psicanálise e em teorias da informação e da comunicação.

O sociólogo e filósofo Edgar Morin (op. cit) oferece-nos importantes meios e parâmetros de reflexão sobre a noção de complexidade. Também partindo da concepção de complexidade que remete a “aquilo que não é simples”, Morin relaciona o surgimento da concepção atual de complexidade aos quatro grandes meios de se estabelecerem verdades simples: o princípio da ordem, o princípio da separação, o princípio da redução e o princípio da validade absoluta da lógica clássica (princípio dedutivo-indutivo-identitária).⁹

⁸ ARDOÍNO, Jacques.

⁹ Cf. MORIN, 2004.

Para Morin, o desafio da complexidade advém do fato de que cada um desses princípios tenha sido abalado e questionado no decorrer do século XX, sem que tenhamos pensado a necessidade de uma verdadeira reforma do pensamento.

Entre os diversos “abalos” e “questionamentos” que esses princípios sofreram, Morin cita alguns abalos do princípio da ordem, como a noção de ordem perfeita da física clássica, os princípios de ordem e de lógica da física quântica, as grandes descobertas do Hubble, que colocaram a origem do universo rumo à desordem (sem entretanto deixar de mostrar que por trás de toda desordem havia princípios de ordem, sem, contudo, deixar de mostrar que há uma espécie de luta entre um princípio de ordem e um princípio de desordem), ou, ainda, as modificações quanto às idéias de evolução das espécies.

Assim, Morin sugere que a idéia de complexidade poderia se resumir a “como conceber a relação específica entre aquilo que é ordem, desordem e organização?”

Além dos abalos sofridos pelo princípio da ordem, Morin nos mostra que o princípio da separação foi questionado. No decorrer do século XX, reaparece a idéia de que “O todo é algo mais do que a soma de suas partes.” Essa idéia parte da premissa de que o conhecimento das partes constituintes não basta para o conhecimento do todo, e o conhecimento do todo não pode ser isolado do conhecimento das partes. E, principalmente, veio comprovar que, quando possuímos tal concepção, possuímos também a idéia de organização. Para ele, o conceito de sistema leva à idéia de organização, que produz emergências, e que devido às restrições que impõe, inibe certo número de propriedades que existem no nível das partes e que não podem exprimir-se.

Segundo Morin, em consequência desses abalos e questionamentos, o século XX viveu duas revoluções científicas. Uma, que teve origem na irrupção da desordem, especialmente a que surgiu com a física quântica, e outra, que se originou da emergência

das ciências que operam recomposições polidisciplinares, como a cosmologia, as ciências da Terra, a ecologia, a nova pré-história.

Diante disso, é preciso medir as conseqüências dessas mudanças, que, para ele, constituem o aparecimento de dois sentidos da complexidade: um, que remete a “o que está ligado, o que está tecido” e outro, que remete à incerteza, (pois não podemos ter nenhuma certeza daquilo que se passa localmente neste ou naquele ponto das inúmeras interações ocorridas em um “tecido”). Sendo assim, a complexidade tanto reconhece a parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, quanto reconhece a parcela inevitável da incerteza. Repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de tecido e sobre a incerteza, o que faz com que o saber absoluto e total não exista mais.

O que temos então é um princípio de separação, que embora não tenha morrido, é insuficiente. É preciso separar, distinguir, mas também é necessário reunir e juntar. Um princípio de ordem, que embora não tenha morrido, precisa ser integrado à dialógica ordem-desordem-organização.

Quanto ao princípio de redução, segundo Morin, ele se encontra abalado, pois jamais chegaremos ao conhecimento do todo a partir de um elemento de sua base. Será sempre necessário buscar o todo, mesmo que, provavelmente, nunca saibamos dizer o que é o todo, já que isso seria admitir um limite para conhecer.

E, finalmente, o princípio da lógica dedutivo-identitária deixou de ser absoluto, pois o raciocínio científico do século XX nos mostrou que não se pode mais atribuir valor de verdade absoluta nem à indução e nem à dedução. E muito menos eliminar toda e qualquer contradição de um raciocínio, imaginando que a contradição assinala o erro. Se o princípio da lógica deixou de ser absoluto, é preciso transgredi-lo, afinal é a lógica que deve estar a serviço do pensamento e não o pensamento a serviço da lógica. Se contrário for, o pensamento não passará de tautologia e para nada nos servirá.

Portanto é preciso repetir as palavras de Morin: “*se quisermos um conhecimento segmentário, encerrado a um único objeto, com a finalidade única de manipulá-lo, podemos então eliminar a preocupação de reunir, contextualizar, globalizar. Mas, se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes, buscar, portanto, um conhecimento complexo*”. Afinal, há unidade em toda pluralidade e pluralidade em toda unidade.

Considerando, então, o pensamento de Morin, queremos mostrar que é exatamente desse conhecimento complexo (dessa complexidade) que o Modelo de Análise Modular, nosso instrumento de trabalho, procura dar conta, naquilo que tange ao conhecimento sobre o discurso.

Esse modelo representa um eficaz instrumento para uma abordagem interacionista da complexidade discursiva e nos permitirá uma análise do discurso de Lula que ultrapasse uma abordagem simplista, voltada ora para a dimensão lingüística, ora para a textual e ora para a situacional. Ele nos permitirá **religar** e, ao mesmo tempo, **diferenciar** todo e qualquer tipo de informação relativa à complexidade de um discurso.

Para o Modelo de Análise Modular, qualquer fenômeno lingüístico que se quiser observar deve ser focalizado nas três dimensões citadas anteriormente e a combinação das informações que delas se extraem é que nos permitirá uma análise global do fenômeno discursivo. Assim, nessa abordagem, identificam-se os sistemas de informações elementares (módulos) que entram na composição dos discursos e, posteriormente, mostra-se como as informações resultantes desses módulos (formas de organização) se combinam na produção e na interpretação do discurso.

Dessa maneira, o modelo de análise proposto por Roulet, Fillietaz & Grobet (2001) representa um instrumental capaz de cobrir toda a complexidade de um discurso:

Ce modèle se veut ainsi à la fois un instrument de représentation, un instrument de description et un instrument de développement. Tout

d'abord, il donne une représentation de la complexité de l'organisation du discours, dans ses composantes linguistiques, textuelles et situationnelles, qui dépasse les réductions traditionnelles du discours à des séquences de phrases ou d'énoncés. Ensuite, il constitue un instrument permettant de décrire systématiquement les différentes dimensions et formes d'organisation de discours authentiques particuliers et les interrelations entre celles-ci.¹⁰

Podemos ainda dizer que o Modelo de Análise Modular, devido à sua ampla aplicabilidade, oferece um instrumental teórico apto a analisar vários tipos de discurso: político, literário, religioso, midiático, entre tantos outros.

A preocupação com a elaboração de um modelo de análise de discurso que pudesse dar conta da complexidade discursiva teve início em 1979, na Universidade de Genebra, com o Prof. Eddy Roulet e seu grupo de pesquisa, e estende-se até os dias atuais, considerando-se que a última publicação e, portanto, a mais completa, data de 2001.

Segundo Roulet e Pires,¹¹ a infinidade existente de concepções de discurso e diferentes formas de analisá-lo nos têm causado problemas de duas ordens distintas: um problema de representação e outro de instrumento de análise.

Quanto à representação, o que temos é um tratamento discursivo reduzido aos aspectos meramente lingüísticos: o discurso visualizado como um texto é muitas vezes confundido com uma sucessão de frases, sem que sejam consideradas informações extralingüísticas que estão em jogo (conhecimento de mundo, interação, etc.). Segundo os autores, é preciso ultrapassar os níveis de representação frástica ou mesmo textual para

¹⁰ “Esse modelo é por sua vez um instrumento de representação, um instrumento de descrição e um instrumento de desdobramento. Primeiramente, ele dá uma representação da complexidade da organização do discurso quanto aos seus componentes lingüísticos, textuais e situacionais, que ultrapassa as tradicionais reduções do discurso a seqüências de frases ou de enunciados. Em seguida, ele constitui um instrumento que permite descrever sistematicamente as diferentes dimensões e formas de organização de discursos particulares autênticos e as inter-relações entre eles” (ROULET, FILLIETAZ & GROBET, 2001).

¹¹ ROULET & PIRES, Sueli. Uma visão modular da complexidade discursiva. In MARI, Hugo et. al. (org.) 1999c.

se alcançar uma representação discursiva que integre todas as dimensões de um discurso: lingüística, textual e situacional.

Quanto ao problema do instrumento de análise, para Roulet e Pires (op.cit.), encontram-se instrumentos para a abordagem de fatos fonológicos, lexicais ou sintáticos; porém, pouco há sobre as múltiplas dimensões da complexidade organizacional do discurso. Isso porque os analistas desenvolvem suas pesquisas em bases muito gerais ou detêm-se em aspectos muito particulares.

Segundo Roulet,¹² um modelo de organização do discurso deve satisfazer a, no mínimo, dez exigências. Entre elas, destacamos para os propósitos deste trabalho de análise, “dar conta das estruturas lingüísticas, textuais e referenciais de todas as produções dialogais e monologais possíveis, o que pressupõe a existência de mecanismos discursivos; dar conta do encadeamento e da hierarquia das informações do discurso; dar conta dos diferentes tipos de seqüência (narrativa, descritiva...) que podem constituir o discurso em diferentes níveis de encaixe, bem como do seu agenciamento; dar conta da complexidade da polifonia nas produções discursivas, abordando os diferentes níveis de encaixe e da integração entre os mesmos; dar conta das situações interacionais do discurso, considerando-se também, seus diferentes níveis de encaixe”.

Pensando num modelo que pudesse atender a essas e outras exigências, a equipe de Genebra formulou um modelo modular a partir de três níveis de análise relacionados às três dimensões do discurso:

- Situacional – que diz respeito ao universo de referências e à situação de interação.
- Textual – que diz respeito à estrutura hierárquica do texto.

¹² ROULET, 1999b, p.187-257.

- Linguística – que diz respeito à sintaxe e ao léxico da(s) variedades da(s) língua(s) utilizadas.

Resultam dessas três dimensões¹³ do discurso, cinco módulos definindo cinco tipos de informações de base que podem ser descritas de maneira independente:

- módulo referencial e interacional – ligados ao componente situacional.
- módulo hierárquico – ligado ao componente textual.
- módulo sintático e lexical – ligados ao componente lingüístico.

Para melhor compreensão de cada um desses módulos, apresentamos, a seguir, algumas considerações sobre eles:

- Módulo Referencial – descreve as representações conceituais e praxeológicas das atividades, assim como os seres e objetos constituintes dos universos nos quais o discurso se inscreve e do qual fala.
- Módulo Interacional – define as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação em diferentes níveis: canal escrito ou oral, alternância de turnos de fala ou escritura, co-presença ou distância espaço-temporal, reciprocidade ou não no processo comunicacional.
- Módulo Hierárquico – define as categorias e as regras que permitem engendrar as estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis, analogamente ao módulo sintático para o engendramento das frases possíveis. A estrutura hierárquica, que tem como constituinte e unidade máxima textual a troca, é o resultado da face emergente de um processo dinâmico de negociação.

¹³ Roulet (2001) e Marinho (2002) usam o termo “dimensão” quando se referem de maneira generalizada às partes que compõem um discurso e o termo “componente” quando se referem a cada uma dessas partes.

- Módulo Sintático – consiste em um conjunto de regras que determinam as categorias e as construções de *clauses*¹⁴ no uso de uma língua ou variedade de língua. Ele indica também as instruções que são fornecidas por certos morfemas, como os pronomes anafóricos e os tempos verbais, ou certas estruturas sintáticas, como as instruções deslocadas ou clivadas, que visam a facilitar a interpretação do discurso.
- Módulo Lexical – consiste em um dicionário definindo a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e os sentidos das muitas palavras de diferentes variedades de língua.

Roulet, Fillietaz & Grobet (2001) distinguem ainda doze formas de organização do discurso. Sete são consideradas por eles elementares, por resultarem da conexão de informações de origem modular, e cinco complexas, por resultarem da conexão de informações geradas nos módulos ou a partir de outras formas de organização.

As formas de organização elementares do discurso são chamadas pelos autores de: *fono-prosódica*, *semântica*, *operacional*, *relacional*, *seqüencial*, *informacional* e *enunciativa*. E as formas de organização complexas são: *composicional*, *periódica*, *tópica*, *polifônica* e *estratégica*. Veja-se, na quadro 1, a seguir, a representação gráfica do modelo proposta pelos autores:

¹⁴ A palavra do português que mais se aproxima do francês “clauses” seria cláusula, embora tenhamos que reconhecer a limitação dessa tradução.

	Módulos <dimensões>	Formas de organização	
		<elementares>	<complexas >
LINGÜÍSTICO	lexical	Fono-prosódica	
	sintática	semântica	periódica
TEXTUAL	hierárquica	relacional	tópica
		informacional	polifônica
SITUACIONAL	referencial	enunciativa	composicional
	interacional	seqüencial	estratégica
		operacional	

Quadro 1 – Representação gráfica do Modelo de Análise Modular

2.1 O percurso modular da análise do discurso do presidente Lula

Num primeiro olhar, o discurso do presidente Lula, como já dissemos na introdução deste trabalho, apresenta-se “contaminado” de retomadas polifônicas e autofônicas.¹⁵ Essa polifonia e essa autofonia ocorrem num discurso cuja situação de interação está relacionada aos domínios referenciais dos participantes do III Fórum Social, dos

¹⁵ Estamos, aqui, chamando de polifonia todas as vozes de outrem que um narrador/locutor representa em seu discurso e de autofonia todas as representações da própria voz do narrador/locutor no passado ou no futuro.

poderosos de Davos e da mídia. Esse discurso predominantemente polifônico e autofônico apresenta essas vozes distribuídas numa escala hierárquica que permite o engendramento das informações e o estabelecimento das relações entre elas. Acreditamos que é por meio dessas narrativas polifônicas que o presidente tenta convencer os ativistas sociais da necessidade de se ir a Davos e, ao mesmo tempo, estabelecer uma interlocução com os poderosos de Davos e com a mídia.

Para abordar tais questões, o percurso de análise definido para a abordagem dos dados privilegiará o fenômeno da complexidade polifônica. É por meio das formas de organização **enunciativa e polifônica** que pretendemos mostrar como o presidente utiliza-se da voz do outro ou de sua própria voz no passado ou no futuro para atingir seus objetivos, revelando-nos suas mais complexas estratégias discursivas.

Para tanto, e considerando que toda enunciação está inserida numa situação de comunicação que leva em conta elementos de ordem contextuais e interacionais, os módulos **referencial e interacional**, com o objetivo de dar conta dos aspectos praxeológicos, conceituais e interacionais do discurso do presidente Lula, apontarão os caminhos para o deslindamento dessa complexidade polifônica¹⁶.

O módulo **hierárquico** e a forma de organização **relacional** darão conta da hierarquia e encadeamento das informações no discurso do presidente, bem como das relações ilocucionárias e interativas¹⁷ existentes entre tais informações, sempre com o objetivo de marcar a força dessas relações ilocucionárias e interativas dentro do fenômeno da complexidade polifônica.

¹⁶ A análise enunciativa e polifônica do discurso do presidente Lula será tratada no capítulo V. Entretanto, é bom lembrar que, no Modelo de Análise Modular, para se proceder a tais análises é imprescindível contar com informações da dimensão situacional, como é o caso dos conhecimentos relativos aos módulos referencial e interacional.

¹⁷ ROULET, 2001.

Vale lembrar que, embora nosso trabalho privilegie o percurso que por ora descrevemos, nenhuma análise discursiva poderá deixar de contar com informações de ordem lingüística, tanto sintática quanto lexical. Apresentamos, a seguir, um quadro representativo do percurso de análise do discurso do presidente Luís Inácio Lula da Silva:

Módulos <dimensões>		Formas de organização	
		<elementares>	<complexa>
Situacional	Referencial	enunciativa	Polifônica
	Interacional		
Textual	Hierárquico	relacional	

Quadro 2 – Representação gráfica do percurso de análise

Com base no percurso aqui proposto, procuraremos, nos capítulos seguintes, enfocar aspectos das condições de produção (referenciais e interacionais) e aspectos hierárquicos/relacionais entre as informações textuais que constituem o discurso do presidente Lula, as quais nos levarão ao deslindamento das estratégias polifônicas utilizadas pelo presidente no III Fórum Social Mundial.

CAPÍTULO III

O discurso de Lula e suas condições de produção: caminhos para o deslindamento da polifonia

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.

Mikhail Bakhtin

Este capítulo pretende tratar das questões que dizem respeito aos conhecimentos da dimensão situacional, onde estão localizadas as informações de ordem referencial e interacional, relacionadas à produção do discurso do presidente Lula no III Fórum Social Mundial. Tais informações são imprescindíveis para a interpretação das narrativas polifônicas e autofônicas¹⁸ presentes no discurso do presidente, o que irá nos permitir mostrar como e por que ele as usa em seu discurso, ou ainda, quem sabe, ousarmos dizer o que havia por trás de seus discursos (tão polifônicos) já em 2003.

Sabemos que, a partir da década de 60, diversas correntes do estudo da linguagem perceberam que era preciso ir além do tratamento formal dispensado à língua até então. Sendo assim, muitos lingüistas passaram a se dedicar ao trabalho de inserir a língua na situação de comunicação e relacioná-la com essa situação de comunicação como

¹⁸ A análise enunciativa/polifônica do discurso do presidente Lula será tratada no capítulo V. Entretanto, é bom lembrar que no Modelo de Análise Modular para se proceder à análise enunciativa/polifônica de um discurso é imprescindível contar com informações da dimensão situacional, como é o caso dos conhecimentos relativos aos módulos referencial e interacional.

um todo e com cada um dos seus componentes. Quem diz, para quem diz, onde diz, quando diz, como diz, para que diz, por que diz passaram a ser objeto de interesse dos estudos lingüísticos. Tais correntes podem ser reunidas sob o título de *lingüística da enunciação ou do discurso*. Entre elas está a Análise do Discurso, também conhecida como AD.

Toda teoria ou instrumento de Análise do Discurso, portanto, precisa dar conta da situação de comunicação: desses elementos que não estão na dimensão lingüística, nem textual. Estão, porém, na dimensão que, no Modelo de Análise Modular, chamamos de situacional e que são indispensáveis ao processo de significação de um texto.

Nenhuma teoria da AD pode ignorar a importância dos elementos que integram as condições de produção de um discurso. Entre eles, (além do código lingüístico) o contexto sócio-histórico-cultural em que vivem e atuam os interlocutores e seus conhecimentos lingüísticos, pragmáticos e gramaticais; os interlocutores, com seus objetivos, imagens recíprocas que fazem um do outro (com seus conhecimentos enciclopédicos e lingüísticos, é claro); e a situação imediata de comunicação, que inclui a modalidade de língua utilizada (oral ou escrita), o canal/suporte da fala ou escrita, entre outros, são fatores imprescindíveis ao analista em seu trabalho com o discurso.

A abordagem genebrina da dimensão situacional propõe dois módulos para tratar das questões da situação sócio-comunicativa de um discurso. O módulo referencial (que trata das relações que o discurso tem com o mundo no qual ele é produzido e o mundo que ele representa) e o módulo interacional (que trata da materialidade de uma situação de interação entre dois ou mais interlocutores). Passemos à abordagem analítica desses dois módulos.

3.1 A construção das estratégias discursivas do presidente Lula: da representação praxeológica à estrutura praxeológica.

O módulo referencial possui um caráter metodológico psicossocial, pois leva em consideração o papel das “mediações sociais” na construção da forma pela qual os agentes (interlocutores), engajados em certa “linha de conduta”,¹⁹ representam os contextos de atividades. São essas “mediações sociais” que possibilitam a formação de um construto coletivo validado socialmente e interiorizado por um indivíduo, que vão determinar as representações que presidem as ações efetivas desses indivíduos.

A noção de “mediações sociais” está ligada a teorias como a teoria das “Funções Mentais Superiores” e “Funções Mentais Inferiores” de Vygotsky, “Typicalité” de Schultz e “cadres de l’expérience” de Goffman.²⁰

É importante ressaltar, porém, que o Modelo de Análise Modular, ao contrário dessas abordagens cognitivistas, não se limita a descrever as representações cognitivas esquemáticas implicadas no discurso. Além de pautar-se sobre entidades esquemáticas que preexistem às ações, o módulo referencial pauta-se também sobre estruturas ou configurações emergentes que resultam de realidades discursivas particulares, ou seja, de processos contingentes que emergem de cada situação de interação efetiva.

Sendo assim, são inerentes ao módulo referencial tratar, não somente das representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais) subjacentes a um discurso, mas também das estruturas ou configurações (praxeológicas e conceituais) que resultam de realidades discursivas particulares.

¹⁹ Segundo Goffman (1974), um indivíduo tende a exteriorizar um esboço de atos verbais e não-verbais que exprime seu ponto de vista sobre a situação de interação, sobre os participantes dessa interação e sobre si mesmo – É isso que o teórico chama de “linha de conduta”, que intencionalmente ou não, está sempre voltada para um fim.

²⁰ São teorias que procuram mostrar que os indivíduos agem de acordo com linhas de conduta de caráter social e histórico. Para melhor compreensão, ver Filliettaz (2000 e 2001)

É nessa perspectiva que pretendemos apresentar uma análise referencial tanto da “atividade” de uma prática interacional, aqui entendida como conjunto de recursos esquemáticos do agir, produzidos a partir de pré-experiências validadas, como é o caso do discurso político, quanto das “ações” advindas daquilo que emerge das negociações estabelecidas efetivamente em atividades desenvolvidas por agentes em cada situação particular de interação, como é o caso do discurso político de Lula no III Fórum Social Mundial.²¹

Propomos a seguir a representação da atividade de um discurso político em sua forma mais genérica, atemporalmente concebida:

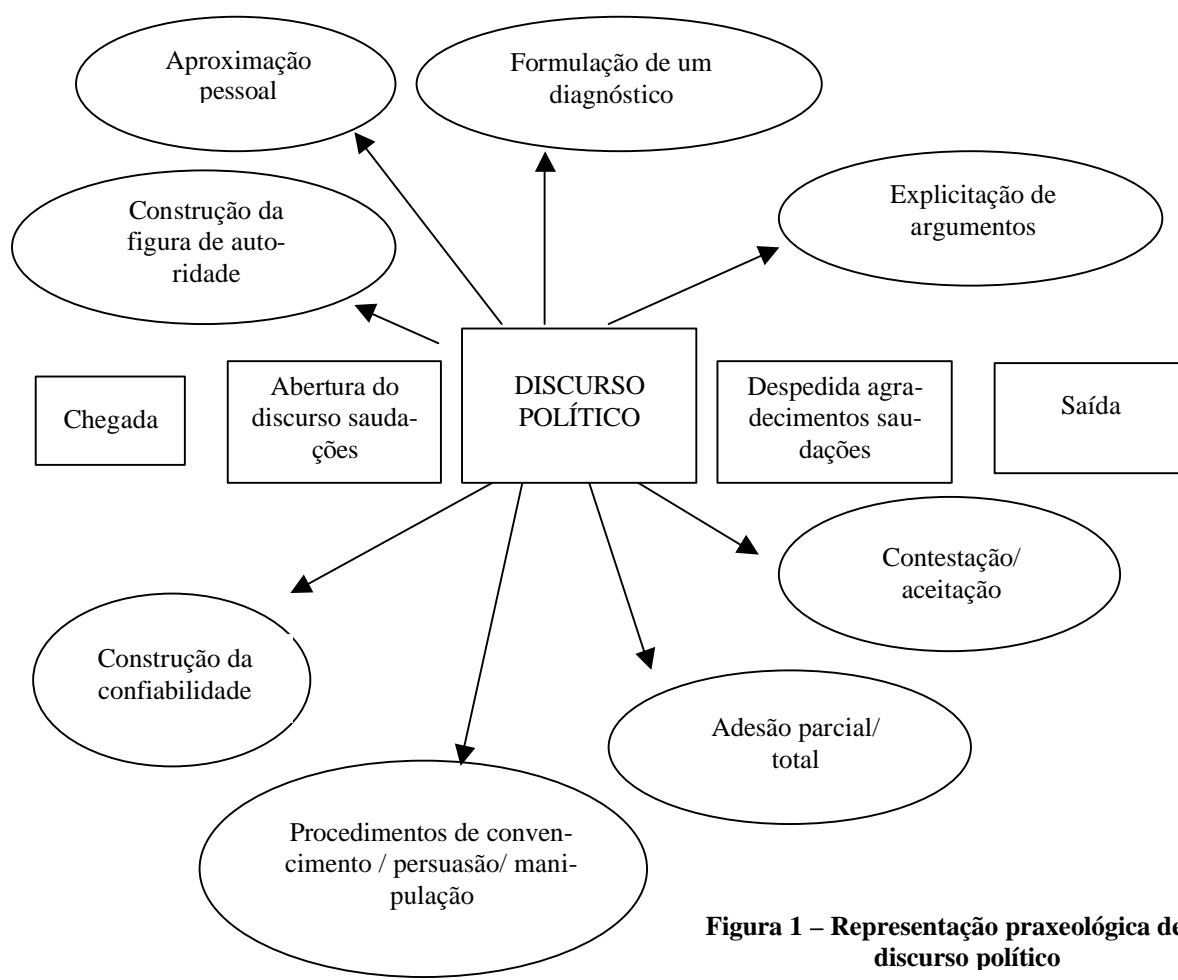


Figura 1 – Representação praxeológica de um discurso político

²¹ Neste trabalho, fazemos uma adaptação da proposta do Módulo Referencial do MAM: preferimos fundir os três níveis de análise das ações (representações praxeológicas, enquadre acional e estrutura praxeológica).

Para atingir e persuadir seus interlocutores, Lula põe em prática todas essas atividades discursivas apontadas no esquema de representação anterior. Se considerarmos o discurso político de Lula, poderemos observar o funcionamento dessas atividades.

A primeira delas, e que consideramos a principal, de acordo com o propósito de nossas análises é a FORMULAÇÃO DE UM DIAGNÓSTICO. Embora o presidente não diga claramente, parece-nos bastante visível, no contexto geral do discurso em Porto Alegre, que ele tenta convencer seus interlocutores de que ir a Davos reforça o Social, pois acredita nisso. Se considerarmos todo o histórico do Fórum Social e todo o histórico do Fórum Econômico, e, principalmente, o fato de que o Fórum de Porto Alegre já nasceu como o “anti-Davos”, entenderemos o que estamos chamando de diagnóstico de Lula: o presidente parece identificar os sinais que apontam a necessidade de se ir a Davos para combater o poderio econômico e tornar assim a luta pelo social ainda maior.

É em torno da formulação desse diagnóstico “Ir a Davos reforça o social” que o presidente desenvolve o cerne do seu pronunciamento. E, para apresentá-lo, ele procura EXPLICITAR SEUS ARGUMENTOS de maneira contundente:

Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio, falei: o que vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão: sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. Sou Presidente de um país que tem História e que tem um povo. E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto, tomei a decisão. Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque.

O trecho destacado aqui é apenas “um” entre outros trechos predominantemente argumentativos (como bem vão nos mostrar as análises hierárquico-relacionais no capí-

tulo IV) usados pelo presidente Lula para expor seu diagnóstico²². É aqui que ele começa a formular o diagnóstico de que “Lula devia ir a Davos em nome do “social””.

Em seguida, continua a explicitação dos argumentos como se os enumerasse num processo de gradação:

Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão.

Nesse exemplo, em que Lula apresenta as razões de por que ir a Davos, num processo de gradação crescente, observamos como todos os argumentos expostos por ele procuram destacar as causas sociais, sobrepondo-as às questões econômicas, desconstruindo o poder de Davos (eixo econômico) e construindo o seu próprio poder, ali representando o eixo social, como se fosse o redentor da humanidade.

Há, ainda, ao longo do pronunciamento do presidente, a busca da APROXIMAÇÃO PESSOAL. Podemos afirmar que ela aparece em várias ações discursivas de Lula, que já inicia seu pronunciamento com uma dessas ações²³:

faz tempo que eu não vejo vocês, faz tempo que vocês não me vêem.

²² Ver estruturas hierárquicas páginas 44, 46, 48, 51 e 54, no capítulo IV.

²³ Estamos chamando de “atividade” as linhas de conduta de uma determinada prática linguageira, como o discurso político (aquilo que concerne a uma representação praxeológica) e, de “ações”, os movimentos advindos das negociações estabelecidas efetivamente em atividades desenvolvidas por agentes em cada situação particular de interação, como é o caso do discurso político de **Lula** (aquilo que concerne a uma estrutura praxeológica).

Por todo o discurso há muitas marcas dessa tentativa de aproximação pessoal com seus interlocutores, principalmente os ativistas sociais, a quem o presidente deseja convencer a qualquer custo:

Eu, agora mesmo, Haddad, estou falando, aqui, em português, e deve haver companheiro aí, francês, inglês, deve haver gente da China, da Índia, que não está entendendo nada do que estou falando. (33) Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são pessoas que acreditam no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos, que vão entender cada palavra que eu falar.

É muito forte a preocupação do presidente em trazer para a enunciação, ao longo de todo o seu pronunciamento, a presença “do outro” para quem ele está elaborando o seu discurso. Essa é uma atividade de aproximação pessoal que constitui uma estratégia de persuasão das mais eficientes.

Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos. Na hora em que puder fazer, faremos. Mas, na hora em que não der para fazer, com a mesma serenidade e com o mesmo carinho, quero dizer: companheiro, não dá para fazer. Eu dizia, hoje: isso é mais ou menos como numa família em que, de repente, aparece um filho metido em drogas e, ao invés de o pai e a mãe discutirem com o filho e saberem onde é que está o defeito, começam a culpar a escola, começam a culpar o vizinho, começam a culpar o namorado, ao invés de sentarem e olharem para dentro do pai e da mãe e perguntarem a si mesmos: “O que nós deixamos de fazer, para que o nosso filho não fosse drogado?”

Lula chama seus alocutários, “o outro”, pelo primeiro nome ou informalmente de “companheiros”, compara-os ao filho caçula e faz referências a relações familiares mais íntimas, sempre com a intenção de estabelecer aproximação pessoal: parecer íntimo, da mesma família, igual aos seus alocutários, igual ao “outro” para quem ele está elaborando o seu discurso e tentando convencer.

Vale dizer que essa busca de aproximação pessoal é uma característica dos discursos do presidente Lula. Nas mais diversas situações sociais e políticas, ao longo do seu mandato, temos visto o presidente recorrendo a esse tipo de ação, na tentativa de persuadir os mais diversos interlocutores, inclusive aqueles que um dia foram seus ad-

versários. Vale mencionar o episódio, ocorrido em 2005, que envolve o deputado Roberto Jéfferson, a quem o presidente, publicamente, chamou de amigo e disse que (segundo a mídia) a ele, Roberto Jéfferson, daria um cheque em branco.

Um discurso político se caracteriza também pela atividade de CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE AUTORIDADE. Em diversos momentos, ao longo do seu pronunciamento, Lula procura construir essa figura de autoridade, na tentativa de afirmar a imagem do PRESIDENTE recém-eleito: o homem do povo que foi escolhido pelo povo para ser o “salvador da pátria”.

E o meu desejo de ser Presidente da República era o de saber se, eleito Presidente da República, serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações. E por que vou agir assim? Vou agir assim porque tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram, que está nas costas dos meus Ministros e que está, sobretudo, nas minhas costas. Embora tenha sido eleito Presidente do Brasil, tenho a nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e sobretudo para a esquerda na América Latina.

A análise desse trecho evidencia a tentativa da construção da imagem de uma autoridade que representa a esperança do povo pobre e sofrido, e, na voz do presidente, talvez a única alternativa para uma sociedade mais justa e mais honesta, bem como a única esperança para a esquerda não só do Brasil, mas do mundo inteiro, principalmente da América Latina. Trata-se da imagem de uma autoridade que tenta personificar o próprio povo ou a própria esquerda na figura de um PRESIDENTE. Aqui, mais uma vez, Lula se declara o salvador da humanidade.

Uma outra atividade presente em qualquer discurso político é a CONSTRUÇÃO DA CONFIABILIDADE. Vejamos como o discurso do presidente Lula faz uso desse tipo de atividade:

mas eu não posso errar. E não posso errar porque eu não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes

grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002.

Nesse trecho, o presidente Lula faz uma referência implícita à eleição de Fernando Collor, “*eleito pelo apoio de um canal de televisão*”, e às duas eleições de Fernando Henrique Cardoso, “*eleito por interesse dos grandes grupos econômicos*”. Em seguida, ele sugere que não se serviu de nenhuma estratégia que requeresse competência ou inteligência para chegar à presidência: “*não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência*”. Trata-se de uma nova remissão direta a FHC (conhecido internacionalmente por seus saberes e cultura), o que podemos considerar uma gafe de Lula, já que ele parece admitir que o seu antecessor tem mais capacidade e é mais inteligente do que ele. Na seqüência, Lula sugere que ocupa o mais alto cargo do governo deste país porque foi legitimado pelo povo deste país, povo este que possui “*alto grau de consciência política*”. Ora, se este povo de “*alto grau de consciência política*” lhe conferiu o PODER de presidente, não há como alguém duvidar de sua confiabilidade.

É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, e eu volto a afirmar: nós esperamos tanto para ganhar, nós perdemos tanto, nós sofremos tanto, tanta gente morreu antes de nós, tentando chegar lá, que, por esse acúmulo de compromissos, quero olhar na cara de cada um de vocês e dizer “Eu não vou errar e vou fazer um Governo voltado para os pobres deste país.

Aqui, o presidente refere-se às várias tentativas frustradas para chegar à presidência e aos que morreram durante a ditadura militar, fatos que só fazem aumentar a sua responsabilidade e experiências que lhe trazem mais confiabilidade.

Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é o de que vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus, para quem é cristão: é que eu posso cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país.

Mais uma vez, Lula proclama-se redentor da humanidade: parece querer ser confundido com o próprio Deus. Invoca os cristãos, faz promessas apaixonadas de fidelidade. Ora, como não confiar no próprio Deus?

quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não faltarei a vocês. Não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer. E espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo, para que a gente possa, de uma vez por todas, começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, pessoas que tenham mais compromisso, pessoas que acreditem que é possível a gente mudar a História da Humanidade.

Nesse trecho, entre outras promessas, Lula assume o compromisso de contribuir para que “*outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo*”, ou seja, eleger outros “*companheiros*” que sejam iguais a ele. A seguir, ele descreve o perfil desses “outros”, o que sugere o seu próprio perfil: “*pessoas que tenham mais sensibilidade, pessoas que tenham mais compromisso, pessoas que acreditem que é possível a gente mudar a História da Humanidade*”. Dessa maneira, ele se declara sensível, comprometido e crente de que é possível mudar a história da humanidade. Alguém com essas características só pode ser digno de muita “confiabilidade”.

Todos os segmentos transcritos, entre tantos outros que não foram aqui apresentados, nos mostram como o presidente procura garantir a confiabilidade de seus alocutários repetindo enfaticamente “não vou errar”, “jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência”, “tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo”, “não faltarei a vocês, não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer”. A insistência nessas asserções, ao longo de todo o pronunciamento, mostra um presidente preocupado com a confiabilidade não só do povo, mas, principalmente, com a confiabilidade de sua base política: petistas e demais ativistas sociais. E, claro, preocupado, ao mesmo tempo, em mandar um recado para Davos e para a mídia. A confiabilidade desses dois eixos também era fundamental.

Dentre os PROCEDIMENTOS DE CONVENCIMENTO, PERSUASÃO E MANIPULAÇÃO, sobre os quais o presidente lança mão durante seu discurso, está uma elaborada exposição sobre o que ele vai dizer em Davos (alguns já transcritos durante esta análise) e, principalmente, o que ele vai fazer em Davos. Essa exposição está ancorada na construção de um silogismo tal como apresentamos a seguir:



Figura 2 – Representação do silogismo

Esse silogismo vem acompanhado de promessas em torno de um governo honesto e voltado para o povo:

Quero fazer talvez o Governo mais honesto que já houve na História deste país, o Governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade. E tenho certeza de que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso Governo aqui no país. ...que haverá um dia que, neste país, nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida, e nenhuma criança acordará sem um café da manhã ... Haverá o dia em que, neste país, as pessoas poderão morrer, porque nascemos para morrer, mas ninguém morrerá de desnutrição, como muitos morrem hoje, neste país.

Esse conjunto de atividades, as quais descrevemos até aqui, é o que leva os alocutários do sujeito que se enuncia num discurso político às atividades de CONTESTAÇÃO ou ACEITAÇÃO e à atividade de ADESÃO PARCIAL ou TOTAL.

Em relação ao nosso *corpus*, isso nos é possível observar quando nos apropriamos da repercussão que o pronunciamento do presidente teve. O fato de ele ter sido chamado de “estadista” por alguns jornais e a forma como o povo, os poderosos de Davos e a mídia reagiram ao seu pronunciamento, tanto em Porto Alegre quanto em Davos, nos mostram que a ACEITAÇÃO foi muito maior do que a contestação e que a adesão, se não foi total, foi quase total.

É bom lembrar que o presidente estava em seus primeiros dias de governo e enunciados como “...o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é o de que vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus, para quem é cristão: é que eu posso cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República”, não só “persuadiam” e “comoviam” a legião do “social”, bem como todos os demais alocutários.

Certamente, os discursos atuais de Lula não têm mais a mesma ACEITAÇÃO que os pronunciamentos de Porto Alegre e Davos tiveram. O mesmo se pode dizer em relação à ADESÃO, que se, nos dias atuais, encontra dificuldade para ser parcial, quem dirá total.

Após essas análises preliminares de ordem referencial, podemos apresentar um esquema com as ações do presidente Lula, o que permitirá uma síntese do seu discurso em Porto Alegre.

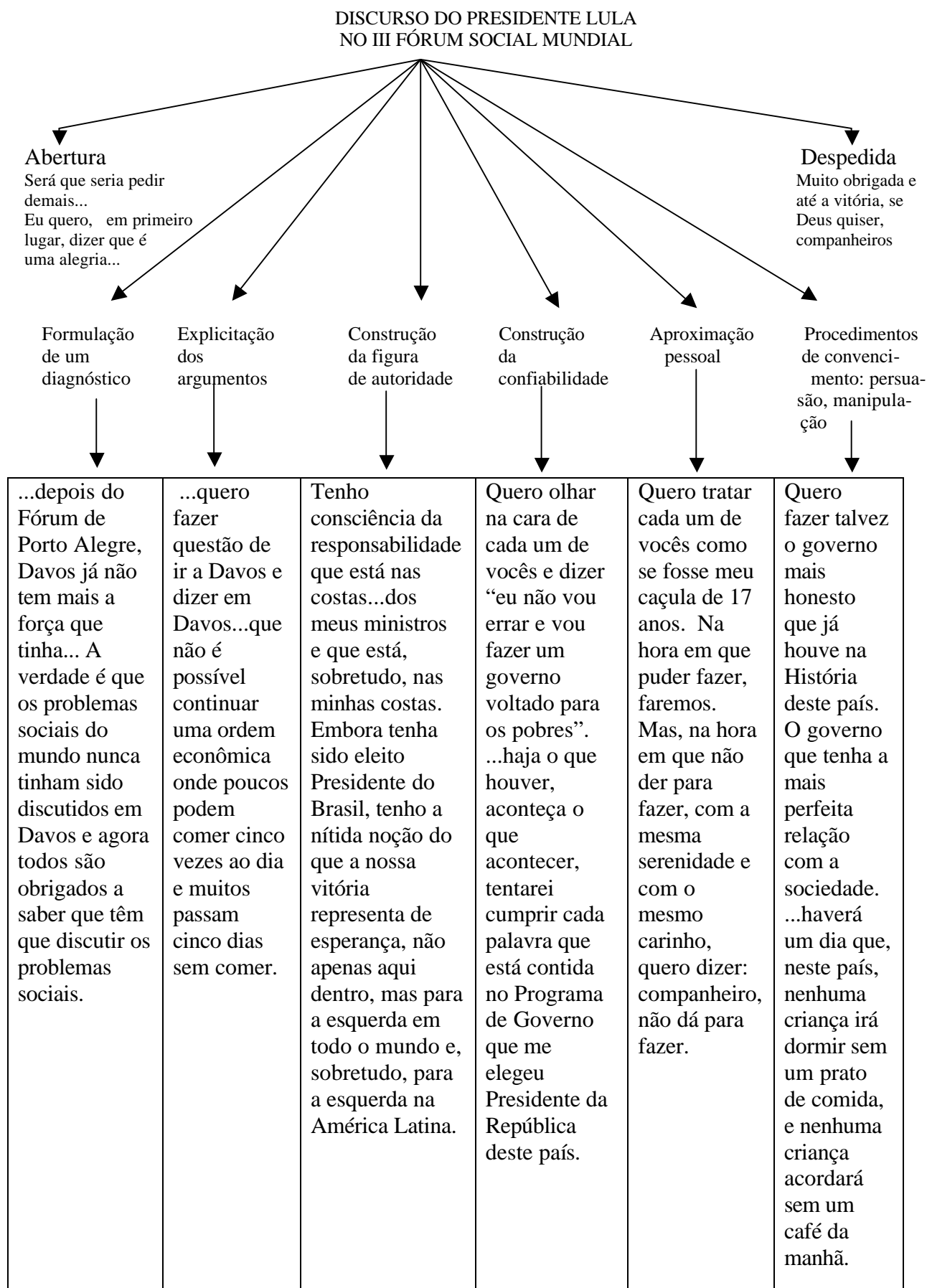


Figura 3 – Estrutura Praxeológica do discurso no III FSM

3.2 O discurso de Porto Alegre e a complexidade de suas interações

Além das análises dos contextos de atividades e das ações discursivas que envolvem o pronunciamento do Presidente Lula, faz-se necessário, para melhor compreender as construções polifônicas e autofônicas que ressoam em seu discurso, situar os diferentes níveis de interação que o constituem, bem como os encaixes das diferentes situações de interação, o que deverá conduzir a uma explicação e interpretação para as muitas vozes nele enunciadas.

No modelo, essas questões são tratadas no módulo interacional. Para Roulet et al. (op.cit.), toda interação se estabelece através de um canal, dispõe seus interactantes – uns em relação aos outros – no tempo e no espaço e define suas possibilidades de agir e retro-agir. A materialidade onde a interação se ancora determina sensivelmente a organização do discurso. Isso significa que a diferença de canal, a co-presença ou não de espaço temporal e as possibilidades de agir e retro-agir dos interactantes implicam materialidades de interação diferentes. Essas diferenças dizem respeito a gasto com tempo e energia, orientação corporal e olhares, acesso a voz, etc.

A materialidade das interações é claramente distinta de outras informações situacionais constitutivas de um discurso. Por isso mesmo, o Modelo de Análise Modular propõe um módulo específico, incluído no componente situacional do discurso, para tratar dessa questão. O módulo interacional, portanto, é aquele que trata das interações, não do ponto de vista lingüístico, mas do ponto de vista da “materialidade” interacional da qual o discurso é feito.

Dessa maneira, a materialidade de uma interação é definida por meio de três parâmetros: o canal de interação (oral, escrito e visual), o modo de interação (grau de co-presença espacial e temporal) e o vínculo da interação (reciprocidade ou não entre os interactantes).

Todo discurso implica um canal oral, escrito ou visual, ou ainda, mais de um canal (pluri-canal) como é o caso do discurso do presidente Lula em Porto Alegre que teve sua enunciação tanto por meio oral e visual quanto por meio da escrita.

Todo discurso implica também um modo de interação. Dentro desse modo, dois valores ganham importância: a posição dos interactantes no tempo e no espaço, que introduz as noções de co-presença espacial e temporal (quando os interactantes partilham o mesmo ambiente), caso do discurso de Lula no anfiteatro Pôr do Sol, e a distância espacial e temporal (quando os interactantes não dividem o mesmo ambiente), caso do discurso de Lula publicado na internet.

Todo discurso implica, também, um vínculo de interação e dois valores possíveis: um vínculo de reciprocidade (cada interactante pode reagir à proposta do outro) e um vínculo unidirecional (contato onde somente uma das partes comunica na ausência física da reação do outro).

A co-presença temporal e/ou espacial parece favorecer um vínculo de reciprocidade e a distância espacial parece favorecer um vínculo unidirecional. Porém o pronunciamento do presidente, no anfiteatro Pôr do Sol, embora, a princípio, pareça favorecer um vínculo unidirecional, situação em que os interlocutores não retroagem, na verdade apresenta um vínculo de reciprocidade, se considerarmos que os aplausos e os gritos do público presente influenciam as atitudes do locutor.

O discurso do presidente, que constitui o nosso *corpus*, por apresentar duas situações de enunciação (uma, em Porto Alegre, no momento em que foi proferido, e outra, nas páginas da internet) pode ser representado em dois quadros interacionais. Cada um desses quadros apresenta vários níveis de interação, ora completa, ora representada, como mostraremos adiante por meio da análise dos quadros interacionais. Entende-se por interação completa a que envolve interactantes de carne e osso; e, por interação re-

presentada, a que diz respeito a uma situação simulada ou figurada, como é o caso da interação que envolve personagens de um romance.

Apresentamos, a seguir, o quadro que representa a situação de enunciação, correspondente ao discurso do Presidente Lula no III Fórum Social Mundial, no momento em que foi proferido na cidade de Porto Alegre:

locutor <Lula>	Interlocutor <Lula>	Interlocutores <amigos> <os que queriam liberdade política> <pres. da FIESP> <ele mesmo> <.....>	alocutários <público>: Ativistas sociais mídia povo>
canal oral presença espaço-temporal reciprocidade <DISCURSO>			
canal oral e visual presença espaço-temporal (não) reciprocidade <CONFERÊNCIA/ANFITEATRO PÔR-DO-SOL>			

Quadro 3 – Enquadres interacionais do discurso de Lula no anfiteatro Pôr-do-sol

Ao analisarmos o quadro 3, podemos constatar dois níveis de interação refletindo as devidas posições dos interactantes²⁴. Trata-se de uma figura que representa uma interação complexa. As interações são *complexas* quando comportam pelo menos dois níveis e quatro posições de interação, cada nível comportando duas posições, e *simples* quando apresenta apenas um nível e duas posições de interação.

²⁴ Certamente há, nos quadros interacionais do discurso do presidente Lula (tanto o 3 quanto o 4) um outro nível de interação que, por opção, preferimos excluir. Trata-se de um nível de interação entre aquele que escreveu o discurso, antes do seu pronunciamento, e o seu alocutário: provavelmente o assessor de imprensa da presidência e o próprio presidente Lula.

É importante dizer que nas interações complexas, o nível mais embutido (representado no quadro 3 corresponde a discursos representados²⁵ e o nível mais global, externo, corresponde a discursos citados²⁶. Essa noção de discurso representado e discurso citado é de fundamental importância para a compreensão da análise das formas de organização enunciativa e polifônica que será apresentada no capítulo V.

Essa interação, representada no quadro 3, apresenta um nível de interação efetiva por engajar interactantes de carne e osso e um nível de interação representada por engajar interactantes que correspondem aos personagens de uma história, ou de várias histórias contadas por Lula (mesmo que verdadeiras). “Histórias” sobre o seu passado, com suas personagens discursivas, sempre tão polifônicas.

Vale dizer que a interação efetiva corresponde ao nível mais externo do quadro e a interação representada corresponde ao nível mais embutido. O nível mais externo (o qual engaja interactantes de carne e osso) apresenta duas posições de interação. Uma, que reflete a identidade do presidente Lula, e outra, que reflete a identidade de seus locutários²⁷, o público, que, no momento do pronunciamento, em Porto Alegre, era constituído predominantemente por ativistas sociais e mídia. Trata-se do nível da conferência no anfiteatro Pôr-do-Sol, que se dá numa situação de interação face a face.

Analisando esse nível, podemos observar que o canal é oral e visual, há co-presença espaço-temporal e preferimos colocar “não” reciprocidade entre parênteses,

²⁵ O discurso de outrem do qual fala Bakhtin. Aquele que corresponde àquilo que o locutor diz que alguém disse. Explicaremos melhor essa questão quando tratarmos da forma de organização enunciativa.

²⁶ O discurso que corresponde àquilo que o locutor diz.

²⁷ Estamos chamando de locutários os interactantes que ocupam a posição de interação no nível que representa a interação completa, ou seja, o nível mais externo da figura 3, onde estão os interactantes de carne e osso como os ativistas sociais, os jornalistas, o povo, entre outros; e vamos chamar de interlocutores os interactantes que ocupam a posição de interação no nível mais embutido, onde estão representados os interactantes que correspondem aos personagens das histórias narradas por Lula. Preferimos adotar essa distinção por considerarmos que os interactantes do nível de interação completa não estão em situação de diálogo (monologal) com o locutor, presidente Lula, enquanto os da interação representada são colocados pelo narrador num plano discursivo dialógico.

justamente por considerarmos que, embora o público não estivesse em situação de diálogo, ele ainda podia retroagir por meio de aplausos, aclamação ou vaias e assim influenciar o pronunciamento de Lula..

Já o nível mais englobado representa a interação entre o interlocutor, Lula, e seus interlocutores do passado (os amigos, os que queriam liberdade política, o presidente da FIESP, o general Dilermando, entre outros). A interação nesse nível se dá em situação de interlocução. O locutor estabelece uma conversação com seus interlocutores e apresenta as falas por meio de discursos representados, dentro de uma narrativa, como se fosse num belo romance de Dostoievski. Trata-se, portanto, de uma interação representada, pois os interlocutores, embora sejam pessoas reais, são colocados num plano de personagens, como fazem os escritores de narrativas fictícias. Nesse tipo de interação, o canal mantém-se oral, há co-presença espaço-temporal, pois os personagens desfrutam o mesmo espaço, e há um vínculo de reciprocidade, já que esses personagens estão em situação de diálogo, ou seja, conversam entre si. Esse tipo de interação apresenta o mesmo tipo de materialidade do nível mais embutido de uma interação romanesca.

Passamos, a seguir, a apresentar o quadro interacional que representa a situação de enunciação correspondente ao discurso do Presidente Lula no III Fórum Social Mundial, depois de ter sido veiculado à Internet:

Metteur en scène <organizador da página>	escritor <responsável pela escritura>	Locutor <Lula>	Interlocutor <Lula>	Interlocutores <amigos> <os que queriam liberdade política> <pres. da FIESP> <ele mesmo> <.....>	Alocutários <público>: A. S. P. D. Mídia Povo>	Leitores <leitador>: A. S. P. D. Mídia Povo>	receptários <internautas> A. S. P. D. Mídia Povo>
		canal oral presença espaço-temporal reciprocidade <DISCURSO>					
		canal oral e visual presença espaço-temporal (não)-reciprocidade <CONFERÊNCIA/ANFITEATRO POR-DO-SOL>					
	canal escrito distância espaço temporal não-reciprocidade <TRANSCRIÇÃO DO TEXTO ORAL DO DISCURSO >						
canal escrito distância espaço temporal não-reciprocidade <PÁGINA DA INTERNET>							

Quadro 4 – Enquadres interacionais do discurso de Lula na Internet

Observamos, nessa representação, a presença dos dois níveis mais embutidos tal qual foi descrito no quadro 3. Entretanto, podemos notar, nesse quadro interacional, a presença de dois níveis de interação que não ocorrem naquele quadro. No quadro 4, o nível mais externo corresponde a uma interação completa, cujas posições de interação são ocupadas pelo organizador da página e pelos internautas. Nesse nível, o canal é escrito, há distância espaço-temporal e não-reciprocidade, isso porque os interactantes não retroagem. O nível seguinte corresponde à interação do texto transcrito do discurso, que

envolve um escritor, responsável pela escritura do texto e os possíveis leitores. Nele, o canal utilizado é o escrito, há distância espaço temporal e não reciprocidade.

Tanto a interação representada no quadro 3 quanto no quadro 4 são consideradas interações complexas, ou seja, interações formadas por mais de um nível de interação de forma encaixada. No quadro 3, temos um nível de interação realmente completa (interactantes de carne e osso) e um nível de interação representada, aquela cuja materialidade ocorre de forma figurada ou simulada, não se completa no seu sentido físico como é o caso da interação que envolve o interlocutor Lula e seus interlocutores, presentes na posição mais englobada do quadro interacional.

No caso do quadro 4, continuamos com apenas um nível realmente completado, o nível que representa a interação entre o organizador da página e os internautas, os demais níveis, embora, a princípio, pareçam constituir interações completas, na verdade constituem interações representadas, por serem interações que se realizam apenas textualmente. O discurso transcrito constitui apenas o vestígio do momento enunciativo do discurso realmente completado pelos interactantes de carne e osso.

É importante ressaltar que as posições de interação dos alocutários, tanto do presidente Lula (público), do escritor responsável pela escritura do discurso (leitorado), bem como do organizador da página da Internet (internautas) reflete não somente a identidade de um determinado alocutário, mas, sim, de vários. São nessas posições de interação, presentes nos três últimos níveis mais externos, que vamos encontrar os diferentes alocutários desse discurso, cuja intencionalidade é distinta para cada uma dessas identidades, considerando os três poderosos eixos de uma sociedade aos quais pertencem tais alocutários.

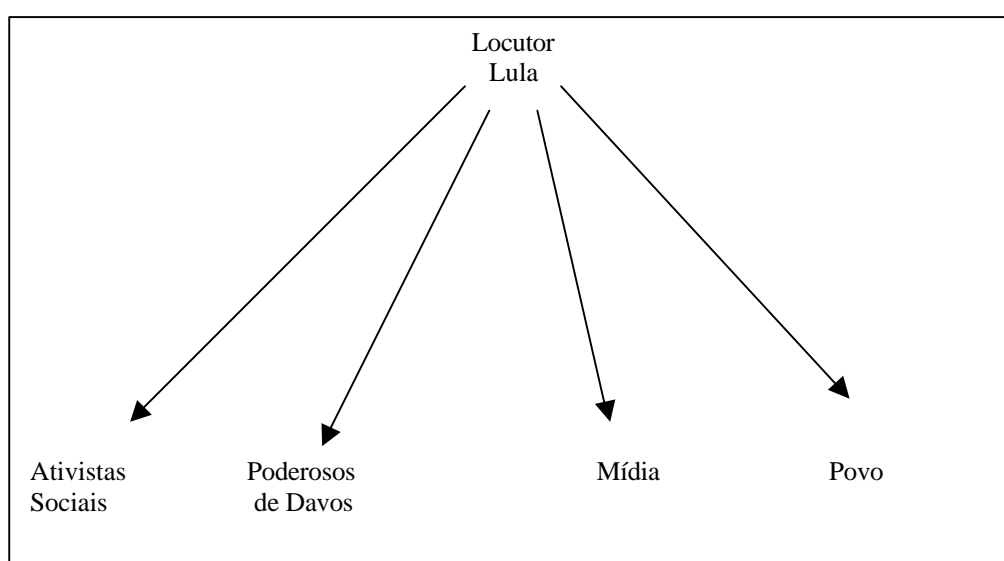
Entre esses possíveis alocutários, certamente estarão os ativistas sociais (A. S.), representantes do poderoso eixo social, os poderosos de Davos, pertencentes ao podero-

so eixo econômico (P.D.), os jornalistas de diversas partes do mundo, pertencentes ao poderoso eixo midiático e, por último, lógico, o povo.

É necessário lembrar que todas essas informações interacionais são imprescindíveis para a identificação dos discursos citados e representados, com seus níveis de encaixamento e suas funções, quando da análise das formas de organização enunciativa e polifônica, no capítulo V.

3.3 O pronunciamento do presidente e a metáfora do pêndulo

Se considerarmos que, nesses níveis de interação, o presidente Lula se desdobra para atingir esses diferentes alocutários, perceberemos, ali, um movimento de oscilação. É nessa perspectiva que pretendemos estabelecer o que chamaremos de metáfora do “pêndulo”. Se recortarmos um desses níveis de interação, com a respectiva posição dos interactantes, verificaremos que o presidente, locutor desse discurso, se divide entre esses diversos alocutários.



Quadro 5 – Representação de um nível interacional destacando as posições de interação entre o presidente e seus alocutários

Analisando o nível de interação representado no quadro anterior, é possível observar como o locutor, presidente Lula, oscila entre seus alocutários (tão diferentes entre si) imitando o movimento de um pêndulo.

Durante a análise referencial, encontramos uma infinidade de passagens que ilustram esse movimento de oscilação. Quando Lula busca a APROXIMAÇÃO PESSOAL, por exemplo, traz para a interação os ativistas sociais, ao chamá-los pelo primeiro nome ou informalmente de “companheiros”: *“eu agora mesmo Haddad, estou falando aqui em português” ... “companheiro, não dá para fazer” ... “eu quero, meu querido Haddad...”*; faz ainda referências aos socialistas *“sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro tem no nosso governo”*, como se os convocasse para a interação verbal.

Porém, Lula traz para essa interação, não só os ativistas sociais, mas também os poderosos de Davos. Em ocasiões em que buscava a CONSTRUÇÃO DA CONFIABILIDADE, por exemplo, fica explícita a tentativa do presidente de alcançar o poderoso eixo econômico mundial: *“se, ao invés de os países ricos produzirem e gastarem dinheiro ... gastassem dinheiro com pão...para matar a fome do povo” ... “muita gente que está em Davos não gosta de mim” ... “Davos já não tem mais a força que tinha”*. Essas referências constantes ao poderio econômico mundial já anunciavam sua preocupação com esses alocutários.

É possível observarmos, também, quando ele direciona seu discurso à mídia: *“a imprensa que começou, no I Fórum, a dizer que era um encontro de esquerdistas... hoje reconhece, em todas as primeiras páginas dos jornais: o Fórum Social Mundial é o maior evento político...”* ou quando ele busca os alocutários da massa eleitoral, o povo: *“quero que vocês, que são brasileiros... quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não faltarei a vocês.”*

Ousamos dizer que essa oscilação, que imita o movimento de um pêndulo, poderia ser um prenúncio das características que marcaram e têm marcado o governo Lula. Ou seja, o presidente parece não se definir em relação a “para quem governar”: povo ou elite poderosa? Sem contar com a polêmica questão de o presidente nunca ter encontrado uma forma de viver em paz com a mídia. Não é raro vermos Lula metido em confusões por causa de suas irrefreáveis declarações improvisadas à imprensa.

Dessa maneira, podemos afirmar que essas informações, oriundas das análises referencial e interacional, explicitam a estratégia do presidente de convencer os ativistas sociais da necessidade de se ir a Davos e, ao mesmo tempo, de estabelecer uma interlocução com os poderosos de Davos, a mídia e o povo.

Portanto, não tememos errar, ao dizermos que, provavelmente, estava se iniciando, ali, em pleno Fórum Social Mundial de 2003, essa característica do governo Lula, a qual chamamos de **metáfora do pêndulo**, justamente por termos observado, por meio das análises (referencial e interaciona), que, desde 2003, o presidente já demonstrava indícios de oscilação entre os três grandes eixos da sociedade mundial: “social”, “econômico” e “mídia”, e, por último, o povo.

As informações obtidas com as análises referencial e interacional irão orientar a abordagem analítica das formas de organização enunciativa e polifônica no capítulo V, porém, além dessas informações referenciais e interacionais, faz-se necessário um estudo do discurso do presidente Lula na perspectiva das dimensões hierárquica e relacional, pois são essas dimensões que podem revelar a trama constitutiva dos encaixes e o intrincado jogo argumentativo subjacente ao discurso polifônico do presidente.

CAPÍTULO IV

O discurso do presidente Lula numa perspectiva hierárquico-relacional

Se a linguagem falasse apenas à razão e constituísse, assim, uma ação sobre o entendimento dos homens, então ela seria apenas comunicação. Mas, ao mesmo tempo em que ela desprende o conjunto de relações necessárias da razão, ela também articula o conjunto de relações necessárias da existência. E, neste sentido, o seu traço fundamental é a argumentatividade, a retórica, porque é este traço que a apresenta, não como marca de diferença entre o homem e a natureza, mas como marca de diferença entre o eu e o outro, entre subjetividades cujo espaço de vida é a história.

C. Vogt

Um dos fundamentos da Teoria da Argumentação de Oswald Ducrot é o que defende que os fatos argumentativos são constitutivos da estrutura interna de uma língua, ou seja, as propriedades argumentativas não resultam da situação de comunicação e fatores pragmáticos, mas, sim, de características lingüísticas ou semânticas de um texto. Isso significa que todo texto ou discurso é constituído de propriedades argumentativas.

A polifonia, nosso maior propósito neste trabalho, é uma das operações discursivas que possibilitam ao enunciador trazer para o interior de seu texto “fatos”, “dados” e “conhecimentos” que se constituem como argumentos. Portanto, não poderíamos tratar da polifonia no discurso político do presidente Lula, sem antes tratar dele do ponto de vista de uma teoria da argumentação; vale acrescentar que todo discurso político é, por natureza, um discurso em que a eficácia da argumentação está quase sempre presente.

Para o instrumental de Análise Modular, determinar a hierarquia e as relações existentes entre as partes, ou seja, entre os constituintes que formam um discurso, é fun-

damental para podermos determinar o seu poder de persuasão, ou a eficácia da sua argumentação.

Ora, se estamos tentando provar que foi por meio de suas narrativas polifônicas, no discurso do III Fórum Social Mundial, que o presidente Lula persuadiu seus alocutários para legitimar sua viagem a Davos, temos então que mostrar como essa persuasão se deu considerando-se as relações hierárquicas e relacionais (conectores) existentes nesse discurso.

Se quisermos dividir o pronunciamento do presidente Lula, no III Fórum Social Mundial, em partes, o primeiro grande corte que podemos fazer é o que corresponde à parte inicial do seu discurso. Trata-se da parte que corresponde àquilo que a mídia, na época, chamou de “enfadonho”, “coisa de político”, parte em que o discurso do presidente pareceu pouco objetivo, sem grandes expectativas.

O grande cerne do discurso de Lula, que é onde está o verdadeiro objetivo do pronunciamento, só vem a aparecer posteriormente. É a partir daí que o presidente começa a expor seus argumentos em torno do assunto Fórum Social × Davos. É somente a partir dessa parte que surge uma série de “sub-partes” permeadas por relações argumentativas e contra-argumentativas que “inocentemente” procuram levar aos alocutários, sejam eles ativistas sociais, poderosos de Davos ou mídia, o “recado” que o governo imagina que cada um precisa receber.

Com isso, queremos dizer que um discurso se organiza em torno de constituintes, ou seja, partes hierarquicamente organizadas, que resultam de um processo dinâmico de negociação subjacente a qualquer interação. Esse processo de negociação é formado pelo princípio da recursividade que permite produzir as estruturas dialogais e monologais mais complexas, possibilitando, assim, a construção de uma infinidade de discursos.

4.1 O discurso do presidente e a hierarquia de seus constituintes.

O módulo hierárquico, do Modelo de Análise Modular, nasceu da necessidade de se adotar uma metodologia descendente, ou seja, das unidades discursivas para as unidades lingüísticas. Trata-se de um módulo que define as categorias e as regras que permitem engendrar estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis.

Essas três categorias de constituintes discursivos são chamadas de: troca, intervenção e ato. Tais constituintes formam a base da estrutura de um texto e, para tratar deles, da **hierarquia** e **relações** existentes entre eles, o Modelo de Análise Modular nos oferece o **módulo hierárquico** e a **forma de organização relacional**.

De acordo com o Modelo de Análise Modular, podemos, assim, definir os constituintes de base da estrutura de um texto: troca (T), menor unidade dialogal; intervenção (I), menor unidade monologal e ato (A), menor unidade textual.

Há, entre esses constituintes, três tipos de relação: a de dependência (quando uma troca, intervenção ou ato tiverem sua presença ligada à presença de um constituinte principal, sendo assim considerados subordinados, podendo, portanto, ser suprimidos do texto sem comprometer sua estrutura global); a de interdependência (quando um constituinte não pode existir sem outro, como é o caso de uma intervenção de resposta, cuja existência depende de uma intervenção de pergunta e vice-versa) e a de independência (quando a presença de um constituinte independe da de outro, caso das intervenções e atos coordenados).

O módulo hierárquico, por contar com o princípio da recursividade, permite uma estrutura que não é estática, e sim o resultado, a face emergente, de um processo dinâmico de negociação, subjacente a toda interação, que pode ser esquematizado da seguinte maneira:

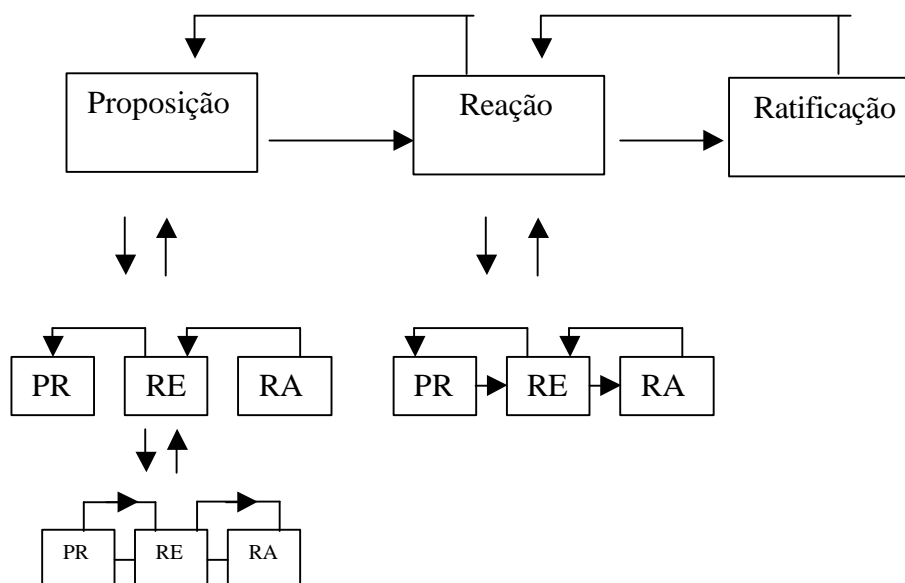


figura 4 – Representação do processo de negociação

Esse processo de negociação no discurso de Lula assume a seguinte macro-estrutura:

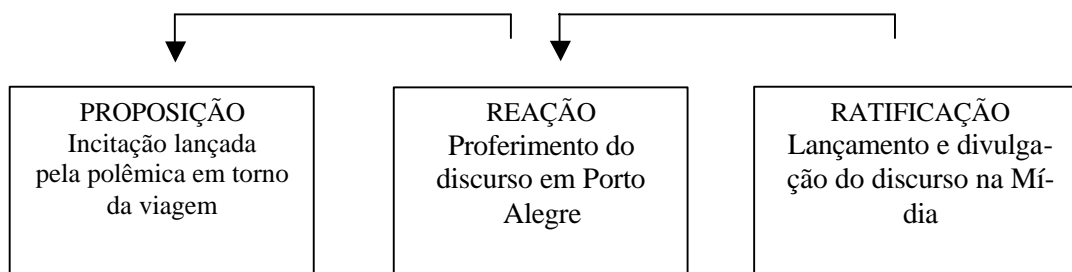


figura 5 – Representação do processo de negociação no discurso do presidente

Segundo Marinho,²⁸ a estrutura hierárquica é um instrumento heurístico bastante eficaz, na medida em que ela define claramente os constituintes e as relações que se estabelecem entre eles nos diferentes níveis de análise, tais como as relações discursivas, as estratégias de estruturação do discurso, entre outros. É a estrutura hierárquica

²⁸ Rev. ANPOLL, Nº 16, São Paulo. p 91/90. jan/jun. 2004.

que possibilita a visualização da hierarquia e relações existentes entre os constituintes de base da estrutura de um texto.

O discurso do presidente Lula no III Fórum Social Mundial pode ser representado numa macro-estrutura que nos permite a visualização da hierarquia entre os principais constituintes que o compõem:

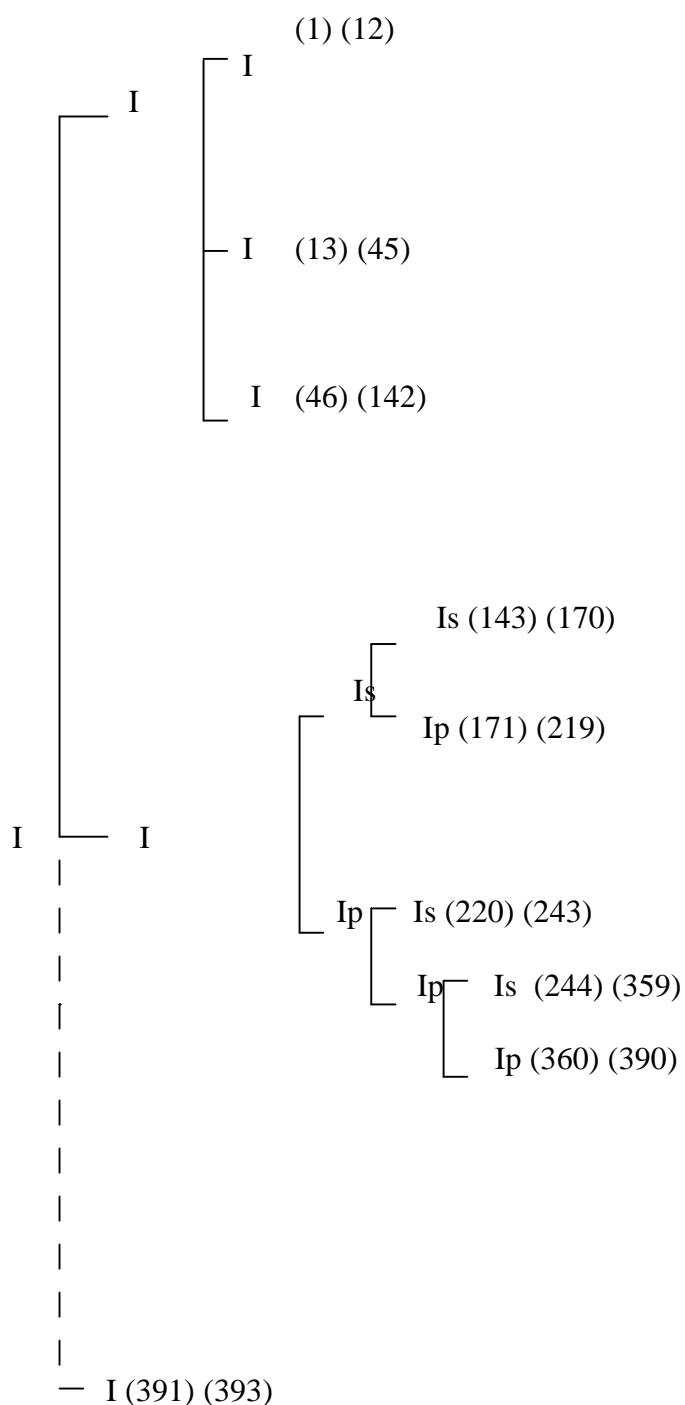


figura 6 – Macro-estrutura hierárquica do discurso no III FSM

Todo o discurso do presidente, representado na macro-estrutura anterior, corresponde a uma grande intervenção, dividida em duas outras grandes intervenções. A primeira, que vai do ato (01) ao (142), corresponde àquilo que a imprensa, na época, chamou de “discurso enfadonho”. Dentro dessa intervenção, parte considerada “enfadonha”, “pouco objetiva”, há três intervenções menores coordenadas: do ato (01) ao (12) temos uma intervenção em que o presidente faz a preparação do ambiente antes de se pronunciar. Faz isso por meio de uma língua coloquial, apresentando-se com excesso de informalidade e de intimidade. A propósito, algo bastante comum em suas falas: “(1) *Será que seria pedir demais (2) para que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos... (12) e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro*”.

Do ato (13) ao (45), temos uma outra intervenção em que o presidente faz uma série de agradecimentos aos organizadores do Fórum e aos presentes (ativistas sociais e militantes): (13) *Eu quero, em primeiro lugar, dizer para vocês que é uma alegria maior do que a que o meu coração comporta (14) estar, outra vez, participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza, (15) que é este Fórum Social Mundial. (...) Quero agradecer, aqui, aos companheiros dirigentes do Fórum, aos Ministros, (16) mas, sobretudo, quero agradecer ao povo do mundo inteiro que, (17) sem medir sacrifício, (18) veio aqui, (19) às vezes sem ter o direito de falar, (20) às vezes sem ter oportunidade de falar, (21) mas veio aqui só para dizer (22) “Eu existo, como ser humano. (23) E eu quero ser respeitado como tal.”*

Do ato (46) ao (142), o presidente apresenta uma série de expectativas em torno do seu futuro governo, meio desconexas, vale dizer. É importante observar que até o final do ato (142), as intervenções se distribuem de forma simples, com predominância das relações coordenadas, pouca ou nenhuma complexidade discursiva: (46) *Eu sempre*

disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito Presidente da República, (47) era para ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações (...) (48) É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, (49) e eu volto a afirmar: (50) nós esperamos tanto para ganhar, (51) nós perdemos tanto, (52) nós sofremos tanto, (53) tanta gente morreu antes de nós, tentando chegar lá, (54) que, por esse acúmulo de compromissos, (55) quero olhar na cara de cada um de vocês (56) e dizer (57) “Eu não vou errar (58) e vou fazer um Governo voltado para os pobres deste país.”

É a partir do ato (143) que o presidente realmente dá início àquilo que passou a ser o cerne do seu pronunciamento, o que ocorre até o ato (390). Esses atos formam uma segunda grande intervenção que representa o núcleo, o cerne do pronunciamento do presidente Lula, o lugar do discurso em que ele usa suas estratégias discursivas para atingir seus interlocutores e, por isso mesmo, é essa grande intervenção que nos interessa para objeto de análise. Nela há duas intervenções menores. A primeira delas vai do ato (143) ao (219) e a segunda do ato (220) ao (390). Encaixados à primeira intervenção menor, os atos (143) a (170) formam uma outra intervenção, que se subordina a uma intervenção principal, formada pelos atos (171) a (219). A intervenção subordinada, formada pelos atos (143) a (170), funciona como uma espécie de preparação para o cerne do pronunciamento. Já a intervenção principal, correspondente aos atos (171) a (219) é marcada pela predominância da inserção de narrativas pessoais, principal estratégia discursiva utilizada pelo presidente.

Na segunda intervenção menor, que vai do ato (220) ao (390), os atos (220) a (243) formam uma intervenção que expõe os objetivos e a importância da viagem, texto marcado pela oposição social × econômico. Essa intervenção vem subordinada a uma outra, composta sua vez por duas intervenções. A primeira é formada pelos atos que formam a intervenção (244) a (359) em que temos a apresentação dos planos e promes-

sas em torno da construção de um novo país, uma nova América Latina, um novo mundo. E finalmente, ainda dentro do cerne do discurso, vem a segunda intervenção que corresponde aos atos (360) a (390) trazendo a conclusão desse cerne discursivo. E, por último, fora do cerne do pronunciamento, marcado pela linha pontilhada, já que se trata de uma troca reparadora,²⁹ encontramos os atos (391) a (393) trazendo a despedida, o que encerra o pronunciamento do presidente Lula.

O módulo hierárquico do Modelo de Análise Modular nos permite ainda visualizar estruturas hierárquicas mais refinadas. Ele nos permite elaborar verdadeiras micro-estruturas dos mais diversos tipos de texto.

Para se propor uma estrutura hierárquica, é necessária, primeiramente, a segmentação do texto em atos.³⁰ Após a segmentação, procura-se identificar os constituintes de base (troca, intervenção e atos) para, posteriormente, distribuí-los de acordo com a hierarquia e relação entre eles. Para tratar das relações hierárquicas do discurso do presidente Lula no II Fórum Social Mundial, trabalharemos com as três noções propostas anteriormente.

Embora, segundo as teorias bakhtinianas, todo texto seja fundamentalmente dialógico, já que para Bakhtin o dialogismo é condição de existência de todo discurso, princípio segundo o qual “fala-se sempre com as palavras dos outros e para os outros”, o Modelo de Análise Modular do discurso prevê textos monológicos.

Para Roulet et al. (1985, p. 72), os textos monológicos seriam os que não apresentam uma estrutura de troca, ou seja, aqueles que não apresentam dois enunciadores principais num movimento de interlocução, característica de um diálogo. Tais textos possu-

²⁹ Troca correspondente à despedida de Lula.

³⁰ Para se proceder à segmentação de um texto em atos, ver Marinho – (2002). Neste trabalho, salvo algumas exceções, em que preferimos não considerar alguns atos, por não serem relevantes para as nossas análises, adotamos os critérios de segmentação propostos por Marinho.

em a estrutura de uma intervenção, que, no modelo, corresponde a cada constituinte de uma troca.

O pronunciamento do presidente Lula, no III Fórum Social Mundial, num primeiro olhar, pode nos parecer um texto de estrutura monológica. Porém, em seu desenrolar, percebemos que o presidente vai simulando trocas dentro do seu próprio discurso, caracterizando o que disse Marinho (2002, p. 46): “um texto escrito apresenta geralmente uma estrutura de intervenção, como a de uma resposta a uma questão dada. No entanto, se o autor pretender simular uma troca entre dois interlocutores, seu texto poderá apresentar uma estrutura de troca”.

4.2 As relações interativas no pronunciamento de Lula: caminhos para a construção da argumentação

Para atingir os propósitos desta pesquisa, trabalharemos com cinco microestruturas hierárquicas, que foram recortadas justamente dentro do cerne do discurso do presidente. São elas que possibilitam o direcionamento de todas as relações existentes entre os constituintes e as informações de origem textual ou situacional, e é a partir desse direcionamento que podemos desencadear uma série de operações interpretativas, que nem sempre estão “dadas” no texto, ou ainda, decidir quanto à “orientação argumentativa”³¹ de uma determinada intervenção.

Para tal, recorreremos aos procedimentos concernentes à forma de organização relacional (OR), que ao lado do módulo hierárquico e de informações de ordem lexical e

³¹ Processo de se orientar os enunciados que produzimos para determinadas conclusões, com exclusão de outras, ou seja, processo de se dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Para melhor compreensão, ver Koch 1992 e 2000.

sintática, procura dar conta das relações ilocucionárias e interativas entre os constituintes de um texto. Por relações ilocucionárias entendemos aquelas que ocorrem no nível dos constituintes de uma troca, como perguntas, respostas, pedidos, entre outros, e por relações interativas entendemos as que ocorrem no nível dos constituintes das intervenções, como as relações de argumento, contra-argumento, entre outras, marcadas ou não por operadores lingüísticos.

Esses operadores lingüísticos têm a função de explicitar a relação ou as possíveis relações (já que um texto permite mais de uma leitura) existentes entre os constituintes (intervenção ou atos) de um texto. Funcionam como verdadeiros organizadores ou articuladores textuais e sinalizam as inter-relações entre as informações de um texto e as informações estocadas na memória discursiva.

Isso significa que esses conectores, além de funcionar como elementos em torno dos quais o discurso se articula, funcionam também como guias para a interpretação, como elementos facilitadores da compreensão dos enunciados em que aparecem.

Como já dissemos, nem sempre o tipo de vínculo, expresso por eles, é sinalizado por marcadores ou operadores lingüísticos. Caso a relação entre um constituinte e uma informação estocada na memória discursiva não esteja marcada por um operador lingüístico, o Modelo de Análise Modular propõe que se descreva a OR a partir da acoplagem entre informações de ordem hierárquica e informações de natureza referencial, ligadas ao conhecimento do universo discursivo do sujeito.

Segundo Marinho,³² baseando-se em Roulet (op. cit) a descrição da organização relacional pode ser feita utilizando-se um número de relações genéricas que, embora

³² A organização relacional de um conto machadiano.

encubram as nuances mais finas, são suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialógico quanto monológico.

Para a autora (baseada em Roulet, Fillietaz e Grobet, 2001, Roulet 2001), os conectores empregados num texto normalmente explicitam as relações interativas que podem ser, numa lista reduzida de categorias definidas de forma genérica, as de argumento, contra-argumento, reformulação, comentário, topicalização, sucessão, preparação e clarificação.

A partir do que propôs Roulet, Fillietaz e Grobet (2001) e Marinho (2002), procuramos elaborar um quadro-síntese que expõe as relações interativas possíveis em um determinado discurso.

RELAÇÕES	ESTATUTO	MARCADORES
ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Causal/Explicativa PRINCIPAL Conclusiva / consecutiva	Porque, visto que... Pois, portanto, se...
CONTRA ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Concessiva PRINCIPAL Adversativas	Embora, mesmo que... Mas, porém...
REFORMULAÇÃO	PRINCIPAL	Ou seja, ou melhor, finalmente, isto é...
TOPICALIZAÇÃO	SUBORDINADO	Quanto a, no que se refere a, com relação a ...(ou o deslocamento à esquerda)
SUCESSÃO	PRINCIPAL	Em seguida, depois, logo após...
PREPARAÇÃO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado preceder o principal	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores.
COMENTÁRIO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado suceder o principal	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores (exceto os comentativos) ³³
CLARIFICAÇÃO	SUBORDINADO	Não existem marcadores específicos. Ausência de conectores.

Quadro 6 – Relações interativas possíveis em um discurso

³³ Salvo o pronome relativo que introduz relativas adjetivas (apositivas), conforme propõe Marinho 2002.

Nem todas as relações interativas estarão expressas pelos marcadores. A ausência de marca pode ocorrer porque muitas vezes a relação referencial entre os conteúdos ou as enunciações de dois atos já é bastante evidente, o que torna a presença do marcador desnecessária. Caso as relações não estejam explicitadas por um conector, o analista vai se basear na possibilidade de inserção de outros marcadores no texto, a fim de que possa identificar as relações bem como determinar o estatuto funcional e hierárquico da unidade discursiva. Se isso não for possível, a determinação da relação deverá ser feita com base em informações referenciais ou nos postulados do modelo explicitados acima.

Nas relações de preparação, comentário e clarificação não existem marcadores específicos, a não ser a posição do constituinte subordinado. Nas relações de preparação, o constituinte subordinado precede o principal; nas relações de comentário, o constituinte subordinado sucede o principal. A relação de clarificação concerne às trocas subordinadas que se ligam a um constituinte principal.

O quadro, a seguir, procura exemplificar as relações interativas, encontradas nos recortes que fizemos do discurso do presidente Lula, para fins de análise hierárquico-relacional:

RELAÇÕES	ESTATUTO	MARCADORES
ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Causal/Explicativa	<i>É preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, porque eu serei o primeiro Presidente.</i>
	PRINCIPAL Conclusiva / consecutiva	<i>E, portanto, acho que não apenas eu, acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social...</i>
CONTRA ARGUMENTAÇÃO	SUBORDINADO Concessiva	<i>Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha...</i>
	PRINCIPAL Adversativas	<i>Mas, hoje, já me comprometi</i>

		<i>publicamente...</i>
REFORMULAÇÃO	PRINCIPAL	<i>A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo” (sem marca de conector)</i>
TOPICALIZAÇÃO	SUBORDINADO	<i>a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha...</i>
SUCESSÃO	PRINCIPAL	<i>primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; segundo, que não fosse utilizado por ninguém</i>
PREPARAÇÃO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado preceder o principal	<i>Quando fui convidado para vir aqui, eu ainda disse aos companheiros...</i>
COMENTÁRIO	Postulado do modelo: se o constituinte subordinado suceder o principal	<i>O que a gente não pode é ficar preso, dentro do nosso mundo, achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora. (ausência de conectores)</i>

Quadro 7 – Relações interativas no discurso do presidente

4.3 A estrutura hierárquico-relacional e o início do polêmico assunto “Davos”

A partir do que foi exposto, passamos a apresentar as análises hierárquico-relacionais correspondentes às intervenções que julgamos ser pontos fundamentais para a compreensão das estratégias discursivas do presidente Lula. Como já expusemos anteriormente, antes de se propor uma estrutura hierárquica, é necessário segmentar o trecho em atos:

(143) Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que era preciso transformar o Fórum num instrumento, (144) primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; (145) segundo, que não fosse utilizado por ninguém. (146) Quando fui convidado para vir aqui, (147) eu ainda disse aos companheiros: (148) “É preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, (149) porque eu serei o primeiro Presidente.” (150) E me disseram: (151) “Lula, você pode ir, (152) porque você é o anfitrião do III Fórum Social Mundial.” (153) Mas, hoje, já me comprometi publicamente, (154) porque um companheiro da Índia, (155) onde vai ser o próximo Fórum Social Mundial, (156) perguntou a mim, (157) numa reunião que fiz com a Direção Mundial do Fórum, (158) se eu iria, (159) no ano que vem, à Índia. (160) E disse para ele: (161) vou à Índia. (162) Se for necessário, (163) vou à China (164) e, se for necessário, (165) vou aonde me convidarem, (166) porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos es-

ses anos. (167) E, portanto, acho que não apenas eu, (168) acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo,(169)) o que deseja o povo (170) e como o povo quer que as coisas aconteçam.

O trecho destacado, que, na macro-estrutura (Figura 7), vai do ato (143) ao (170), funciona como uma espécie de introdução ao cerne do pronunciamento do presidente Lula. É a partir desse trecho que o discurso deixa de ser considerado o que a mídia chamou de “enfadonho” e passa a delinear as estratégias em torno do assunto Fórum Social × Davos e, conseqüentemente, da busca da legitimidade para a ida ao Fórum Econômico.

A partir da segmentação da intervenção anterior, podemos proceder à combinação de informações de natureza hierárquica com informações de natureza lingüística e referencial e chegar a uma micro estrutura hierárquico-relacional, como a apresentada na Figura 7.

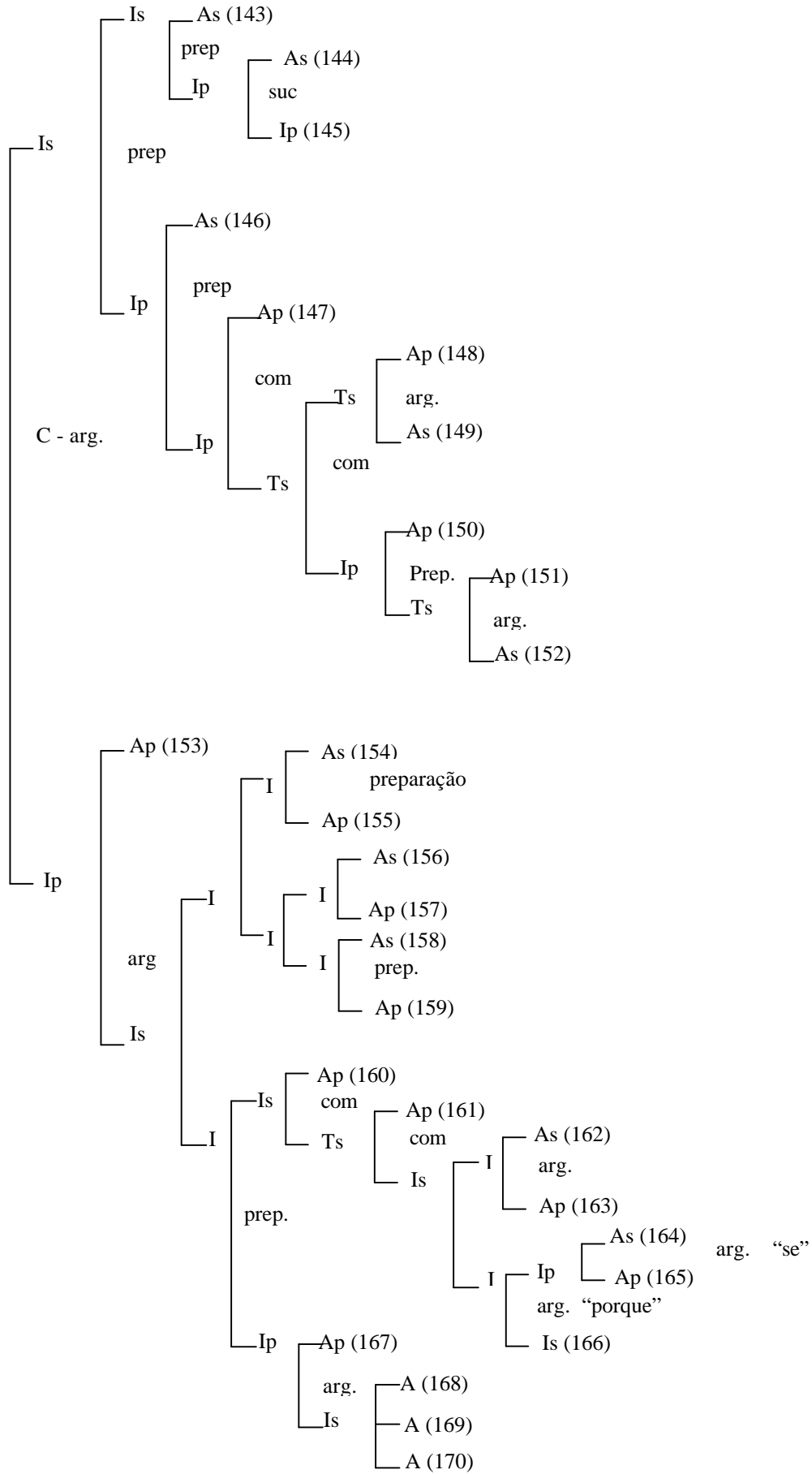


Figura 7 – O início do polêmico assunto “Davos”

Essa intervenção, formada pelos atos (143) a (170), se organiza em torno de duas grandes intervenções Is(143)-(152) e Ip-(153)-(170). Entre elas há uma relação contra-argumentativa muito forte, considerando que, na Is(143)-(152), Lula deixa claro que teve dúvidas quanto ao convite para participar do Fórum Social Mundial pelo fato de sempre ter dito aos “companheiros” que o Fórum não deveria ser nem dependente de partido político, nem utilizado por ninguém. Sendo assim, ele, na condição de primeiro presidente de uma nação a participar do Fórum, relutou. No entanto, após essa intervenção que se caracteriza pela presença da argumentação, a qual é marcada pelo conector “porque”, Lula, por meio do conector “mas”, introduz a Ip(153)-(170), cujo conteúdo contrasta com as informações anteriores e funciona como forte contra-argumento do que havia dito anteriormente “*mas hoje, já me comprometi publicamente, porque um companheiro da Índia ...*”, o que nos leva a concluir que ele não tem mais dúvidas sobre sua participação no Fórum Social Mundial.

É importante observar que, embora as duas intervenções se relacionem por meio da contra-argumentação, no seu interior, é a força da argumentação que predomina. Podemos observar que a maioria das intervenções começa a se organizar por meio das relações de preparação ou comentário e se finalizam sempre por meio da relação de argumentação.

Entretanto, a última intervenção principal dessa estrutura hierárquica apresenta uma situação bastante peculiar. Ela é introduzida por meio dos conectores “*E, portanto*”, que tradicionalmente traduzem uma relação argumentativa, mas se a analisarmos com mais atenção, perceberemos que esse “*E portanto*” possui valor reformulativo. É como se o presidente dissesse: “*E tem mais, acho que não apenas eu, acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum....*”. É bom ressaltar que essa “peculiaridade” não

ocorre apenas nesse trecho do discurso do presidente. Ela se fará presente em muitas outras intervenções, não só deste discurso, *nosso corpus*, mas de vários outros.

Vale observar que os atos (148) a (149) e (151) a (152) simulam uma situação de troca em que o presidente questiona os “companheiros” sobre sua ida ao Fórum e, logo em seguida, simula a resposta desses “companheiros”. Já os atos (161) a (166) simulam uma troca em que se apresenta a resposta que o presidente deu à pergunta do “companheiro da Índia” a respeito de sua ida ao Fórum de 2004, que seria realizado na Índia. Tais simulações nos comprovam o que disse Marinho (2002, p. 46) sobre a questão de textos monológicos que simulam trocas.

4.4 A estrutura hierárquico-relacional e o foco da voz de outrem

Outro trecho do discurso do presidente que julgamos ser de suma importância para a análise a qual nos propomos é a parte em que há forte presença de narrativas “contaminadas” pela voz de outrem. É nessa parte que o presidente introduz uma série de vozes de outrem ou a sua própria voz no passado ou futuro (o que vamos retomar quando tratarmos das formas de organização enunciativo-polifônica) sempre com o objetivo de persuadir os seus interlocutores.

Para efeitos de análise, preferimos dividir esse trecho em duas grandes intervenções e apresentar as micro-estruturas representadas nas figuras 8 e 9, correspondentes a elas, separadamente. Segue abaixo, a segmentação em atos do trecho que corresponde à micro-estrutura da figura 8:

(191) Em 1979, estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas (192) e eu inventei de criar um partido. (193) Aí, aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra, (194) porque na liberdade política deles não se pressupunha a criação de um partido político. (195) E havia quem dissesse para mim: (196) “Olha, no Brasil não cabe um partido como o PT. (197) Esse negócio de dizer que partido de trabalhadores pode ser criado, (198) que metalúrgico vai

dirigir partido, (199) isso é coisa do passado. (200) Não há, na sociologia brasileira ou mundial, exemplo disso. (201)” Pois bem, nós fomos teimosos (202) e criamos um partido, (203) que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina.

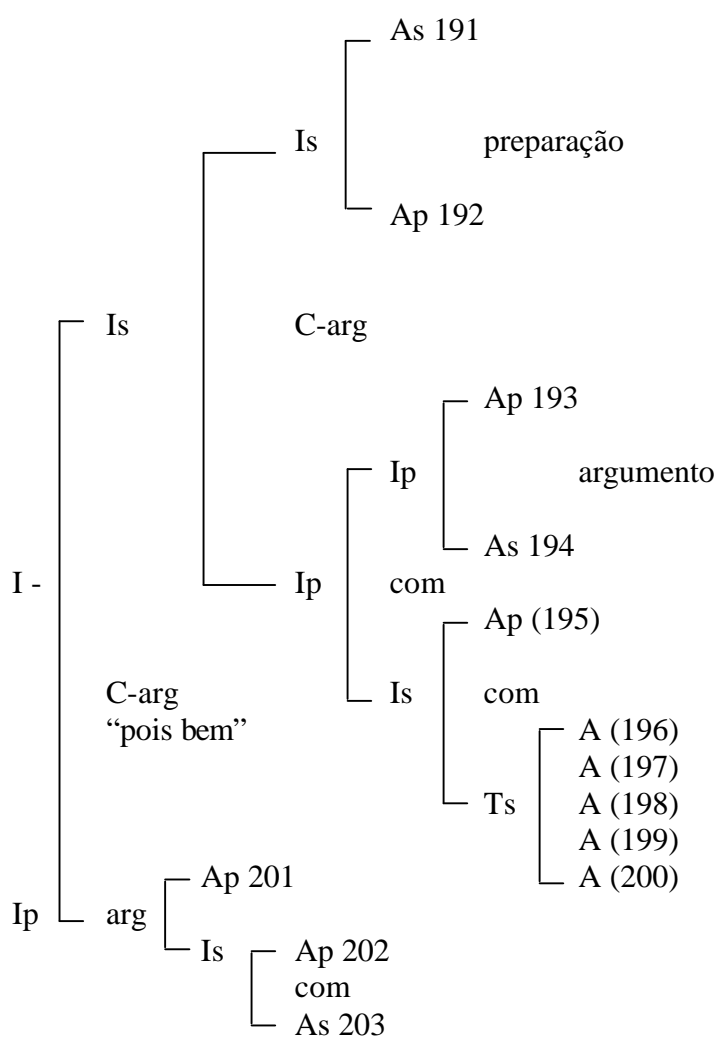


figura 8 – O foco da voz de outrem (As 191 — Ap 203)

A intervenção que vai de (191) a (203) também se divide em dois grandes blocos que se organizam numa relação de contra-argumento.

Em seu interior, o trecho que corresponde a Is-(191)-(200) repete a mesma organização de contra-argumento. Na Is-(191)-(192), temos a informação sobre a luta pela reconquista das liberdades políticas e o desejo do presidente de criar um partido, para logo em seguida, na Ip-(193)-(200), por meio do modalizador “ai”, introduzir a idéia de

oposição atribuída àqueles que também queriam liberdade. Esse modalizador funciona com o valor de um contra-argumentativo como “mas” ou “porém”, entre outros. É como se dissesse: “... *inventei de criar um partido político, **porém** aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra*”. A princípio, essa oposição nos parece incoerente, já que todos queriam liberdades políticas. No entanto, tudo se torna lógico quando o ato (194), por meio do conector “porque”, introduz o argumento que vai explicar a aparente contradição: “*porque na liberdade política deles não se propunha a criação de um partido político*”. Ou seja, embora todos queiram liberdades políticas, o grupo que se opõe à criação de um partido é um grupo conservador, cujos ideais de liberdade eram diferentes dos ideais do enunciador.

Ainda dentro da Ip-(193)-(200), há a Is-(195)-(200). Nela há a simulação de uma troca que representa o discurso conservador correspondente aos atos (196)-(200). Trata-se de uma troca cuja organização é totalmente coordenada, o que nos sugere um verdadeiro massacre desse discurso. Por ser a coordenação uma organização relacional de poucos recursos estruturais disponíveis para dar ênfase a uma determinada idéia, essa troca, formada por atos coordenados, vem trazer a desvalorização do discurso conservador.

E, finalmente, a Ip-(201)-(203), que encerra a intervenção que corresponde à micro-estrutura 9, se opõe à Is-(191)-(200), por meio dos conectores “pois bem”. Essa relação contra-argumentativa explicita as ações do presidente, contrárias ao pensamento conservador, o que nos levará à Is-(202)-(203), cuja relação é marcada pelo conector “e”, que possui valor de causa e conseqüência, fortemente argumentativo. É como se Lula dissesse “*Porém, nós fomos teimosos e sendo assim criamos um partido, que hoje é o partido mais importante do mundo*”.

Apresentamos, a seguir, a segmentação em atos do trecho que corresponde à micro-estrutura representada na figura 9, que representa a continuação das narrativas polifônicas, cuja relevância já expusemos anteriormente:

(204) Agora, lembro de uma coisa que vou contar para vocês (205) em 1978, entramos em greve no ABC (206) e o Presidente da Federação das Indústrias correu ao II Exército para dizer ao General Dilermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. (207) Possivelmente, se pertencesse a uma organização política mais tradicional, (208) eu teria arrumado a mala (209) e teria ido para outro lugar, (210) ficar uma semana, até a poeira baixar. (211) Como eu era mais inocente politicamente, (212) peguei um telefone (213) e liguei para o Comandante do II Exército (214) e falei: (215) “General Dilermando, estou vendo nos jornais que o senhor convidou o Presidente da FIESP, (216) para atender o Presidente da FIESP. (217)) Sou Presidente dos trabalhadores. (218) Eu quero ir falar com o senhor.” (219) E ele me recebeu durante três horas.

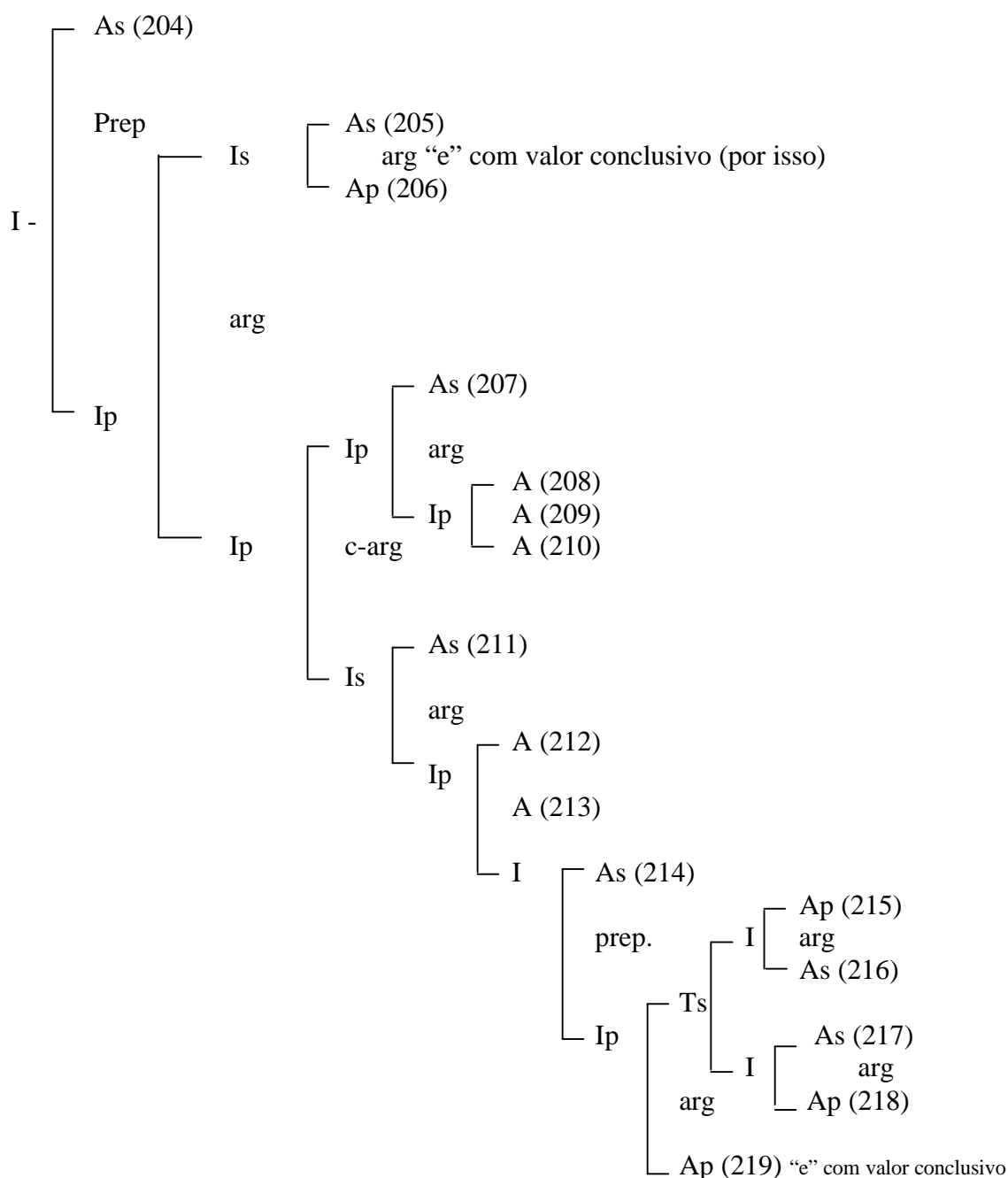


figura 9 – O foco da voz de outrem (As 204 — Ap 219)

Esse esquema hierárquico representa uma intervenção cuja organização difere da organização das intervenções representadas em 7 e 8. Os esquemas dessas figuras, como já dissemos, representam intervenções que se organizam em torno de dois trechos que se opõem, ou seja, marcados por uma relação de contra-argumentação. Já na figura 9, temos uma grande intervenção, iniciada por um ato subordinado que estabelece uma rela-

ção de preparação com a Ip-(205)-(219), cuja organização é predominantemente argumentativa. É nela que Lula narra o episódio do seu encontro com o General Dilermando, do II Exército, em plena ditadura militar. Nessa Ip vamos encontrar várias outras intervenções menores e uma simulação de troca em que Lula representa a conversa que teve com o General. Tais intervenções ora se organizam numa relação de preparação, ora de comentário e ora de argumentação, porém é a predominância da relação argumentativa que é evidenciada.

A Is-(205)-(206) é formada por dois atos relacionados pelo conector “e”, que possui valor conclusivo fortemente argumentativo. Essa intervenção se relaciona à Ip-(207)-(219) por meio do conector argumentativo “se”. Nessa Ip há novas relações argumentativas, como é o caso da relação entre a Ip-(207)-(210) e a Is-(211)-(219), que vem marcada pelo conector “como”. Há, aqui, uma nova peculiaridade. É importante observar como o conector “como” introduz um valor causal/explicativo concomitantemente a um valor contra-argumentativo. Tal relação possibilita uma leitura do tipo: *Se eu pertencesse a uma organização política mais tradicional, teria arrumado a mala e fugido, mas porque eu era muito inocente, peguei o telefone e liguei para o Comandante do II Exército, em plena ditadura militar.*

Há ainda as relações argumentativas que marcam a Ip-(215)-(219), formada pela Ts-(215)-(218) e o Ap(219). Além do conector “e” (que mais uma vez foge ao uso tradicional e introduz um argumento de conclusão) marcando a relação entre a Ts e o Ap, temos a “ausência” de um conector argumentativo relacionando o As(217) ao Ap(218) que, no entanto, pode ser facilmente recuperado pela memória discursiva, o que autorizaria uma leitura como: *General Dilermando, sou Presidente dos trabalhadores, por isso quero falar com o Senhor.*

Todas essas relações argumentativas procuram evidenciar o esforço que o presidente faz para convencer seus interlocutores de que, mesmo nos momentos mais críticos, vale a pena persistir, já que ele, Lula, persistiu e conseguiu.

4.5 A estrutura hierárquico-relacional e as razões da viagem, segundo Lula

Considerando o nosso objetivo de mostrar como o presidente Lula constrói suas estratégias discursivas sob uma abordagem da argumentação, apresentamos o trecho que corresponde à parte do discurso em que o presidente procura expor aos ativistas sociais, presentes no Fórum de Porto Alegre, e aos demais alocutários, as razões que o levavam à “*cova dos leões*”:

(220) Agora, quando surgiu o convite para Davos, (221) a princípio, falei: (222) o que vou fazer em Davos?(223) E, aí, tomei a seguinte decisão: (224) sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. (225) Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. (226) Sou Presidente de um país que tem História (227) e que tem um povo. (228) E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. (229) Portanto, tomei a decisão. (230) Muita gente que está em Davos não gosta de mim, (231) sem me conhecer. (232) Quero fazer questão de ir a Davos (233) e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. (234) Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia (235) e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. (236) Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, (237) em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, (238) para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. (239) Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. (240) Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. (241) Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, (242) o mundo está precisando de paz, (243) o mundo está precisando de compreensão. (244) Eu acho que nós temos o que fazer, no mundo. (245) O que a gente não pode é ficar preso, (246) dentro do nosso mundo, (247) achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

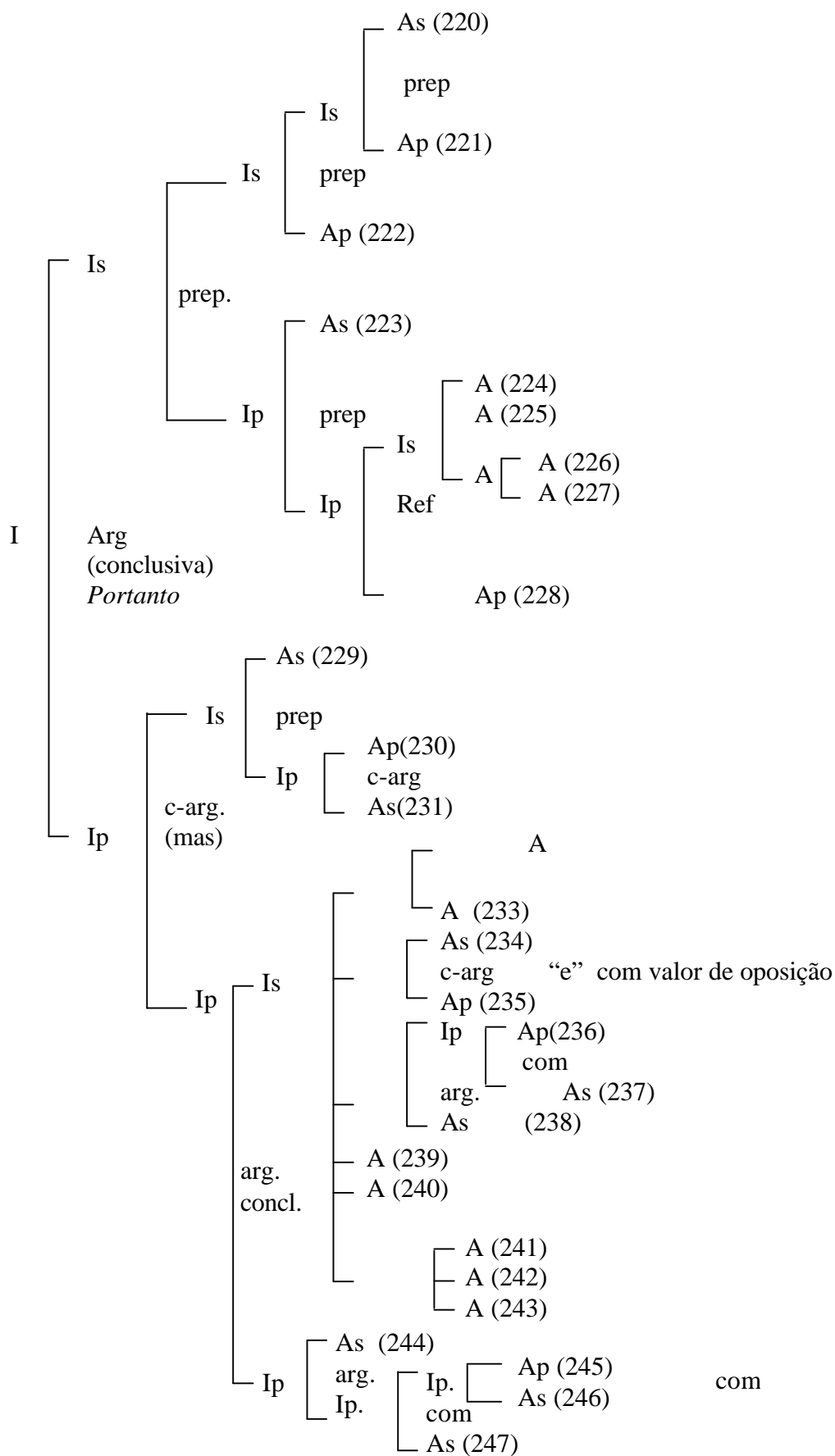


figura 10 – As razões da viagem

Esse trecho do discurso de Lula é formado por uma grande intervenção, constituída de uma intervenção menor, a Is-(220)-(228), e uma grande intervenção principal, Ip-(229)-(247), que se organizam numa relação de argumentação por meio do conector “portanto”. No interior da Is-(220)-(228), temos mais duas intervenções que se caracterizam pela presença da preparação. Trata-se da Is-(220)-(222) e da Ip-(223)-(228).

É importante ressaltar a organização da Ip-(223)-(228), que, após o As(223), nos apresenta uma nova Ip, constituída da Is-(224)-(227) e do Ap(228). Podemos observar que a relação entre essa Is e esse Ap é uma relação de reformulação. É como se o presidente reformulasse o que havia dito na Is-(224)-(227) no Ap(228). Ali o conector “e” possui valor reformulativo, como se o presidente dissesse “...*sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. Sou presidente de um país que tem História e que tem um povo e tem mais, não é em qualquer dia... que um torneiro mecânico ganha a presidência da República desse país*”.

Vale ressaltar também que o presidente constrói a Is-(224)-(227) por meio de quatro atos coordenados nos quais apresenta a repetição da informação de que ele (Lula) é presidente de um país e logo em seguida procura caracterizar esse país. Essa Is, totalmente marcada pela coordenação, nos sugere a necessidade de o enunciador expor, da forma mais clara possível, os argumentos que servirão de base para a segunda grande Ip dessa estrutura hierárquica, a Ip-(229)-(247) que, como já dissemos anteriormente, vem marcada pelo conector conclusivo “portanto”.

Quanto à Ip-(229)-(247), salta aos olhos a presença, em seu interior, de várias intervenções e atos coordenados. Essa intervenção, com forte presença da coordenação (considerando que a coordenação é um recurso relacional de pouca complexidade sintá-

tica) nos sugere mais uma vez, a necessidade do enunciador de se fazer compreender facilmente por seus alocutários. Entretanto, em seu interior, podemos perceber uma forte relação contra-argumentativa entre a Is-(229)-(231) e a Ip-(232)-247): ali, teríamos uma leitura do tipo: “*Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer, **mas** quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente...*”. Ainda no interior da Ip(229)-(247), a contra-argumentação também marca a Is(229)-(231), quando o Ap(230) e o As(231) podem ser interpretados como: “*muita gente que está em Davos não gosta de mim, **embora** não me conheçam*”. A contra-argumentação continua a aparecer no interior da Is(232)-(243), entre os atos (234) e (235), marcada pelo conector “e”, o que equivaleria à seguinte leitura: “*...continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia, **mas** muitos passam cinco dias sem comer...*”

Porém, embora a coordenação e a contra-argumentação marquem o interior dessas intervenções, ao finalizar a grande intervenção em que expõe as razões da viagem, o presidente opta pela força da argumentação.

Essas relações argumentativas, de valor conclusivo, não vêm marcadas por conectores, mas podem ser facilmente recuperadas pela memória discursiva. Uma possível leitura seria: “*Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão. **Portanto** eu acho que nós temos o que fazer, no mundo, **por isso** o que a gente não pode é ficar preso, dentro do nosso mundo, achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora*”.

Dessa maneira, podemos concluir que a intervenção representada na figura 10, além de apresentar a predominância da coordenação, que busca explicitar de maneira menos complexa possível as razões da viagem a Davos, apresenta também uma forte carga argumentativa com a qual o presidente procura levar seus interlocutores à seguinte conclusão: *Por tudo isso que acabo de dizer, devo ir a Davos.*

4.6 A estrutura hierárquico-relacional e o encerramento do pronunciamento do presidente Lula

Por último, por representar o desfecho dos argumentos expostos pelo presidente e ser de fundamental importância para a conclusão de nossa problematização, apresentamos o trecho segmentado correspondente à micro-estrutura hierárquica que representa o encerramento do discurso do presidente, parte em que ele, além de iniciar uma despedida, apresenta as conclusões em torno do assunto Fórum Social × Davos:

(369) Gente, quero me despedir de vocês, (370) quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: (371) pelo amor de Deus, não desistam, (372) porque vocês conseguiram, (373) em três anos, (374) construir uma das coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu. (375) Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, (376) a verdade é que, (377) depois do Fórum de Porto Alegre, (378) Davos já não tem mais a força que tinha, (379) antes de existir o Fórum Social Mundial. (380) A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos (381) e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais. (382) Vocês conseguiram um espaço na História. (383) A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, (384) a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo”, (385) hoje reconhece, (386) em todas as primeiras páginas dos jornais: (387) o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea. (388) E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, (389) de forma decisiva, (390) para que a gente mude a História da Humanidade.

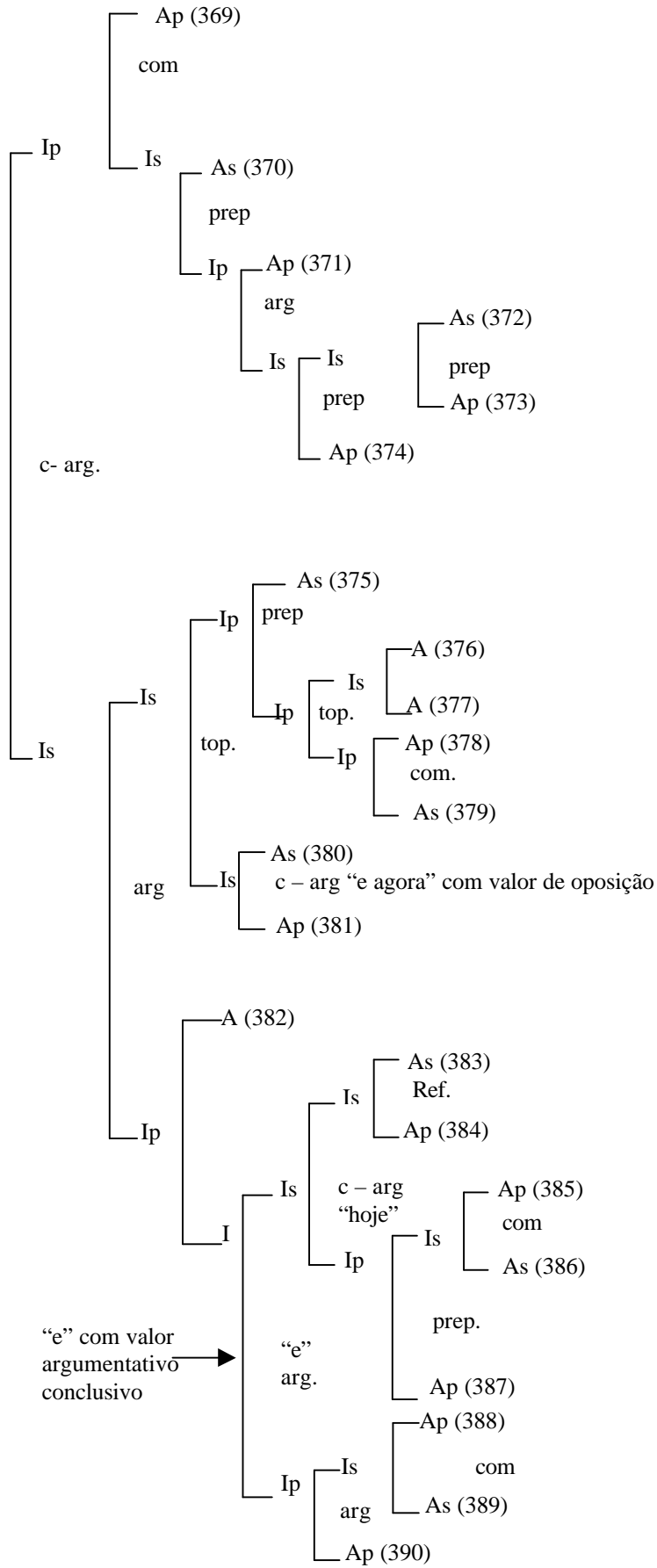


Figura 11 – O encerramento do pronunciamento

Nessa intervenção podemos observar a retomada do mesmo tipo de organização apresentada nas duas primeiras estruturas hierárquicas analisadas neste capítulo. Trata-se de uma intervenção que também se divide em dois grandes blocos que se organizam numa relação de contra-argumento. Embora possamos perceber, no interior das intervenções que a compõem, várias relações de preparação, comentário, uma ou outra relação de topicalização e reformulação, são as relações de contra-argumento e de argumento que se destacam pelas razões que passamos a expor. Observemos a força do conector “embora” que estabelece uma relação de contra-argumentação entre a Ip-(369)-(374) e a Is-(375)-(390). No interior dessa Is, entre todas as relações de preparação e comentário, a força dos conectores “e, agora”, que também possuem valor contra-argumentativo, mostra categoricamente que Davos já não é tão forte. Davos já não pode representar nenhuma ameaça, pois o Fórum Social é maior do que ele: *“A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais”*.

Vale comentar ainda a relação de argumento entre a Is-(383)-(387) e a Ip-(388)-(390), mais uma vez marcada pelo conector “e”, que possui valor conclusivo, o que equivaleria à seguinte leitura: *“Vocês conseguiram um espaço na História. A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo”, hoje reconhece, em todas as primeiras páginas dos jornais: o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea. Portanto eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, de forma decisiva, para que a gente mude a História da Humanidade.* O uso do conector “e”, além de estabelecer essa relação de conclusão, orienta para uma interpretação em que o enunciador acredita que o Fórum Social é imbatível e, por isso mesmo, mudará a “História da Humanidade”.

Dessa maneira, as relações contra-argumentativas e argumentativas exploradas pelo enunciador na estrutura hierárquica da figura 11 nos permitem dizer que, de maneira sutil, o presidente procura convencer seus interlocutores de que é preciso ir a Davos. Pois Davos já não é tão forte depois do Fórum de Porto Alegre e ir a Davos só irá fortalecer as discussões sobre os problemas sociais. Ir a Davos é uma forma de fazer com que os poderosos saibam que é preciso discutir os problemas sociais do mundo. Por tudo isso é que ele, Lula, primeiro presidente a discursar no Fórum Social Mundial terá que, dias depois, também discursar na “cova dos leões”.

Para concluir, podemos dizer que as análises hierárquico-relacionais concernentes aos trechos que recortamos do pronunciamento do presidente Lula, no III Fórum Social Mundial, nos permitem afirmar que, embora o discurso do presidente apresente muitas intervenções e muitos atos marcados por relações de preparação ou comentário, entre uma ou outra sucessão, reformulação e topicalização, são as relações argumentativas e contra-argumentativas que determinam a interpretação. É visível o procedimento de construir grandes intervenções opondo-as a outras grandes intervenções de valor argumentativo ou contra-argumentativo.

Essas relações se fazem presentes, também, nas diversas vozes de outrem ou em suas próprias vozes no passado ou no futuro, que o presidente Lula faz questão de distribuir ao longo do seu pronunciamento. Isso vem reforçar a tese de que a polifonia é uma das operações discursivas que possibilitam ao enunciador trazer para o interior de seu texto “fatos”, “dados” e “conhecimentos” que se constituem como argumentos dentro de um discurso.

Dessa forma, podemos concluir que foi por meio dessas narrativas, em que a predominância das relações argumentativas e contra-argumentativas se destaca, que, por

um bom tempo, Lula não só convenceu ativistas sociais como também os próprios poderosos da “cova dos leões” e, principalmente, os poderosos da mídia.

Para dar prosseguimento aos propósitos de nossa análise, visando a comprovar a hipótese inicial de nosso trabalho, passamos a nos ocupar, no capítulo V, das análises atinentes às formas de organização enunciativa e polifônica.

CAPÍTULO V

O discurso do presidente Lula e suas mil e uma vozes

*Um galo sozinho não tece uma manhã
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(Tecendo a Manhã – João C.M. Neto)*

A pluralidade de vozes disseminadas pelas diversas narrativas inseridas ao longo do pronunciamento do presidente Lula, como já expusemos em capítulos anteriores, é o principal objeto de investigação do nosso trabalho.

Trata-se de uma estratégia discursiva que parece ser a preferida do presidente e podemos dizer que no seu pronunciamento no III Fórum Social Mundial, ele não poupou esforços para contar pequenas (porém várias) histórias repletas de vozes: vozes de amigos, vozes de adversários, vozes da mídia, e até mesmo sua própria voz no passado ou no futuro.

A presença do “outro”, no discurso do presidente Lula, é marcada não só pela representação das vozes alheias, mas também pela busca do “outro” (seus alocutários) para quem ele elabora o seu discurso, como procuramos mostrar por ocasião das análises referencial e interacional e hierárquico-relacional.

A opção por essa estratégia, em nossa opinião, foi o que fez com que esse discurso atingisse tão elevado nível de persuasão, num tempo em que o presidente ainda começava a dar os primeiros passos como autoridade máxima deste país. É justamente o

efeito persuasivo dessas estratégias que estamos tentando provar por meio de nossas análises.

Vale dizer que essa estratégia não é um privilégio apenas do presidente Lula. Disseminar vozes de outrem em textos narrativos sempre foi uma técnica muito utilizada por diversos oradores e/ou escritores. Mikhail Bakhtin, já no início do século XX, percebeu nas prosas romanescas o espetáculo do jogo de vozes, principalmente o que se enunciava nos romances de Dostoievski, ao qual ele, Bakhtin, chamou de polifonia.

5.1 O princípio dialógico e polifônico da teoria de Bakhtin

O princípio de Bakhtin parte do suposto de que o texto aparece como ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento de vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas. Algo tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras. Algo que pode ser comparado ao magnífico poema de João Cabral de M. Neto “Tecendo a Manhã”, que abre este capítulo.

Dessa maneira, a noção de polifonia na concepção de Bakhtin é, antes de tudo, uma “polifonia” interna de vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo um diálogo infinito com outros textos. É na verdade o que ele chamou de dialogismo.

Esse princípio dialógico de Bakhtin apresenta-nos uma concepção de linguagem impregnada da presença do outro:

um outro que não se opõe, como categoria fechada, ao “eu” – na linguagem viva, cada palavra é como que resultado de uma relação de força entre o eu e o outro, numa tensão que se manifesta em todos os níveis, no “material”, na “forma”, no “conteúdo”, num todo inseparável. Nossas palavras não são “nossas” apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas e ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam. Um enunciado é parte integrante de um diálogo ininterrupto, não como uma voz que responde mecanicamente a outra voz num teatro de ma-

rionetes que se comunicam, mas como uma voz que traz em si, na sua concepção mesma, a perspectiva da voz do outro, a intenção e o ponto de vista do outro, a entoação alheia. (...) num certo sentido, toda palavra viva é impura, dupla, dialógica.³⁴

Isso significa que existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. O outro para quem se planeja, se ajusta a fala e o outro relativo a outros discursos já constituídos historicamente e que emergem na sua fala.

Muitas vezes os termos “dialogismo” e “polifonia”, na literatura atual, têm sido utilizados como sinônimos. Porém, na concepção bakhtiniana, polifonia seria o termo utilizado para caracterizar certo tipo de texto, principalmente os romances de Dostoi-evski, em que se deixam entrever muitas vozes em oposição aos textos monofônicos, e o termo dialogismo seria reservado para designar o princípio constitutivo da linguagem e de todo o discurso; ou seja, os textos são polifônicos por possuírem mais de uma voz que se mostram e são dialógicos porque resultam de um embate de muitas vozes sociais, podendo, entretanto, produzir efeitos de polifonia quando essas vozes ou algumas delas se deixam apresentar. Portanto, o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro. Um outro que perpassa, atravessa e condiciona o discurso do eu.

Embora Bakhtin tenha sido o primeiro a perceber o dialogismo constitutivo da linguagem, ele se dedicou muito mais ao dialogismo que trata da representação do outro na linguagem (polifonia), o que, durante toda a sua vida, ele estudou exaustivamente nos romances de Dostoievski.

Esse princípio bakhtiniano deu origem a várias outras teorias, que, partindo dos estudos da enunciação, procuram estudar o fenômeno da presença de outrem num discurso ou texto.

³⁴ TEZZA, 1988, p. 51-71.

5.2 A Polifonia na Análise do Discurso Francesa

Com base nos princípios do dialogismo bakhtiniano, a AD francesa, principalmente nas obras de Osvald Ducrot, Dominique Maingueneau e Authier-Revuz, propõe o princípio da heterogeneidade, a idéia de que a linguagem é heterogênea, ou seja, o discurso é tecido a muitas vozes, pelo “já dito”. Todos os discursos são, portanto, “atravesados”, “ocupados”, “habitados” pelo discurso do outro. Daí a noção de que a fala é constitutivamente heterogênea. Para Authier Revuz, essa heterogeneidade pode ser constitutiva ou mostrada.

Segundo a autora, a heterogeneidade constitutiva refere-se aos processos reais de constituição dum discurso, enquanto a heterogeneidade mostrada diz respeito aos processos “não menos reais” de representação, num discurso de sua constituição. Tanto para Authier-Revuz quanto para Maingueneau, apenas a heterogeneidade mostrada, polifonia em Bakhtin, é acessível aos aparelhos lingüísticos, na medida em que permite mostrar a alteridade (discursos relatados, palavras entre aspas, etc.).

Como este capítulo pretende explorar a questão da polifonia no discurso do presidente Lula, tomando como instrumental teórico os supostos do Modelo de Análise Modular, os quais mantêm um diálogo muito próximo com a abordagem teórica citada, cremos ser necessário tecer algumas considerações, mesmo que incipientes, a respeito da mesma.

Baseando-se em duas abordagens diferentes de heterogeneidade – o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise de Freud – Authier Revuz introduziu a distinção entre heterogeneidade mostrada no discurso e heterogeneidade constitutiva do discurso.

Segundo Authier, a heterogeneidade constitutiva refere-se ao fato de o discurso constituir-se e instituir-se no debate com a alteridade, independentemente de qualquer

marca visível ou palpável. Ela parte do princípio bakhtiniano de que as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras do outro.

Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala do outro. Nenhuma palavra é “neutra”, mas “habitada”, “atravessada” pelos discursos nos quais “viveu sua existência socialmente sustentada.”³⁵

Esse pressuposto Bakhtiniano constitui uma teoria da produção do sentido e do discurso: coloca os outros discursos como um “centro” exterior constitutivo, aquele do já dito, com o qual se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso.

Authier apóia-se ainda na perspectiva da teoria do inconsciente da psicanálise, tal como se explicita na leitura lacaniana de Freud. A psicanálise permite a dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e dum sujeito dividido ou descentrado. Trata-se da concepção de um discurso atravessado pelo inconsciente, cujo princípio toma como lei de qualquer fala, o fato de que, sob nossas palavras, sempre outras palavras são ditas:

por trás da linearidade conforme à ‘emissão por uma só voz’ se faz ouvir uma ‘polifonia’ e [...] ‘todo discurso se mostra alinhar-se nos vários pentagramas de uma partitura’; [...] o discurso é constitutivamente atravessado pelo ‘discurso do Outro.’³⁶

Porém, para Authier, totalmente outro é o ponto de vista da descrição das formas de heterogeneidade mostrada (polifonia) no discurso. É por meio de tal heterogeneidade que se altera a aparente unicidade da cadeia discursiva, pois tais formas aí inscrevem o outro, com ou sem marcas unívocas de ancoragem.

³⁵ BAKHTIN, 1975, p. 100, 102, 114 (edição francesa) apud AUTHIER-REVUZ. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Caderno de Estudos Linguísticos. Campinas, n. 19, 1990.

³⁶ AUTHIER-REVUZ, 1982, p.144

Concebendo as formas de “heterogeneidade mostrada” como manifestações de diversos tipos de negociação do falante com a “heterogeneidade constitutiva”, Authier afirma ser possível apreender, materialmente, no discurso que um único locutor produz, certo número de formas lingüísticas que inscrevem, na linearidade, o outro. A autora cita as formas sintáticas do discurso relatado, as formas marcadas para conotação autonímica, formas de comentários metadiscursivos, entre outras.

Haveria, também, outra modalidade de heterogeneidade mostrada que opera no espaço do não explícito, do semivelado, do sugerido (e não do mostrado e dito), cuja presença não é marcada por formas unívocas, podendo ser reconhecida e interpretada apenas a partir de indícios identificáveis no discurso em função de seu exterior, tais como se vê em discursos irônicos, antífrases, discursos indiretos livres, pastiches.

Authier Revuz (1982) indica algumas dessas formas de heterogeneidade (marcadas ou não) que acusam a presença do outro:

- Discurso relatado (direto ou indireto).
- Formas marcadas de conotação autonímica: o locutor inscreve em seu discurso as palavras do outro, sem interrupção do fio discursivo, mostrando-as por meio das aspas, do itálico, de uma entonação específica; quer através de um comentário, uma glosa, um ajustamento, ou de uma remissão a um outro discurso que funcionem como “marcas de uma atividade de controle-regulagem do processo de comunicação”.
- Formas mais complexas em que a presença do Outro não é explicitada por marcas unívocas na frase. É o caso do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, entre outros em que se joga com o discurso alheio não mais de forma transparente, por meio do “mostrado” ou “dito”, mas de forma implícita, semidesvelada, sugerida. Nesse caso, não há fronteiras lingüísticas entre a fala do locutor e a do outro. As vozes se imiscuem nos limites de uma única construção lingüística.

Segundo Authier, essas formas mostradas (marcadas ou não), que revelam a heterogeneidade na superfície discursiva, estão ancoradas num princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem: a sua heterogeneidade constitutiva.

5.2.1 Ainda na Análise do Discurso Francesa: a polifonia de Ducrot

Osvald Ducrot apresenta uma proposta para a teoria polifônica que, embora tenha suas bases nos princípios de Bakhtin, ultrapassa, e muito, a tradicional concepção de polifonia do autor russo.

Segundo Ducrot, a teoria de Bakhtin sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüências de enunciados, porém jamais foi aplicada aos enunciados de que estes são constituídos, de modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz. É essa concepção de sujeito único, que alguns contemporâneos de Ducrot defendem, que ele questiona, contesta e substitui em sua teoria da enunciação.

Ducrot (partindo da crítica aos estudos de Ann Banfield (1979) sobre o estilo indireto livre, em que a autora demonstra “o cuidado em manter a qualquer preço a unicidade do sujeito falante”) traz para o interior da pragmática lingüística os estudos da polifonia para designar, dentro de uma visão enunciativa do sentido, os diversos pontos de vista, perspectivas ou posições representados num enunciado.

Dessa forma, com o propósito de criticar a teoria da unicidade do sujeito da enunciação, Ducrot procura mostrar como o enunciado assinala, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes.

Para ele, o sentido de um enunciado consiste em uma representação (teatral) de sua enunciação. Nela, as personagens, figuras do discurso, se movem e se representam

em diversos níveis. Isso significa que o sentido do enunciado é uma descrição de sua enunciação e fornece indicações para essa descrição.

Dentre essas informações está a de que o enunciado traz inscrito em seu sentido informações sobre o(s) autor(es) eventual(is) da enunciação. Esse pressuposto de Ducrot comporta duas idéias: a atribuição de um ou vários sujeitos à enunciação (que seriam a sua origem) e a necessidade de se distinguir entre esses sujeitos da enunciação pelo menos dois tipos de personagens: o locutor – correspondente ao responsável pelo enunciado – e os enunciadores – correspondentes aos pontos de vista, às perspectivas diferentes no interior de um enunciado. (Em sua teoria, Ducrot distingue ainda entre “locutor enquanto tal “L” e locutor enquanto ser do mundo “?”³⁷.)

Partindo desse suposto teórico, Ducrot apresenta dois tipos de polifonia. Uma, que diz respeito à presença, em um mesmo enunciado, de mais de um locutor, caso do discurso relatado, citações, referências, argumentação por autoridade, entre outras; e outra, que diz respeito à presença de mais de um enunciador, ou seja, à presença de perspectivas ou pontos de vista diferentes dentro de um discurso. É por isso que, em sua teoria polifônica, Ducrot se refere “à encenação (teatral) de enunciadores” – reais ou virtuais – a quem atribui a responsabilidade da posição expressa em um enunciado.

Com essa concepção de polifonia, Ducrot explica uma série de fenômenos discursivos, os quais classifica considerando a atitude de adesão ou não do locutor à perspectiva ou pontos de vista polifonicamente introduzidos no enunciado.

Entre os casos de adesão, Ducrot cita a pressuposição, certos tipos de parafraseamento e argumentação por autoridade; e entre os casos em que o locutor não adere à perspectiva ou ponto de vista polifonicamente introduzido, Ducrot cita a negação, enun-

³⁷ Ver Ducrot 1987 y.

ciados introduzidos por “*ao contrário, pelo contrário*”, aspas de distanciamento, entre outros.

Dessa maneira, podemos dizer que, diferentemente de Bakhtin, Ducrot apresenta uma concepção de polifonia voltada para fenômenos que estão inscritos na língua e recorre a essa concepção, principalmente, para mostrar que o enunciado se apresenta como uma “encenação” de instâncias enunciativas distintas, que podem ou não expressar as atitudes do locutor.

5.3 A polifonia no Modelo de Análise Modular

O Modelo de Análise Modular da Universidade de Genebra também se ocupa da presença do outro em um discurso. Para tal, além das incursões sobre a presença do outro, autorizadas pelos módulos referencial e interacional, o Modelo dispõe de dois componentes específicos, aos quais chamamos de forma de organização enunciativa e forma de organização polifônica, para tratar das questões concernentes à enunciação e à polifonia.

Passamos, agora, a nos ocupar da análise da ocorrência desse fenômeno discursivo no pronunciamento do presidente Lula no III Fórum Social Mundial, tomando como instrumental teórico os preceitos do Modelo de Análise Modular da Universidade de Genebra.

Entretanto, antes de passarmos às análises, vale mencionar que o componente enunciativo do Modelo de Análise Modular diz respeito à inscrição do locutor em seu discurso, com suas opiniões e atitudes e seu posicionamento em relação a esse discurso. Diz respeito à subjetividade do locutor. Descrever essa forma de organização implica necessariamente indicar as diferentes formas discursivas que compõem uma enunciação,

ou seja, distinguir o discurso que é produzido (discurso do locutor/narrador) daqueles que são representados (discurso do outro), no interior de uma intervenção.

No modelo, o discurso Representado corresponde àquilo que Bakhtin chamou de discurso narrado e que a AD francesa chama de discurso citado ou relatado, ou seja, àquilo que o locutor diz que alguém disse, a voz alheia que o locutor reproduz ou representa em seu discurso e que ocupa o nível mais interno de uma interação, como mostram os quadros interacionais dos quadros 3 e 4, no capítulo III. É ali, nesse nível, que Lula representa a voz dos seus interlocutores do passado ou sua própria voz no passado ou no futuro, imitando uma narrativa romanesca.

Entretanto, essa noção de discurso representado pode ser relativa. Se considerarmos que um discurso produzido por um narrador pode ser publicado por um editor para leitores, outros alocutários (como acontece com o discurso do presidente Lula, no III Fórum Social Mundial, publicado na página da internet), ele deixará de ocupar o nível mais externo para ocupar um segundo nível de interação, mais embutido, o que fará dele um discurso representado.

Segundo Roulet (2001), a análise da organização enunciativa, que repousa principalmente sobre informações de ordem lingüística, interacional, referencial, além de permitir distinguir os discursos produzidos dos representados, define diferentes tipos de discursos representados, autofônicos, diafônicos e polifônicos e diferentes formas de discursos representados: designados, formulados e implícitos³⁸.

Quanto à forma de organização polifônica, trata-se de uma organização complexa, pois sua descrição necessita de informações oriundas do módulo interacional e da

³⁸ Ao longo de nossas análises, esclarecemos, por meio de exemplos de nosso corpus, as noções dos tipos e formas de discurso representado postulados pelo Modelo.

forma de organização enunciativa. Nesse sentido, proceder à análise da polifonia (e da autofonia) no discurso de Lula implica, primeiramente, identificar as instâncias enunciativas cujas vozes são representadas dentro do nível mais interno de interação³⁹.

Para Soares⁴⁰, o componente polifônico da abordagem modular refere-se à inscrição da subjetividade de outro locutor em um discurso, assim como à atitude adotada pelo locutor, em seu próprio discurso, face às outras vozes que nele se fazem ouvir. Diz respeito a uma outra subjetividade, diferente da subjetividade do locutor. Uma estrutura enunciativa é polifônica, portanto, quando o locutor repete ou retoma um discurso ou um ponto de vista outro, independente de sua intervenção, posicionando-se em relação a ele.

Na forma de organização polifônica, segundo a autora, incluem-se todas as informações relativas às vozes que o locutor representa em seu discurso. Além de permitir informações sobre a distinção, dentro de um discurso, entre as vozes que são produzidas pelo locutor/narrador das que são “um eco de outros discursos ou pontos de vista”(polifonia), entre a voz presente das vozes passadas ou futuras do locutor/narrador (autofonia), entre a retomada da fala do interlocutor atual do relato de qualquer outra voz (diafonia), essa forma de organização permite, também, a análise do modo pelo qual as vozes do outro são assimiladas ao discurso que cita; ou seja, como o discurso expresso por uma voz foi escolhido, como foi (re)formulado, como é qualificado, como é integrado ao discurso do locutor e que tipo de constituinte encarrega-se dessa integração, entre outros.

³⁹ Ver quadros interacionais dos quadros 3 e 4 do capítulo III.

⁴⁰ Soares, 2003.

Vale dizer que a forma de organização polifônica nos permite um diálogo com a teoria da enunciação de Benveniste, na medida em que nos permite verificar que, no discurso representado polifônico, o narrador representa a voz dos personagens ou do “outro” (o Ele – 3ª pessoa); no discurso diafônico, o narrador representa a voz do seu interlocutor imediato, ou seja, aquele para quem ele organiza o seu discurso (o Tu – 2ª pessoa) e, no discurso autofônico, o narrador representa sua própria voz num tempo passado ou futuro, ou seja, o sujeito (o Eu – 1ª pessoa). No capítulo III, mostramos através das análises referencial-interacionais como o presidente Lula busca, por meio da APROXIMAÇÃO PESSOAL ou da CONSTRUÇÃO DA CONFIABILIDADE, a presença do “outro” (TU) – aquele para quem ele elabora o seu discurso. Essa tentativa de trazer para a interação os diferentes alocutários do seu pronunciamento, ou os diferentes “TUS”, gerou o que chamamos de metáfora do pêndulo.

Neste capítulo, iremos à busca da compreensão de por que e como o presidente Lula retoma a voz de outrem, ou sua própria voz, num tempo passado ou futuro, e o que ele faz dessas vozes em seu discurso. Procuraremos analisar aspectos da organização enunciativa, relacionando as informações que resultarem dessas análises aos diferentes planos interacionais identificados no capítulo III, bem como às informações atinentes ao componente lingüístico e referencial, com o propósito de apresentar uma explicação ou interpretação para as construções polifônicas e autofônicas que se disseminam no discurso do presidente Lula, no III Fórum Social Mundial.

5.4 O discurso do presidente Lula: representado, polifônico e autofônico.

Para se proceder à descrição e análise enunciativa e polifônica do discurso de Lula, no III Fórum Social de Porto Alegre, convém esclarecer que os discursos representados, na abordagem modular, têm as seguintes formas de representação: discurso

representado formulado – marcado por colchetes preenchidos [...]; discurso representado designado – marcado por colchetes vazios []; discurso representado implícito⁴¹ – representado por colchetes vazios []

Em nossa análise, foram usadas as seguintes convenções de transcrição: uso de colchetes à direita da ocorrência, sempre precedidos da origem da voz: L = Lula locutor; L' = Lula personagem; C = Companheiros; CI = Companheiro da Índia; VAA = Voz Alheia Amiga; VAC = Voz Alheia Contrária; M = Mussoline; PFI = Presidente da FI-ESP; J = Jornais; GD = Gente em Davos; VC = Voz Coletiva; I = Imprensa.

Vale lembrar que a análise enunciativa e polifônica conta com dados de ordem lingüística, referencial e interacional. Levando-se em conta tais dados, principalmente os de ordem interacional, podemos verificar que no quadro interacional 3, do capítulo III, o nível mais externo é formado por um discurso produzido⁴², ou seja, o discurso do locutor Lula. Já no quadro 4, enunciação ocorrida na página da internet, o nível mais externo corresponde a uma interação entre o organizador da página e os internautas, o que faz do segundo nível de interação (texto do discurso) um discurso totalmente representado.

Sendo assim, podemos dizer que todo o discurso do presidente Lula no quadro interacional do quadro 4 está representado e formulado, por ter sido uma seleção para publicação em uma página da internet: **L**[(1) *Será que seria pedir demais, (2) para que*

⁴¹ A implicação, em geral, é marcada por conectores que têm a função de estabelecer um encadeamento implícito com o discurso de um interlocutor, portanto não ocorre em intervenções monológicas. É própria do diálogo. Introduzida por conectivos interativos tais como “bem”, “mas”, no início de réplica. O discurso de Lula, por ser uma intervenção monológica, não apresenta exemplos de discurso representado implícito.

⁴² Neste trabalho, vou me deter à análise dos planos de enunciação correspondentes aos níveis de interação representados no quadro 4, por considerar que os discursos representados no quadro 3, estão também contemplados no quadro 4, por se tratarem de interações encaixadas.

os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos, (3) para que a gente possa ver as pessoas de trás (4) e as de trás possam ver a gente? ... (391) Muito obrigado (392) e até a vitória, (393) se Deus quiser, companheiros!]

Dizemos que o discurso é formulado quando está sob a forma de uma representação direta, eventualmente introduzida por um verbo de fala, dois pontos, travessão e/ou aspas: “*os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam assim para mim: [“Lula, não entres no movimento sindical, porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da [“Carta de Lavoro”], de Mussoline, e se tu entrares no sindicato, vais virar um pelego e não vais conseguir fazer nada”]*”; ou quando está sob a forma de representação indireta, caracterizada por uma modificação dos dêiticos e/ou eventualmente introduzida por um verbo de fala e um complementador: *Esse negócio de dizer [que partido de trabalhadores pode ser criado, que metalúrgico vai dirigir partido] isso é coisa do passado*; ou ainda quando está sob a forma de representação indireta livre, em que as fronteiras entre os dois discursos são diluídas, como é o caso de toda a representação do discurso do presidente veiculado à página da internet .

Dentro desse discurso totalmente representado, vamos encontrar novas formas de representação de um discurso. É disso que passamos a nos ocupar daqui por diante.

Por ser o discurso do presidente Lula “contaminado”, “habitado”, “atravessado” por muitas vozes, tomaremos como *corpus* apenas alguns recortes, muitos, inclusive, feitos por ocasião das análises hierárquico-relacionais, mesmo porque esses recortes representam as principais estratégias polifônicas utilizadas pelo presidente para atingir seus objetivos.

5.4.1 As vozes que anunciam a introdução ao assunto “Davos”.

Essa primeira grande intervenção, como já vimos, no capítulo IV, por ocasião das análises hierárquico-relacionais, representa a parte em que o presidente introduz o

principal objetivo do seu discurso. É a partir dessa intervenção que o presidente Lula começa a mostrar, por meio de uma explanação predominantemente argumentativa, a importância de sua viagem a Davos. E fez isso, sempre, utilizando-se de retomadas polifônicas e autofônicas.

[143) Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que L'[era preciso transformar o Fórum num instrumento, (144) primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; (145) segundo, que não fosse utilizado por ninguém.] (146) Quando fui convidado para vir aqui, (147) eu ainda disse aos companheiros: L'[(148) “É preciso que vocês pensem [] se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, (149) porque eu serei o primeiro Presidente.”] (150) E me disseram: C[(151) “Lula, você pode ir, (152) porque você é o anfitrião do III Fórum Social Mundial.”] (153) Mas, hoje, já me comprometi publicamente, (154) porque um companheiro da Índia, (155) onde vai ser o próximo Fórum Social Mundial, (156) perguntou a mim, (157) numa reunião que fiz com a Direção Mundial do Fórum, (158) C[se eu iria, (159) no ano que vem, à Índia]. (160) E disse para ele: L'[(161) vou à Índia. (162) Se for necessário, (163) vou à China (164) e, se for necessário, (165) vou aonde me convidarem, (166) porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos.] (167) E, portanto, acho que L'[] não apenas eu, (168) acho que L'[Joutros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, (169) o que deseja o povo (170) e como o povo quer que as coisas aconteçam.]]

Podemos observar que a intervenção destacada se constrói por meio de discursos representados formulados, ora polifonicamente e ora autofonicamente. A forma linguística “disse” introduz o discurso do presidente no passado por duas vezes “disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que L'[era preciso transformar o Fórum num instrumento... ninguém.]” e “eu ainda disse aos companheiros: L'[(147)

“É preciso que vocês **pensem** *CI*] se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, (149) porque eu serei o primeiro Presidente.”] A inserção desse discurso representado formulado e autofônico sugere um presidente preocupado em mostrar aos seus alocutários que ele não estava ali, no III Fórum Social, “oferecidamente”. O presidente quer deixar bem claro que, ao contrário, ele hesitou em aceitar o convite, justamente porque sempre defendeu a idéia de que o Fórum não deveria ser utilizado para fins políticos, e agora, na condição de presidente de um país isso poderia adquirir tal conotação. Essa idéia se confirma por meio do também discurso representado, porém designado e polifônico, introduzido pela forma verbal **pensar**, que expõe a possível reflexão que os companheiros deveriam fazer; trata-se de uma polifonia que vem encaixada à voz autofônica do presidente.

Vale ressaltar que chamamos de discurso “designado” aquele cujo conteúdo não está explícito, ou seja, todo discurso que for designado por um verbo ou por um sintagma nominal, geralmente uma nominalização: verbos como suplicar, achar, pressupor, pensar...; ou sintagmas nominais como súplica, chamada... entre outros, que também sugerem a presença de uma voz diferente da voz do narrador.

Logo em seguida, como se fosse num diálogo romanesco, o presidente simula a voz dos companheiros por meio de um discurso representado diretamente. Utilizando-se do verbo discendi “**disseram**”, o presidente representa fielmente a voz dos companheiros do social, mostrando que sua presença ali fora legitimada por eles: : *CI* (151) “Lula, você pode ir, (152) porque você é o anfitrião do III Fórum Social Mundial.”]

Ainda nessa mesma intervenção, Lula recorre a uma outra polifonia, desta vez expressa por um discurso representado formulado indiretamente. A forma verbal **perguntou** introduz a voz de um companheiro da longínqua Índia: (156) **perguntou a mim** ..., (158) *CI*] se eu iria, (159) no ano que vem, à Índia]

Mais uma vez imitando um diálogo, o presidente simula sua própria resposta: (160) *E disse para ele: L'[(161) vou à Índia. (162) Se for necessário, (163) vou à China (164) e, se for necessário, (165) vou aonde me convidarem, (166) porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos.]* Nesse caso, Lula utilizou-se de um discurso formulado diretamente na tentativa de mostrar aos seus alocutários que ele deveria ir, não só ao Fórum Social de Porto Alegre, mas também a todos os outros fóruns que viriam a se realizar, pois tinha sido legitimado para isso por “eles”, os companheiros do Social.

Ainda nesta intervenção, o presidente se utiliza de mais duas autofonias, uma encaixada à outra. Aliás, essa parece ser uma constância em todos os discursos de Lula: a opção pela representação de vozes encaixadas umas às outras, formando, às vezes, um verdadeiro “túnel”. Desta vez, ele lança mão do discurso representado designado, introduzido pelo verbo “**acho**”: *que L'[] não apenas eu, (168) **acho** que L'[] outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, (169) o que deseja o povo (170) e como o povo quer que as coisas aconteçam.*

Esse discurso designado e autofônico começa a nos sugerir os objetivos do pronunciamento do presidente. Primeiro, a sugestão de que devemos enfrentar todos os obstáculos, inclusive Davos, o que é a tônica de todo o seu pronunciamento, e segundo, que é preciso ir aos fóruns para saber o pensamento e o desejo do povo. Ou seja, “tudo pelo povo”.

5.4.2 As vozes que preparam e anunciam as justificativas da viagem à “cova dos leões”

As próximas intervenções representam a parte do discurso do presidente em que ele se prepara para justificar sua viagem a Davos, fórum tão antagonico ao Fórum Soci-

al. É nesse trecho que temos o foco das narrativas polifônicas. Ali Lula apresenta várias pequenas narrativas expondo fatos do seu passado, sempre com a intenção de mostrar aos alocutários que é preciso enfrentar os obstáculos, e isso inclui Davos.

(179) E aí **lembrei** de uma coisa: (180) **L'** [quando comecei minha vida sindical,(181) os meus amigos mais inteligentes e mais espertos **diziam** assim para mim: (182) **VAA** [“Lula, não entres no movimento sindical, (183) porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da **M** [“**Carta de Lavoro**”], de Mussoline,(184) e se tu entrares no sindicato,(185) vais virar um pelego (186) e não vais conseguir fazer nada”]. (187)Eu entrei no sindicato e, (188) em três anos,(189) nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro, (190) que hoje é um dos mais importantes do mundo.]

A forma lingüística **lembrei** introduz um discurso representado formulado diretamente e autofonicamente, voz do próprio Lula no passado: : **L'** [*quando comecei minha vida sindical, os meus amigos mais inteligentes e mais espertos **diziam** assim para mim: **VAA** [“Lula, não entres no movimento sindical, porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da **M** [“**Carta de Lavoro**”], de Mussoline, e se tu entrares no sindicato, vais virar um pelego e não vais conseguir fazer nada”]. Encaixado a essa voz, introduzido pela forma lingüística **diziam**, temos um discurso representado formulado, também diretamente, porém polifônico. Trata-se de uma voz amiga e alheia representando os gaúchos, já que foi elaborada numa variável lingüística gaúcha: “entres”, “tu”, “entreres”, “pelego”. A função dessa voz parece a de querer estabelecer uma relação de proximidade entre o locutor e seus interlocutores “público”. Considerando-se que o evento se passava em Porto Alegre – capital gaúcha – podemos dizer que o presidente tenta, por meio de falares regionalistas, a busca da aproximação pessoal, característica de todo discurso político, como já mostramos por ocasião da análise referencial.*

Nesse mesmo discurso, temos também o uso de aspas para representar um discurso formulado polifônico que faz referência ao corporativismo fascista introduzido

por Mussoline na Itália durante a II Guerra Mundial. Tentativa de mostrar que o “seu sindicato” era democrático e respeitava a liberdade política do outro.

(194)...não se **pressupunha** VAC [] a criação de um partido político. (195)E havia quem **disse** para mim (196) VAC [“ Olha, no Brasil não cabe um partido como o PT. (197) Esse negócio de **dizer** VAC [que partido de trabalhadores pode ser criado, (198) que metalúrgico vai dirigir partido,(199) isso é coisa do passado. (200) Não há, na sociedade brasileira ou mundial, exemplo disso.”]]

Nesse exemplo, temos a representação de três vozes alheias contrárias, encaixadas umas às outras. A primeira, introduzida pela forma lingüística **pressupunha**, consiste em um discurso designado e polifônico. A segunda consiste em um discurso representado, formulado de maneira direta e polifônica; marcado pela forma lingüística **dissesse**. A terceira voz, que é uma voz alheia citando outra voz alheia, vem em forma de discurso representado formulado, porém indiretamente, marcado pelo verbo de fala **dizem** e pela conjunção **que**. O locutor parece recorrer a tais vozes (tanto as vozes analisadas no parágrafo anterior, quanto estas últimas) para dar-lhes a função de trazer à tona um bloco de obstáculos, de forças contrárias ao objetivo pretendido por ocasião da enunciação das mesmas. Novamente temos a sugestão de que não se pode fugir dos problemas, é preciso ir até eles.

(204)...**vou contar** para vocês (205) L’ [em 1978, entramos em greve no ABC (206) e o presidente da Federação das Indústrias correu ao II Exército para **dizer** ao General Dilermando que **PFI** [era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo.] ... (214) e **falei**: L’ [“General Dilermando, **estou vendo** nos jornais que **J** [] o senhor convidou o Presidente da FIESP, (216) para atender o presidente da FIESP.

Temos agora outra pequena narrativa apresentando as formas lingüísticas **vou contar** e **falei** introduzindo discursos representados formulados diretos e autofônicos. A forma verbal **dizer** introduz um discurso representado formulado indiretamente e polifônico que corresponde à voz do presidente da FIESP, e o sintagma **vendo nos jornais**

apresenta em forma de discurso designado, a voz dos jornais da época. Essas vozes têm a função de mostrar a persistência do locutor em lutar por um ideal e não desistir do seu objetivo.

A próxima intervenção representa a parte onde Lula expõe as razões, as justificativas da viagem a Davos. Depois de narrar as “historinhas” do passado, mostrando que ele foi perseverante, não fugiu da responsabilidade, enfrentou todos os obstáculos e, por isso, venceu, o presidente passa, então, ao cerne do seu pronunciamento, que significa: devo ir a Davos:

(220) *Agora, quando surgiu o convite para Davos*, (221) a princípio, **falei: L'** (222) o que vou fazer em Davos? (223) E, aí, tomei a seguinte **decisão:L'** (224) sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. (225) Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. (226) Sou Presidente de um país que tem História (227) e que tem um povo. (228) E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. (229) Portanto, tomei a decisão. (230) Muita gente que está em Davos **GD** [] não **gosta** de mim , (231) sem me conhecer. (232) Quero fazer questão de ir a Davos (233) e **dizer** em Davos exatamente o que **L'**[eu **diria** para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque.] (234) **Dizer** em Davos **que L'** [não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia (235) e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra.] (236) **Dizer** a eles **que L'** [é preciso uma nova ordem econômica mundial, (237) em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, (238) para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres.] (239) **Dizer** a eles **que L'** [as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos.] (240) **Dizer** a eles **que L'** [as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo.] (241) **Dizer** a eles **que L'** [o mundo não está precisando de guerra, (242) o mundo está precisando de paz, (243) o mundo está precisando de compreensão.] (244) Eu **acho que** [] nós temos o que fazer, no mundo. (245) O que a gente não pode é ficar preso, (246) dentro do nosso mundo, (247) **achando que** [] todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

Essa intervenção já se inicia com um discurso representado, formulado diretamente e autofônico, introduzido pela forma lingüística **falei**: (220) *Agora, quando surgiu o convite para Davos*, (221) a princípio, **falei: L'** (222) *o que vou fazer em Davos?* Por meio dessa autofonia o presidente se faz a pergunta que, na verdade, ele julga que

os ativistas sociais e a mídia gostariam de perguntar e, dessa maneira, então, passa a expor seus argumentos em relação a suas “boas intenções” em Davos. Em seguida, por meio de um discurso representado e formulado diretamente, Lula introduz sua resposta utilizando-se de nova autofonia: *E, aí, tomei a seguinte **decisão**: L’[(224) sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. (225) Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. (226) Sou Presidente de um país que tem História (227) e que tem um povo. (228) E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. (229) Portanto, tomei a decisão. . (230) Muita gente que está em Davos **GD[] não gosta de mim , (231) sem me conhecer. (232) Quero fazer questão de ir a Davos...]***

Essa autofonia foi a estratégia encontrada por Lula para dizer que iria a Davos. Mas não sem antes apelar para a importância do Brasil e a eleição de um “torneiro mecânico” para a presidência do mesmo. Vejam que a menção à potência da economia brasileira, aos milhões de famintos, à História e ao povo brasileiro, causa um impacto ao ser contrastada com “um torneiro mecânico” na presidência.

Ainda nessa mesma intervenção, vamos encontrar um discurso, que optamos por chamá-lo de designado, já que o sintagma “**não gosta**” apresenta a opinião, a voz de muitos que estão em Davos: *Muita gente que está em Davos **GD[] não gosta de mim , (231) sem me conhecer***. Mais uma vez o presidente sugere que é preciso enfrentar os obstáculos. O fato de muitos em Davos não gostarem dele é mais uma razão para ele ir a Davos.

Essas vozes parecem preparar a introdução do próximo grupo de vozes: *...dizer em Davos exatamente o **que L’ [eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui no palanque.] Dizer em Davos **que L’ [não é possível continuar uma ordem eco-*****

*nômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra.] **Dizer a eles que L'** [é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado de riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países mais pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres.] **Dizer a eles que L'** [as crianças negras da África tem tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos.] **Dizer a eles que L'** [o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão.]*

Notamos que todas essas vozes podem ser consideradas discursos representados formulados indiretamente e aparentemente autofônicos. Porém, essas vozes não pertencem somente ao locutor. Não é apenas a voz de Lula no futuro que se enuncia ali. Na verdade, trata-se de uma falsa autofonia. O que temos é uma voz coletiva, que representa o desejo da sociedade. É a própria voz dos companheiros do III Fórum Social Mundial que será dita em Davos, ou melhor, é a própria voz do povo. Portanto, o aparente discurso autofônico é também um discurso representado polifônico.

Após esse conjunto de discursos representados formulados auto/ polifônicos, o locutor finalmente chega ao seu objetivo principal, e o apresenta por meio de um discurso representado e designado pelo verbo “**achar**”:

(244) *Eu **acho que L'** [] nós temos o que fazer, no mundo.*

(245) *O que a gente não pode é ficar preso,*

(246) *dentro do nosso mundo,*

(247) ***achando que VC[] todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.***

Aqui temos uma polifonia encaixada a uma autofonia. Trata-se de discursos formulados designados, uma voz do presidente, e encaixada a ela a voz da coletividade, que possuem a função de explicitar o “silogismo” que o presidente sugeriu durante todo o seu discurso, ou seja, o enunciado “não se pode ficar preso dentro do nosso mundo” pode ser interpretado da seguinte maneira: “é preciso enfrentar todos os obstáculos, por

maiores que sejam” logo “tenho que ir a Davos e lutar por nossos direitos”. E assim Lula acaba por convencer a uma multidão extasiada (ainda sob o manto da inocência dos que acreditavam que um homem do povo na presidência poderia fazer a diferença) que Davos era preciso.

5.4.3 As vozes que concluem os argumentos, apresentados pelo presidente, para ir a Davos

Passemos, agora, às análises referentes à intervenção final do cerne do pronunciamento do presidente Lula. Nessa intervenção, o presidente finaliza seu discurso, mais uma vez, recorrendo primeiramente à autofonia e, logo em seguida, à polifonia: (369) *Gente, quero me despedir de vocês, (370) quero terminar **dizendo** aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: L’[(371) pelo amor de Deus, não desistam, (372) porque vocês conseguiram, (373) em três anos, (374) construir uma das coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu. (375) Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, (376) a verdade é que, (377) depois do Fórum de Porto Alegre, (378) Davos já não tem mais a força que tinha, (379) antes de existir o Fórum Social Mundial. (380) A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos (381) e, agora, todos são obrigados a saber que têm que **discutir VC[] os problemas sociais. (382) Vocês conseguiram um espaço na História. (383) A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que I[era um “encontro de esquerdistas”,] (384) a dizer que I[era um “encontro dos malucos do mundo”], (385) hoje reconhece, (386) em todas as primeiras páginas dos jornais: I[(387) o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea]. (388) E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, (389) de forma decisiva, (390) para que a gente mude a História da Humanidade.]***

Podemos observar que já no início da intervenção, Lula opta por apresentar suas considerações finais por meio de um discurso representado formulado direto e autofônico, que vem introduzido pela forma lingüística “dizendo”: (370) *quero terminar **dizendo** aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: L’[(371) pelo amor de Deus, não desistam ... para que a gente mude a História da Humanidade.]*

Toda essa autofonia tem a função de destacar a importância do Fórum Social Mundial e desconstruir a importância do Fórum Econômico. Sempre de maneira muito apelativa.

Nesse discurso representado formulado, vamos encontrar novas representações encaixadas. Trata-se de um discurso designado que representa a voz da coletividade: *todos são obrigados a saber que têm que **discutir VC[] os problemas sociais***. Essa polifonia vem reforçar as razões da viagem e deixar bem claro que ir a Davos representa reforçar o Social, como bem mostramos no capítulo III, por ocasião das análises referenciais.

Ainda encaixadas nesse mesmo discurso formulado, vamos encontrar mais três instâncias enunciativas. Trata-se da representação da voz da Imprensa. As duas primeiras vozes vêm marcadas por aspas e a terceira vem em forma de discurso representado formulado diretamente: *A imprensa, que começou, no I Fórum, a **dizer que I[era um “encontro de esquerdistas”], (383) a **dizer que I[era um “encontro dos malucos do mundo”], (385) hoje reconhece, (386) em todas as primeiras páginas dos jornais: I[(387) o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea].*****

Vale observar que, embora as duas primeiras vozes pareçam ser representadas com as características sintáticas do discurso indireto “**começou ... a dizer que**”, elas

ainda vêm marcadas com as aspas, que, na verdade, caracterizam o discurso direto. Essa duplicidade de marcas lingüísticas para essas polifonias destaca o fato de que quem diz que o Fórum Social é “o maior evento político realizado na história contemporânea” não é o presidente Lula. É a imprensa, que não perdoa e nem isenta ninguém. A própria imprensa que “bateu”, agora reconhece a grandiosidade do Fórum Social. Isso, dito por meio da voz do outro, e um outro, tão implacável como a mídia, dá a essa asserção muito mais credibilidade e, conseqüentemente, poder de persuasão. Posto dessa maneira, o Fórum Social Mundial simplesmente ofuscou, aniquilou, destruiu Davos.

Segundo toda essa polifonia e autofonia do presidente Lula, o anti-Davos é o grande vencedor. E ainda, segundo ele, é claro que aquele contexto era bem diferente do atual, o Fórum Social contribuiria “para que a gente mude a história da humanidade”, porém, resta-nos saber quantos dos alocutários do presidente, que se deixaram persuadir por ocasião dessa enunciação, ainda se deixariam convencer hoje.

As análises realizadas neste capítulo vieram reforçar o que as análises hierárquico-relacionais já haviam mostrado no capítulo IV: a tese de que a polifonia é uma das operações discursivas que possibilitam ao enunciador trazer para o interior de seu texto “fatos”, “dados” e “conhecimentos” que se constituem como fortes argumentos dentro de um discurso.

O presidente Lula, ao trazer para o seu discurso, fatos e acontecimentos do seu mundo, utilizando-se de retomadas polifônicas e autofônicas, fez dessa polifonia e autofonia uma estratégia discursiva cujo poder de persuasão foi de uma eficácia incontestável. É possível afirmar que o presidente, ao apropriar-se desse jogo polifônico e autofônico, cria “um efeito de real” que dá veracidade e, conseqüentemente, credibilidade ao seu discurso.

Foi essa polifonia, aliada à autofonia, que permitiu que o presidente buscasse a aproximação pessoal com seus alocutários e conquistasse, assim, a sua confiabilidade. Permitiu, ainda, que Lula construísse uma figura de autoridade, cuja função era apresentar a imagem de um presidente recém-eleito, de “origem humilde” e “ideologia de esquerda”, que precisa ir a Davos dar um “recado” aos mais ricos do mundo; que precisa ir a Davos como redentor da humanidade, como se só ele, Lula, pudesse ser o “salvador” dos pobres e sofridos do mundo inteiro.

Essas retomadas polifônicas e autofônicas tornam bastante clara a necessidade (além da necessidade de convencer seus alocutários de que era preciso ir a Davos) de afirmação de um sujeito que tenta se construir como presidente de uma nação, oscilando em busca dos seus principais destinatários: a legião do social, o grupo de poderosos de Davos, a mídia e o povo, o que vem constituir o que chamamos de metáfora do pêndulo.

Podemos dizer, portanto, que as estratégias polifônicas e autofônicas de Lula levaram-no a uma sustentação política que não só legitimaram sua viagem a Davos, como também conferiram a ele PODER, por ocasião de sua estada na “*cova dos leões*”. A mídia nos mostrou que o fato de a viagem de Lula ter sido legitimada, autorizada, referendada pelos “companheiros do social” conferiu-lhe um poder de estadista em Davos. Poder que, segundo a própria mídia, jamais tinha sido “dado” a um presidente do terceiro mundo.

Essas conclusões iniciais, concernentes às análises enunciativas e polifônicas, serão mais bem desenvolvidas no próximo capítulo – onde apresentaremos as considerações finais –, por se tratar de conclusões que requerem informações de todas as análises empreendidas neste trabalho.

CAPÍTULO VI

Conclusões

...vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus... é que eu posso cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à presidência da República de nosso país.

Luís Inácio Lula da Silva – III Fórum Social Mundial de 2003.

O objetivo principal que nos levou à elaboração desta dissertação foi o desejo de mostrar como e por que o presidente Luís Inácio Lula da Silva, utilizando-se de seu pronunciamento no III Fórum Social Mundial, buscou legitimar sua viagem à “cova dos leões”, ou seja, Davos. A hipótese inicial apontava uma relação entre essa legitimação e as histórias contadas pelo presidente; histórias que, num primeiro olhar, já se apresentavam com a encenação de inúmeras vozes de outrem (polifonia).

Devido à complexidade desse pronunciamento e à multiplicidade de abordagens que ele exigia, optamos por adotar as orientações teórico-metodológicas defendidas pelo Modelo de Análise Modular. Para tratar de um *corpus* complexo, num tempo em que a necessidade da religação dos saberes não pode mais ser ignorada, nada melhor do que um instrumental que nos permita um olhar também complexo sobre esse *corpus*.

Dessa forma, o Modelo de Análise Modular, por representar esse tipo de instrumental, nos permitiu a compreensão da complexidade das atividades discursivas no pronunciamento do presidente Lula, bem como propor uma interpretação para a função dessas atividades discursivas; interpretação esta que não se pretende única, considerando que um texto é passível de uma pluralidade de leituras.

Sendo assim, na tentativa de deslindar a complexidade discursiva do pronunciamento do presidente Lula, a fim de comprovar a nossa hipótese inicial, começamos pela

descrição dos módulos referencial e interacional, que evidenciou um tipo de polifonia para a qual ainda não havíamos atentado.

Trata-se de uma polifonia que aponta para a presença do outro para quem o presidente Lula elaborou o seu discurso. Não se trata aqui da representação da voz do outro “personagem”, como a que ocorre no nível mais interno de um quadro interacional. Trata-se de uma polifonia velada, que se dá no nível de interação entre o presidente e seus alocutários, sejam eles ativistas sociais, poderosos de Davos, mídia ou povo (terceiro nível de interação, mais interno, representado no quadro interacional 4). Nessa polifonia, o presidente Lula não representa, ali, a voz dos seus alocutários, mas deixa bem clara a presença deles quando apela para ações discursivas que sinalizam essa presença.

É essa polifonia a responsável pela metáfora do pêndulo, pois, embora não represente a voz do outro (3ª pessoa), ela aponta a presença do outro “alocutário” (2ª pessoa), ou melhor, a presença dos vários alocutários do presidente, o que nos sugere uma oscilação, um movimento de pêndulo em relação aos destinatários desse discurso.

Vale lembrar que foi o próprio Bakhtin o primeiro a perceber que a linguagem é dialógica (polifônica) duas vezes: primeiro, porque ela é sempre perpassada pelo outro, concernente a outros discursos já constituídos que emergem na fala de um locutor/narrador; e segundo, porque ela é também perpassada pelo outro para quem se planeja e se ajusta essa fala.

As análises referenciais e interacionais mostraram, ainda, que essa polifonia, ocorrida nesse nível de interação, é responsável pelo estabelecimento de atividades discursivas, tais como a atividade de aproximação pessoal e a atividade de construção da confiabilidade que são as responsáveis pela construção da figura de autoridade do presi-

dente Lula: a figura de redentor da humanidade, de salvador da pátria, de protetor dos pobres, fracos e indefesos.

A descrição e a análise dos módulos referencial e interacional nos permitiram, também, a identificação de uma polifonia que se deu no nível mais interno de interação (representado no quadro 4). Trata-se de uma polifonia que corresponde à representação das vozes dos personagens das histórias narradas pelo presidente Lula. Vozes que correspondem à encenação dos fatos e acontecimentos trazidos pelo presidente para a “*mise en scène*” de suas narrativas, as quais constituíram o objeto de nossa análise nas formas de organização enunciativa e polifônica.

Em seguida, procedemos às análises hierárquico-relacionais, que nos permitiram identificar a força argumentativa que predomina nas relações interativas que constroem o pronunciamento do presidente Lula. Elas nos mostraram que as vozes (polifonia ou autofonia) que o presidente Lula representa no nível mais embutido do seu pronunciamento (nível da encenação das histórias contadas por ele) constituem operações discursivas cuja força argumentativa é inquestionável. Na medida em que possibilitaram ao presidente trazer para o interior de seu texto “fatos”, “dados” e “conhecimentos” do seu mundo e do seu passado, essa polifonia ou autofonia tornaram mais reais e verdadeiros os argumentos expostos por Lula em relação à viagem à “*cova dos leões*”, o que lhes conferiu maior poder persuasivo.

Finalmente, as análises enunciativas e polifônicas nos permitiram identificar e interpretar as diversas vozes encenadas pelo presidente dentro das pequenas narrativas que ele distribui ao longo do seu pronunciamento.

Tais análises, juntamente com dados referenciais e interacionais, nos possibilitaram a identificação da presença de um “sujeito descentrado ou cindido⁴³”, que nos sugere a presença dos vários Lulas que se enunciam no discurso do presidente: um Lula locutor (1ª pessoa), outro Lula interlocutor (2ª pessoa) – que aparece quando os interlocutores do presidente se dirigem a ele, nos discursos representados e polifônicos – e um outro Lula personagem (3ª pessoa), que aparece sempre nos discursos representados e autofônicos.

Essas análises apontaram, ainda, uma complexidade discursiva decorrente dos diversos encaixamentos de discursos representados. São discursos que ora encenam a voz de outrem (3ª pessoa): a voz dos amigos, a voz dos inimigos, a voz dos ativistas, dos companheiros, a voz da imprensa, entre outras; e ora encenam a própria voz do presidente no passado ou no futuro (1ª pessoa – ou sujeito da enunciação). Para dar conta de toda essa complexidade polifônica e autofônica, foi preciso contar com as informações fornecidas por todas as análises empreendidas nos capítulos anteriores.

As análises enunciativas e polifônicas mostraram que o jogo polifônico e autofônico, quando se dá no âmbito do discurso representado de forma direta, por reproduzir na integridade a voz de outrem ou sua própria voz, dá às histórias contadas por Lula uma impressão de autenticidade e realidade, o que lhe garante maior credibilidade.

Não menos raro é o apelo do presidente ao discurso representado de maneira indireta. Muitas vezes, agindo dessa forma, Lula faz confundir sua própria voz (autofonia) com a voz de outrem (polifonia), principalmente quando quer fazer confundir sua voz com a voz do povo, ou dos ativistas sociais, o que o aproxima ainda mais desses alocutários. Mais esporadicamente, ele apela para a presença de encaixamentos de discursos

⁴³ Ver Pires 1997, p.145-156.

representados designados que introduzem de forma “velada”, quase que imperceptível, a voz de outrem ou a sua própria voz, no passado ou futuro.

Essas análises nos mostraram, também, que a encenação de todas essas vozes (seja por meio do discurso representado formulado diretamente ou indiretamente, ou seja, por meio do discurso representado de maneira designada), aliada à polifonia evidenciada pelas análises referenciais e interacionais, levou o presidente Lula a alcançar adesão quase que total dos seus alocutários. Principalmente da massa mundial que luta pelas causas sociais em todo o planeta. E, certamente, foi isso que lhe permitiu chegar forte ao Fórum Econômico de Davos e lá conquistar *status* de estadista.

Vale lembrar, porém, que o presidente Lula, nos Fóruns Sociais de 2004 e 2005, compareceu de maneira bem mais discreta e não causou tanto encantamento à legião do social, nem tampouco, ao povo e à mídia.

Em janeiro de 2006, pela primeira vez, Lula não compareceu ao Fórum Social Mundial. Tentou desculpar-se (utilizando-se, como sempre, de sua polifonia/autofonia) dizendo que estava “cuidando dos problemas do país”. Porém, dessa vez, Lula não convenceu quase ninguém. Todos sabemos que o presidente está enfraquecido, devido, sobretudo, aos escândalos ocorridos no PT.

Num momento em que os socialistas voltam a acreditar que o povo da América Latina está reconquistando um espaço de luta e desenhando um futuro para o continente que tenha a sua “cara”, a imagem de Lula e seu governo, tão associada ao neoliberalismo e suas mazelas, parece não caber mais num evento como o Fórum Social Mundial.

Quanto ao atual desempenho de Lula junto aos poderosos de Davos, basta a manchete da Folha de São Paulo, do dia 28 de janeiro deste ano, para nos dar a tônica do seu rumo: “*Brasileiros sentem “vergonha” em Davos*”, referência aos depoimentos

de Alain Belda e Jorge Gerdau, poderosos empresários brasileiros do ramo da mineração, sobre a sua participação num debate sobre recursos naturais, em Davos.

Para o jornalista Clóvis Rossi, da Folha de São Paulo, talvez esses depoimentos tenham sido o melhor retrato da participação brasileira em Davos, em 2006.

Tudo isso nos sugere que o efeito persuasivo do pronunciamento do presidente Lula, em Porto Alegre, e, conseqüentemente, o encantamento que esse efeito persuasivo gerou em seus alocutários, sejam eles ativistas sociais, poderosos de Davos, mídia ou povo, não foram capazes de resistir ao curso da História.

BIBLIOGRAFIA

ARDOÍNO, Jacques, A complexidade. In. MORIN, Edgar (org.) *A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de divulgação

científica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: As não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 107-131.

_____. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 19, p. 25-42, julho/dezembro, 1990.

_____. Dialogismo e Divulgação Científica. *Revista do NU-DECRI*. Campinas, n. 5, março, 1999.

_____. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, n. 25, p. 91-151, 1982.

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y.F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. De P. Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Trad. de M. G. Novak e L. Néri. São Paulo: Ed. Nacional/Edusp, 1966.

CARIELLO, Rafael. Organização diz que Fórum não é chavista. Folha de São Paulo, 23 de janeiro de 2006, p. A 7.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. *Dire et ne pas dire*. Paris, Harman, 1972.

_____. *La preuve et le dire*. Paris, Mame, 1973.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. São Paulo: Perspectivas, 1988.

DURÃO, Jorge Eduardo Saavedra. Começando o balanço do Fórum Social Mundial. Artigo disponível no site www.forumsocialmundial.org.br/dinamic/por_bdurao.php.

FARACO, Carlos Alberto; Tezza, Cristóvão e CASTRO, Gilberto de. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba. Editora da UFPR, 2001.

FILLIETTAZ, L. Actions, activités et discours. Genebra: Faculte des Lettres / Université de Genève, 2000 (tese de Doutorado)

FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In B. BRAIT (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática. 1988.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto e Edusp, 1989.

GALEANO, Eduardo. Los valores sin precio. [Discurso de Eduardo Galeano no III Fórum social mundial]. Disponível no site www.forumsocialmundial.org.br.

GASPAR, Malu; OLTRAMARI, Alexandre. Por que os discursos de Lula causam polêmica. Revista Veja, nº 27, 09 de julho de 2003.

GOFFMAN, E. *Les cadres de l'expérience*. Paris: Minut, 1991.

HAQUIRA, Osakabe. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KOCH, Ingedore V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LANNA, Maria dos Anjos Lara. *Ação, experiência e discurso: a gestão da mudança na hipnoterapia*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG. (2005).

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. São Paulo: Pontes, 1997.

_____. *L'énunciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 1994.

_____. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

_____. *Elementos de Linguística para a análise do discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARINHO, Janice Helena Chaves. *O funcionamento Discursivo do Item “onde”: uma abordagem modular*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG. (2002).

_____. *Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso*. *Rev. Anpoll*. nº 16. São Paulo: jan/jun. 2004. p.1-500.

_____. Descrição da Organização Relacional de uma Troca Epistolar. In: MACHADO, Ida Lúcia e Mello, Renato (org.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE / UFMG, p. 299-312.

_____. *A organização relacional de um conto machadiano*. Inédito.

_____. A determinação da unidade textual mínima. In MARINHO & PIRES. *Análise do discurso: ensaio sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2006. No prelo.

MORIN, Edgar (org.) *A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOIGNE, Jean-Lois Le. Complexidade e sistema. In: MORIN, Edgar (org.) *A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOSCA. Lineide do Lago Salvador (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso – Princípios & Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Discurso e Texto - formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: pontes, 2001.

PIRES, Sueli. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência, UNIP, 1997.

PIRES, Maria Sueli de Oliveira e LANA, Maria dos Anjos Lara. *Teoria do Medalhão: a ambigüidade como estratégia discursiva*. Inédito.

PIRES, Sueli; ROULET, Eddy. Uma visão modular da complexidade discursiva. In: MARI, Hugo et al. (org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE / UFMG, 2001, p. 63-91.

RIBEIRO, Renato Janine. Ideais com deságio. *Revista Cult*, nº 71/2003, p. 15-17.

ROSSI, Clóvis. Brasileiros sentem ‘vergonha’ em Davos. *Folha de São Paulo*, 28 de janeiro de 2006, p. A 12.

ROULET, Eddy. *La description de l’organisation du discours*. Paris: Didier, 1999.

_____. Une approche modulaire de la complexité de l’organisation du discours. In: Nølke, H. & Adam, M. *Approches Modulaires: de la langue au discours*. Lausanne-Paris, Delachaux et Niestlé S.A., 1999, pp.187-257.

_____. *Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso*. In: MARI, Hugo et all. (org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 1999.p. 63-91.

ROULET, Eddy; FILLIETAZ, Laurent; GROBET, Anne (avec la collab. de Marcel Burger). *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Peter Lang, 2001.

RUFINO, Janaína de A. & Brunetti, Regina C.V. A organização enunciativa/polifônica em Uma história distraída, de Cida Chaves. In: MELLO, R. *Análise do Discurso e Literatura*. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG. 2005. p. 309-320.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. [Discurso do Lula no III Fórum social mundial]. Disponível no site www.noucicle.org/left/discurslula .

ROCHA, Fátima Cristina P. *As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia Paraense*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, Belo Horizonte. 2004.

SOARES, Isabel Cristina Rodrigues. *As narrativas orais populares da Amazônia paraense: vozes múltiplas que contam as histórias do povo*. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

STAM, Robert. *Bakhtin – da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.

VILLELA, Ana Maria Nápoles. (2003) *O caráter interacional da segmentação periódica de uma troca epistolar entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, Belo Horizonte. 2003.

VOGT, C.A. *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ática, Col. Ensaio, 1977.

VYGOTSKKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WHITAKER, Francisco. A origem do FSM. *Correio da Cidadania*. 2 a 9 de dezembro de 2000, edição nº 222.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 180-281.

_____. *Polifonia e Ética*. São Paulo: Revista Brasileira de Cultura – CULT, n.59, p. 60-63 (Ensaio).

_____. Discurso poético e discurso romanescos na teoria de Bakhtin. In: FARACO, Carlos Alberto et all. *Uma Introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988. p. 51-71.

ANEXO

DISCURSO DO PRESIDENTE LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA NO III FÓRUM SOCIAL MUNDIAL – ANFITEATRO PÔR-DO SOL EM PORTO ALEGRE.

(1) Será que seria pedir demais, (2) para que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos, (3) para que a gente possa ver as pessoas de trás (4) e as de trás possam ver a gente?

(5) Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante, (6) de qualquer organização, (7) que vai para a rua com a sua bandeira. (8) Eu acho uma coisa fantástica e inusitada. (9) Eu só estou pedindo, (10) faz tempo que eu não vejo vocês, (11) faz tempo que vocês não me vêem, (12) e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro.

(13) Eu quero, em primeiro lugar, dizer para vocês que é uma alegria maior do que a que o meu coração comporta (14) estar, outra vez, participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza, (15) que é este Fórum Social Mundial.

(16) Da outra vez que participei aqui, (17) fui fazer um debate, (18) em que o tema destinado para eu falar era (19) “Um outro Brasil é possível”. (20) E me lembro que, naquele instante, eu não tinha nem certeza de que seria candidato a Presidente da República. (21) E, hoje, (22) ao participar deste Fórum, (23) eu participo na condição de funcionário público número 1 do meu país.

(24) Quero agradecer à direção desse evento. (25) Eu sei que não é fácil, (26) sei do sacrifício que vocês estão fazendo para fazer essa organização, (27) sei do cuidado que vocês têm com a segurança.

(28) Eu, agora mesmo, Haddad, (29) estou falando, aqui, em português, (30) e deve haver companheiro aí, francês, inglês, (31) deve haver gente da China, da Índia, (32) que não está entendendo nada do que estou falando.

(33) Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, (34) e são pessoas que acreditam no Fórum Social Mundial, (35) olhem nos meus olhos, (36) que vão entender cada palavra que eu falar.

(37) Quero agradecer, aqui, aos companheiros dirigentes do Fórum, aos Ministros, (38) mas, sobretudo, quero agradecer ao povo do mundo inteiro que, (39) sem medir sacrifício, (40) veio aqui, (41) às vezes sem ter o direito de falar, (42) às vezes sem ter oportunidade de falar, (43) mas veio aqui só para dizer (44) “Eu existo, como ser humano. (45) E eu quero ser respeitado como tal.”

(46) Eu sempre disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito Presidente da República, (47) era para ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações. (48) Eu sou um homem que fez muitas reivindicações, no Brasil. (49) Eu exigi muito de cada Governo que passou aqui, antes de mim, (50) como muitos de vocês exigem, nos seus países.

(51) E o meu desejo de ser Presidente da República era o de saber (52) se, eleito Presidente da República, (53) serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações.

(54) Portanto, não tenho que me preocupar com aquilo que possíveis adversários falarem. (55) Tenho que saber que, (56) ao longo da História, (57) o movimento social brasileiro, o movimento sindical brasileiro, os partidos políticos no Brasil, as Igrejas no Brasil, as ONGs no Brasil acumularam muita experiência (58) e, junto com essa experiência acumulada, têm propostas, têm reivindicações, têm coisas extraordinárias apresentadas. (59) E eu, agora, (60) tenho quatro anos para que, (61) com muita tranquilidade,

(62) a gente possa atender, (63) senão todas, (64) aquelas que tivermos capacidade e condições de atender.

(65) Continuo com meu sonho de fazer a reforma agrária neste país. (66) Continuo com meu sonho de garantir uma escola pública de boa qualidade para o nosso povo (67) e que a Universidade não seja um privilégio de apenas 8% da sociedade, (68) mas que a Universidade seja um direito ao alcance de todos.

(69) Continuo sonhando com a possibilidade de fazer uma política de saúde, (70) em que nenhum pobre morra mais na porta do hospital por falta de atendimento médico ou por falta de assistência.

(71) Continuo sonhando em construir uma sociedade justa, solidária, fraterna, (72) onde o resultado da riqueza produzida no país seja distribuído de forma mais equânime para todos os filhos deste país.

(73) Entretanto, também aprendi, (74) ao longo da minha trajetória política – (75) e aprendi com vocês – (76) que o técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, (77) mas aquele que termina ganhando o jogo que nos propusemos jogar.

(78) Tenho quatro anos de Governo para, (79) de forma tranqüila e serena, (80) ir fazendo as coisas que têm que ser feitas neste país. (81) Quero fazer talvez o Governo mais honesto que já houve na História deste país, (82) o Governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade.

(83) Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos. (84) Na hora em que puder fazer, (85) faremos. (86) Mas, na hora em que não der para fazer, (87) com a mesma serenidade (88) e com o mesmo carinho, (89) quero dizer: (90) companheiro, não dá para fazer. (91) E tenho certeza de que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso Governo aqui no país.

(92) E por que vou agir assim? (93) Vou agir assim porque tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram, (94) que está nas costas dos meus Ministros (95) e que está, sobretudo, nas minhas costas. (96) Embora tenha sido eleito Presidente do Brasil, (97) tenho a nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, (98) não apenas aqui dentro, (99) mas para a esquerda em todo o mundo (100) e sobretudo para a esquerda na América Latina.

(101) Eu levanto todo dia, pela manhã... (102) (Se Marisa continuar com essa popularidade, (103) vai ser candidata a alguma coisa, na próxima eleição) (104) levanto todo dia, de manhã, (105) e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas. (106) Porque qualquer Governo, (107) em qualquer país do mundo (108) pode errar (109) e não acontecerá nada, (110) porque é muito normal que os governantes errem, (111) mas eu não posso errar. (112) E não posso errar porque eu não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. (113) Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. (114) Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. (115) E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. (116) Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002.

(117) Eu sei a expectativa que estou gerando nas mulheres, nos homens e nas crianças. (118) Eu nunca vi, na História do Brasil, (119) tanta expectativa, tanta esperança e tanta gente pedindo a Deus para a gente acertar. (120) E tanta gente pedindo, não emprego, (121) mas dizendo para mim: (122) “Lula, como é que eu faço para ajudar o nosso Governo a dar certo?”

(123) É essa força da sociedade, (124) e é exatamente esse capital político que fez com que a gente pudesse terminar a eleição (125) e gritasse bem alto: (126) “A esperança finalmente venceu o medo.”

(127) Eu já estive na Argentina, (128) já estive no Chile, (129) já estive no Equador, (130) e sei da expectativa que a América do Sul tem no Governo brasileiro. (131) Eu sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro têm no sucesso do nosso Governo.

(132) É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, (133) e eu volto a afirmar: (134) nós esperamos tanto para ganhar, (135) nós perdemos tanto, (136) nós sofremos tanto, (137) tanta gente morreu antes de nós, tentando chegar lá, (138) que, por esse acúmulo de compromissos, (139) quero olhar na cara de cada um de vocês (140) e dizer (141) “Eu não vou errar (142) e vou fazer um Governo voltado para os pobres deste país.”

143) Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que era preciso transformar o Fórum num instrumento, (144) primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; (145) segundo, que não fosse utilizado por ninguém. (146) Quando fui convidado para vir aqui, (147) eu ainda disse aos companheiros: (148) “É preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, (149) porque eu serei o primeiro Presidente.” (150) E me disseram: (151) “Lula, você pode ir, (152) porque você é o anfitrião do III Fórum Social Mundial.” (153) Mas, hoje, já me comprometi publicamente, (154) porque um companheiro da Índia, (155) onde vai ser o próximo Fórum Social Mundial, (156) perguntou a mim, (157) numa reunião que fiz com a Direção Mundial do Fórum, (158) se eu iria, (159) no ano que vem, à Índia. (160) E disse para ele: (161) vou à Índia. (162) Se for necessário, (163) vou à China (164) e, se for necessário, (165) vou aonde me convidarem, (166) porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos. (167) E, portanto, acho que não apenas eu, (168) acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, (169) o que deseja o povo (170) e como o povo quer que as coisas aconteçam.

(171) Qual é a novidade? (172) Qual é a novidade deste ano? (173) É que este ano, (174) por causa de vocês (175) e por causa do Fórum Social Mundial, (176) fui convidado para ir a Davos. (177) Se não fossem vocês, (178) eu não seria convidado. (179) E, aí, lembrei de uma coisa: (180) quando comecei minha vida sindical, (181) os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam assim para mim: (182) “Lula, não entres no movimento sindical, (183) porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da “Carta di Lavoro”, de Mussolini (184) e, se tu entrares no sindicato, (185) vais virar um pelego (186) e não vais conseguir fazer nada.” (187) Eu entrei no sindicato e, (188) em três anos, (189) nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro, (190) que hoje é um dos mais importantes do mundo.

(191) Em 1979, estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas (192) e eu inventei de criar um partido. (193) Aí, aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra, (194) porque na liberdade política deles não se pressupunha a criação de um partido político. (195) E havia quem dissesse para mim: (196) “Olha, no Brasil não cabe um partido como o PT. (197) Esse negócio de dizer que partido de trabalhadores pode ser criado, (198) que metalúrgico vai dirigir partido, (199) isso é coisa do passado. (200) Não há, na sociologia brasileira ou mundial, exemplo disso. (201)” Pois bem, nós fomos teimosos (202) e criamos um partido, (203) que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina.

(204) Agora, lembro de uma coisa que vou contar para vocês (205) em 1978, entramos em greve no ABC (206) e o Presidente da Federação das Indústrias correu ao II Exército para dizer ao General Dilermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. (207) Possivelmente, se pertencesse a uma organização política mais tradicional, (208) eu teria arrumado a mala (209) e teria ido para outro

lugar, (210) ficar uma semana, até a poeira baixar. (211) Como eu era mais inocente politicamente, (212) peguei um telefone (213) e liguei para o Comandante do II Exército (214) e falei: (215) “General Dilermando, estou vendo nos jornais que o senhor convidou o Presidente da FIESP, (216) para atender o Presidente da FIESP. (217) Sou Presidente dos trabalhadores. (218) Eu quero ir falar com o senhor.” (219) E ele me recebeu durante três horas.

(220) Agora, quando surgiu o convite para Davos, (221) a princípio, falei: (222) o que vou fazer em Davos? (223) E, aí, tomei a seguinte decisão: (224) sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. (225) Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. (226) Sou Presidente de um país que tem História (227) e que tem um povo. (228) E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. (229) Portanto, tomei a decisão. (230) Muita gente que está em Davos não gosta de mim, (231) sem me conhecer. (232) Quero fazer questão de ir a Davos (233) e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. (234) Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia (235) e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. (236) Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, (237) em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, (238) para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. (239) Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. (240) Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. (241) Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, (242) o mundo está precisando de paz, (243) o mundo está precisando de compreensão.

(244) Eu acho que nós temos o que fazer, no mundo. (245) O que a gente não pode é ficar preso, (246) dentro do nosso mundo, (247) achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

(248) Eu dizia, hoje: (249) isso é mais ou menos como numa família em que, de repente, aparece um filho metido em drogas (250) e, ao invés de o pai e a mãe discutirem com o filho (251) e saberem onde é que está o defeito, (252) começam a culpar a escola, (253) começam a culpar o vizinho, (254) começam a culpar o namorado, (255) ao invés de sentarem (256) e olharem para dentro do pai e da mãe (257) e perguntarem a si mesmos: (258) “O que nós deixamos de fazer, (259) para que o nosso filho não fosse drogado?”.

(260) Nós somos pobres. (261) Uma parte pode ser culpa dos países ricos. (262) Mas, uma parte pode ser culpa de uma parte da elite do continente sul-americano, (263) que governou de forma subserviente, (264) que governou de forma subalterna este país, (265) praticando os casos mais absurdos de corrupção.

(266) Só na América Latina, (267) nos últimos anos, (268) quatro governantes: Collor, no Brasil; Fujimori, no Peru; Menem, na Argentina e Salinas, no México, (269) saíram por terem praticado verdadeira rouboalheira em seus países. (270) E isso não pode continuar acontecendo. (271) Não podem os países ricos querer ajudar os países pobres aceitando depósito ou lavagem de dinheiro de quem rouba dos países pobres.

(272) Eu lembro que, uma vez, (273) havia um Presidente do Zaire, chamado Mobuto. (274) E eu lembro que, na época, (275) a denúncia era que ele tinha 8 bilhões de dólares depositados num país da Europa, (276) e o seu povo estava passando fome.

(277) Se os países ricos querem contribuir, (278) que eles não aceitem dinheiro do narcotráfico, do crime organizado. (279) E que não aceitem dinheiro dos países em que

os governantes praticaram verdadeiros roubos, (280) que devolvam esse dinheiro, (281) para ajudar o seu povo.

(282) Eu quero, meu querido Haddad, (283) terminar dizendo para vocês uma coisa. (284) Deixem-me dizer uma coisa para vocês. (285) Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é o de que vocês podem ter a certeza, (286) como a certeza e a fé que vocês têm em Deus, (287) para quem é cristão: (288) é que eu posso cometer algum erro, (289) mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país.

(290) Eu quero poder, a cada mês, a cada ano, (291) olhar na cara de cada criança, de cada mulher, de cada homem (292) e dizer: “Nós estamos construindo uma nova Nação. (293) Nós estamos construindo um novo país.”

(294) E eu teimo em dizer, todo santo dia: (295) eu hei de realizar um sonho, (296) que não é só meu, (297) mas um sonho que é de todos vocês, (298) que haverá um dia que, neste país, (299) nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida, (300) e nenhuma criança acordará sem um café da manhã.

(301) Haverá o dia em que, neste país, as pessoas poderão morrer, (302) porque nascemos para morrer, (303) mas ninguém morrerá de desnutrição, (304) como muitos morrem hoje, neste país. (305) Haverá um dia em que a gente tem que ter a consciência de que este país que eu sonho (306) e que vocês sonham (307) pode ser construído. Depende da nossa disposição de fazê-lo. (308) Depende da nossa coragem. (309) Depende da nossa disposição.

(310) E estou aqui para dizer para vocês: (311) meus companheiros e minhas companheiras do III Fórum Social Mundial, (312) haja o que houver, (313) aconteça o que acontecer, (314) tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo que me elegeu Presidente da República deste país.

(315) Governar é como uma maratona. (316) Você não pode começar a 80 por hora, (317) porque o seu fôlego pode acabar na primeira esquina. (318) Você tem que dar passos sólidos, concretos, (319) para que você possa terminar o Governo com a certeza do dever cumprido. (320) E quero poder dizer ao mundo: (321) como seria bom, (322) como seria maravilhoso (323) se, ao invés de os países ricos produzirem (324) e gastarem dinheiro com tantas armas, (325) gastassem dinheiro com pão, com feijão e com arroz, (326) para matar a fome do povo.

(327) Fico imaginando quantos bilhões e bilhões e bilhões de dólares se gastam com a guerra. (328) Soldado matando soldado. (329) Soldado matando inocente (330) e, próximo de nós, (331) crianças levantando os olhos (332) e mendigando um prato de comida, (333) que muitas vezes se joga fora (334) e não se dá para essa criança.

(335) Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, quero que vocês, (336) que são brasileiros (337) e vocês que não são brasileiros, (338) mas que estão aqui, (339) quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: (340) não faltarei a vocês. (341) Não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer. (342) E espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo, (343) para que a gente possa, (344) de uma vez por todas, (345) começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, (346) pessoas que tenham mais compromisso, (347) pessoas que acreditem que é possível a gente mudar a História da Humanidade.

(348) O nosso país, durante 500 anos, ficou olhando para a Europa. (349) Está na hora de olhar para a África e para a América do Sul. (350) Está na hora de se estabelecerem novas parcerias, (351) para que a gente possa ser mais independente, (352) fortalecer o Mercosul (353) e estabelecer uma força política para negociar. (354) Não podemos aceitar o que está acontecendo durante 40 anos, (355) o bloqueio em Cuba. (356)

Não podemos aceitar que países sejam marginalizados durante séculos e séculos. (357) E não podemos aceitar que o Brasil, (358) do tamanho que é, (359) continue a cada ano que passa sendo um país que apresente maior índice de pobreza e miserabilidade.

(360) Por isso, não poderia deixar de vir aqui. (361) Não poderia deixar de vir aqui (362) e dizer a vocês: (363) valeu a pena, gente. (364) E vai valer muito mais a pena, (365) quando a gente estiver no último dia de Governo (366) e puder provar, (367) com dados sobre dados, (368) que fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos neste país.

(369) Gente, quero me despedir de vocês, (370) quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: (371) pelo amor de Deus, não desistam, (372) porque vocês conseguiram, (373) em três anos, (374) construir uma das coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu.

(375) Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, (376) a verdade é que, (377) depois do Fórum de Porto Alegre, (378) Davos já não tem mais a força que tinha, (379) antes de existir o Fórum Social Mundial. (380) A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos (381) e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais.

(382) Vocês conseguiram um espaço na História. (383) A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, (384) a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo”, (385) hoje reconhece, (386) em todas as primeiras páginas dos jornais: (387) o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea.

(388) E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, (389) de forma decisiva, (390) para que a gente mude a História da Humanidade.

(391) Muito obrigado (392) e até a vitória, (393) se Deus quiser, companheiros!